



Coleção  
Documentos  
**78**

# A FORMA DE GOVERNO REPUBLICANA EM QUESTÃO:

ESTUDOS COM BASE NO  
PERIODISMO

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSOFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**



A FORMA DE GOVERNO  
REPUBLICANA EM QUESTÃO:  
ESTUDOS COM BASE NO  
PERIODISMO





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

# A FORMA DE GOVERNO REPUBLICANA EM QUESTÃO: ESTUDOS COM BASE NO PERIODISMO



- 78 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2023

## Ficha Técnica

Título: A forma de governo republicana em questão: estudos com base no periodismo

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 78

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, out. 1910.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Maio de 2023

ISBN – 978-65-89557-67-8

## O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

## ÍNDICE

*A Revista Ilustrada* e os primeiros aniversários da república / 9

A instauração da República Portuguesa e a imprensa ilustrada carioca / 59

Revistas ilustradas baianas e a dama republicana: breve estudo de caso / 193

*A Manchete* e o centenário da república no Brasil / 227



*A REVISTA ILUSTRADA* E OS  
PRIMEIROS ANIVERSÁRIOS DA  
REPÚBLICA

Editada no Rio de Janeiro, entre 1876 e 1898, a *Revista Ilustrada* constituiu uma das mais influentes revistas ilustradas e humorísticas do Brasil do século XIX, exercendo papel fundamental na promoção das campanhas abolicionista e republicana. O artista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini foi o responsável pela publicação que se tornou verdadeiro referencial para a arte caricatural praticada por meio da imprensa em várias partes do Brasil, chegando seus desenhos a ser reproduzidos e seu estilo imitado em vários periódicos dedicados à difusão da caricatura. Em seu número inaugural, a *Revista* expressava a vontade de que fosse aberto um caminho bem franco para mais um campeão que se apresentava na arena, de lápis em riste, pronto a combater os abusos, de onde quer que eles viessem, e a distribuir justiça com a hombridade de Salomão. Seu programa era anunciado como um dos mais simples, podendo ser resumido em poucas palavras: falar a verdade, sempre a verdade, ainda que por isso lhe caísse algum dente<sup>1</sup>. Agostini permaneceu à frente do periódico ilustrado até 1888, quando se ausentou do Brasil, voltando apenas em 1894, e viria a fundar uma outra folha denominada *Dom Quixote*<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 1º jan. 1876.

<sup>2</sup> A respeito da *Revista Ilustrada* e de Ângelo Agostini, ver: COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; MARINGONI, Gilberto. *Angelo Agostini: a imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910*. São Paulo: Devir Livraria, 2011.; MONTEIRO LOBATO, José Bento. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca*

Com a falta de Ângelo Agostini na *Revista Ilustrada*, a publicação deixaria de lado seu espírito crítico, notadamente no que tange à política, assumindo uma feição geralmente oficialista, apoiando os novos detentores do poder após a proclamação da república, mantendo uma postura predominante elogiosa quanto aos governantes. Tal posição situacionista ficaria bem demarcada nas comemorações que o periódico exerceu nos aniversários da implantação da forma de governo republicana. Na passagem do primeiro 15 de Novembro, em 1890, a revista, em referência ao Poder Legislativo, trouxe na capa o retrato de Prudente de Moraes, que fora eleito Presidente do Congresso Nacional. Na edição aparecia ainda ilustração na qual, em um palanque comemorativo à data, Deodoro da Fonseca carregava em suas mãos a imagem da alegoria republicana, com uma menina trajando as vestimentas típicas e o barrete frígio<sup>3</sup>. Em um conjunto caricatural, o bobo da corte e o crayon, dois símbolos da arte caricata, encontravam-se para registrar as “esplêndidas festas” alusivas ao evento, bem como mostrava a abertura das portas do Congresso Nacional à visitação pública e o fechamento do comércio, para a alegria dos empregados e a indignação dos patrões. Em termos textuais, foi apresentado o editorial denominado “Um ano!”<sup>4</sup>:

---

*Tatu*. 2.ed. São Paulo: Edição da *Revista do Brasil*, 1920. p. 9-40.; SANT’ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D’O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.; e TÁVORA, Araken. D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura. 2.ed. São Paulo: Documentário, 1976.

<sup>3</sup> Ver o número 70 desta Coleção.

<sup>4</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1890.

“Não nos admira a estabilidade da política moderna, de caráter puramente americano, que tão desassomburada vai no caminho de prosperidade na pátria amada;

Não nos admira que a República seja uma verdade, um fato consumado, o mais glorioso, o mais nobre de todos os fatos até então realizados em nosso querido Brasil;

Não nos admira a ordem, a ascendência do progresso, a garantia do direito e da justiça, verdadeiras utopias, ou, quando muito, disfarces efêmeros no regime decaído;

O que verdadeiramente nos vibra, nos causa espanto, nos faz genuflexar diante à grandeza de nossa nacionalidade e à força de vontade e de talento em nossos homens públicos dos tempos atuais, é esta instituição profunda e nítida do destino brilhante da nação brasileira.

Realmente, levantar-se em um ano o grande pedestal do futuro; expurgar-se em um ano de tudo o que ia de mau, de péssimo, de podre em quase um século de reinado; fazer-se em um ano o que nação alguma fez em menos de três, só é dado ao talento previdente junto ao caráter imaculado e puro.

O que os atuais dirigentes do Brasil têm feito de 15 de novembro para cá, a despeito de todos os ódios heráldicos e mesmo de alguns erros que deviam ser previstos pela nação, assiste-se, mas não se descreve.

Parabéns, pois, ao povo que conosco envia emboras ao imortal Governo Provisório pelo aniversário da nossa República e a instituição precisa que tem demonstrado da grandeza extraordinária dos destinos do Brasil.”

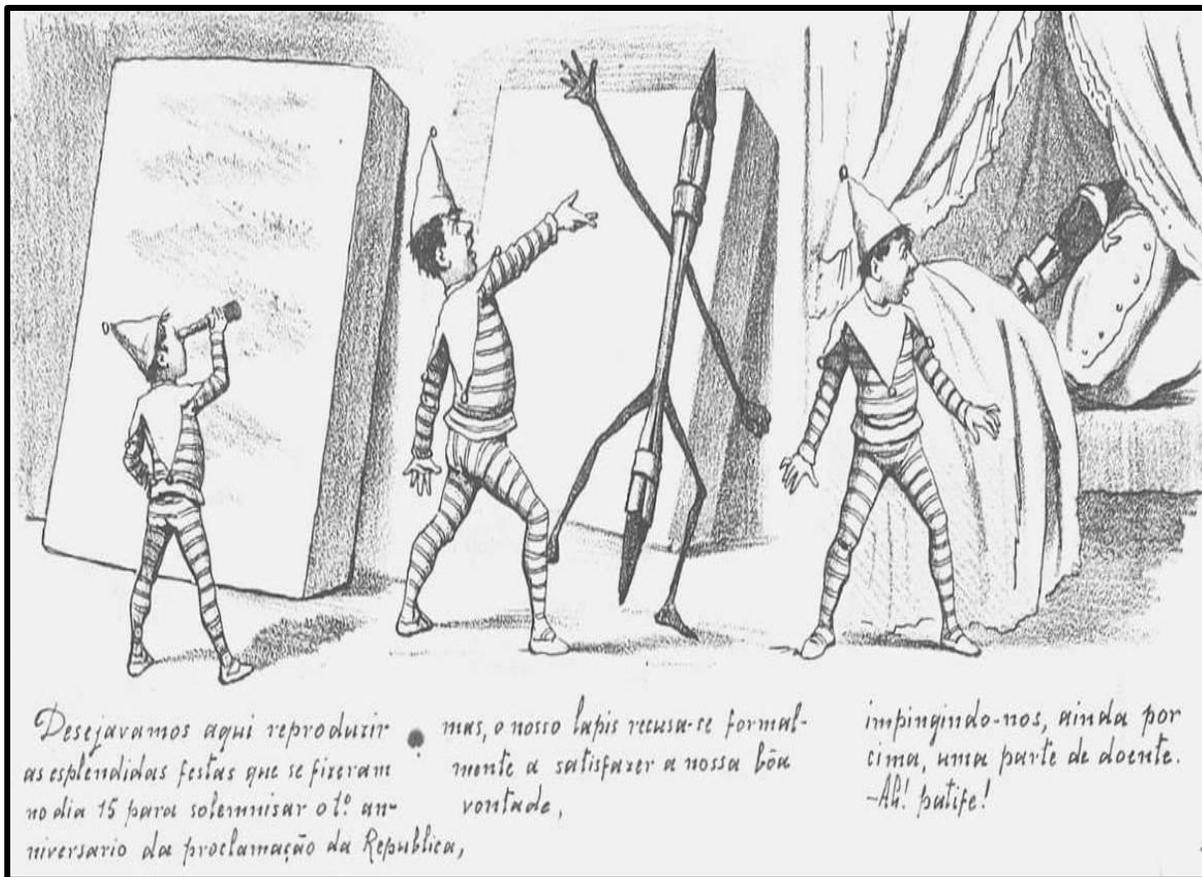
ANNO 15 CAPITAL FEDERAL, 1890. N° 607

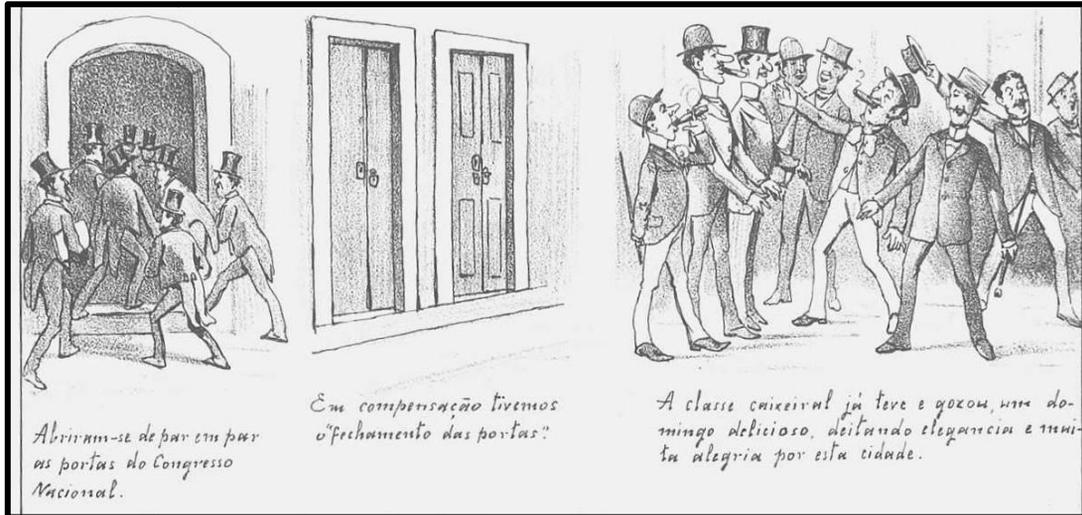
# REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI. A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.	ESTADOS	
ANNO	18000		ANNO	20000
SEMESTRE	9000		SEMESTRE	11000
TRIMESTRE	5000	AVULSO	1000	



*Dr. Prudente de Moraes.*  
*Senador pelo Estado de S. Paulo, eleito presidente do Congresso Nacional.*





O final de 1891 foi um dos momentos de grave crise para a formação republicana brasileira, com a tentativa de golpe de Estado realizada pelo Presidente Deodoro da Fonseca, desejoso de fechar o Congresso Nacional e restabelecer o regime ditatorial, com a plena concentração de poderes em suas mãos. O intento do governante foi malogrado, vindo a ser apeado do poder. Tal processo se desencadeou exatamente durante o mês de novembro de 1891, de modo que os acontecimentos marcaram a passagem do segundo aniversário da república e isso ficou demarcado nas páginas da *Revista Ilustrada*. Logo na capa aparecia o bobo da corte e um conjunto de cidadãos, representando a população brasileira, que saudavam o alvorecer, estando o sol identificado com a data da queda de Deodoro, sendo saudado “o despontar do grande sol da legalidade”. Além disso, o periódico estampou o quadro com os integrantes do novo governo que tomara posse, com o ministério sob o comando do Vice-Presidente Floriano Peixoto. A respeito da efeméride era publicado o artigo intitulado “O 2º aniversário”<sup>5</sup>:

“Há dois anos que a forma de governo republicana é um fato para nós.

Apesar de todos os elementos maus com que teve de lutar, ora a peito descoberto, em pleno campo de luta acérrima, ora no silêncio carinhoso do gabinete, sentindo, meditando sobre problemas de máxima importância ainda

---

<sup>5</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1891.

não completamente resolvidos, ela é uma verdade hoje, amanhã e depois, pelas leis da evolução.

A tendência natural da sociedade moderna é para as liberdades amplas; tendência essa que vai dia a dia se acentuando, numa ascensão lógica do espírito humano. A humanidade hoje caminha pelo cérebro, e não pode por consequência retrogradar. Não há forças que a impeçam, não há exército que a domine.

E senão basta que se lance vistas afora de nosso país. Os últimos que ficaram ainda presos, escravos das velhas instituições, deslumbrados ainda pelas belezas oficiais dos crachás irrisórios e dos títulos hereditários, estorcem-se na última agonia de quem se sente vencido pelo espírito que firma às fortalezas terríveis da ciência a bandeira branca da vitória.

É a vida que se anuncia, a vida livre e racional, que se baseia nos direitos do homem, que não poderão jamais ser postergados, porque o homem vai vencer. Tronos, palácios, laços consanguíneos de nobreza, distinções patúscas de classe, enfim toda essa velha engrenagem que foi razoável até hoje, mais cedo ou mais tarde desaparecerá diante do tipo humano, que verá somente através das lentes do espírito.

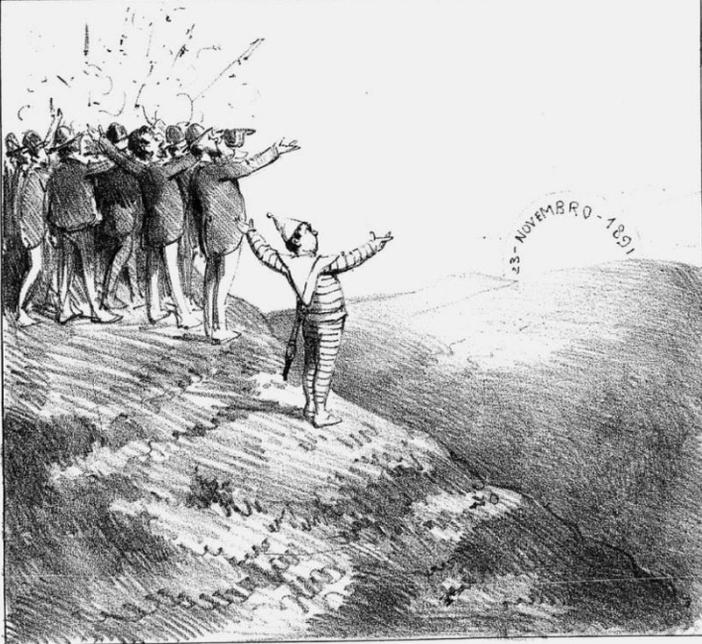
Auxiliemos por consequência o nosso país para esse grande batismo universal. Deixemos de parte as futilidades, as tolices de aldeia a politicagem compradesca, que só servem para amesquinhar o espírito nacional. E que cada

um concorra, na medida de suas forças, para saudar no 3º aniversário da República Brasileira a unificação universal”.

ANNO 16 CAPITAL FEDERAL, 1891. N° 633

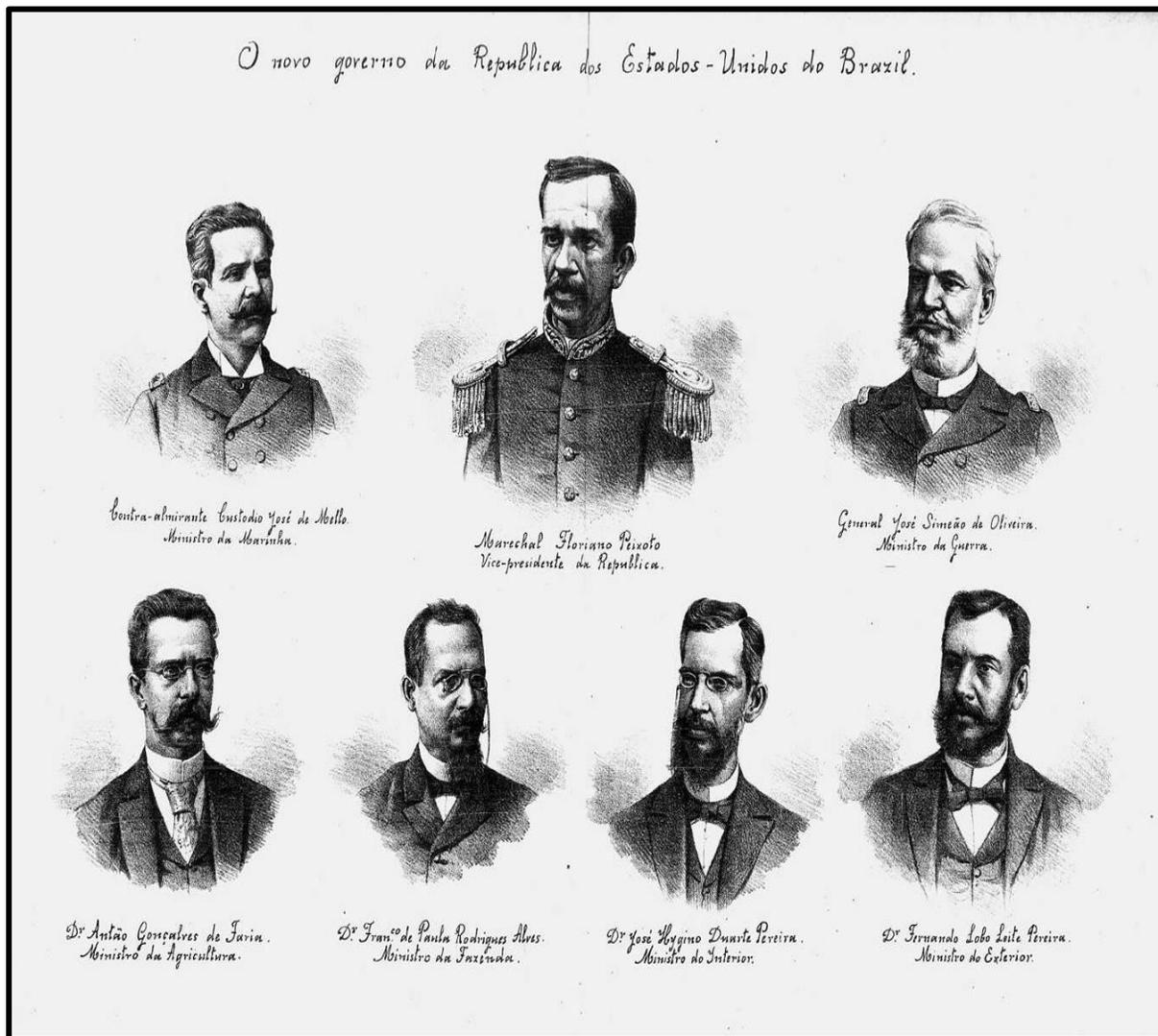
# REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL.		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.		ESTADOS	
ANNO	18000	A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas		ANNO	20000
SEMESTRE	9000	À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO.		SEMESTRE	11000
TRIMESTRE	5000			AVULSO	1000



23 - NOVEMBRO - 1891

*É com a maior alegria que saudamos o despertar do grande sol da legalidade.*



Em mais um aniversário da república, no ano de 1892, a revista apresentou um conjunto caricatural, em que, a sua representação, o bobo da corte, declarava que o periódico continuava cheio de saúde, reclamando apenas do calor. A redação da folha ilustrada lembrava a “data gloriosa”, que recebera várias festividades alusivas, as quais teriam sido “patriótica e entusiasticamente” saudadas tanto no mar quanto na terra, chegando a registrar imagetivamente um baile ocorrido em meio às comemorações. No formato de caricatura, o detentor do Poder Executivo, Floriano Peixoto, bancava um moderno Diógenes, de lanterna à mão, a procurar um indivíduo para a ocupação de um cargo público, mostrando também conflitos entre a guarda nacional e a polícia, tendo em vista o ambiente conturbado que cercava a capital naquele momento, ao passo que um suplente de policial, cantava suas mágoas. A efeméride foi demarcada pelo editorial “Ecos e notas”, que exortava a república, demarcando as propaladas vantagens dessa forma de governo sobre a outra, decaída em 1889<sup>6</sup>:

“A história política do nosso país apresenta dois períodos distintos em ação, duas fases perfeitamente divididas por um traço de luz: o império e a república.

Na primeira fase, a preparatória, que deveria educar o espírito do nosso povo, aparelhá-lo nas lutas em prol das liberdades adquiridas, a análise ampla e

---

<sup>6</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1892.

definitiva do historiador encontrará os elementos precisos para uma crítica severa à confusão dos poderes e à única vontade imperante de um fraco, de um titubeante, que jamais definir se pode em todos os prismas da sua vida pública.

Como política, o império nos legou o amortecimento das energias, o cativo do caráter, a farsa ignóbil de governos desbriados, que negavam a autonomia nacional, para unicamente curvarem-se submissos à tolice interessante e juvenil de um princípio bizarro, por demais aporuguesado. Em toas as manifestações, em todo o seu cunho de governismo obsoleto, ele, o Império, sintetizado na individualidade de um homem excessivamente pacato, de uma puerilidade científica e literária dolorosas, serviu para o amesquinamento de nossa psicologia, para o desarado único e contristador da nossa alma, do nosso sentimento moral, intelectual e social. E será, inquestionavelmente, essa a folha mais saliente dos quarenta e tantos anos de reinado, o espólio político do Brasil vencido, que teve como início uma independência digna, mas que, pela vontade dos partidos preponderantes, pela estreiteza de vistas dos seus chefes, foi transformado numa absolutisma choldra, numa canção plangente de senzala em dias de castigo.

Vindo dessa educação prejudicial, dessa falta completa de objetividade, por certo os primeiros anos da república lutariam imenso para sua perpetuação. Ao invés do auxílio originário de quem pode e sabe ser, da concorrência das forças inteligentes pelo desenvolvimento de uma nova fórmula de governo que se baseia na lei, que estabelece a igualdade e a liberdade perante o tribunal consciente da nação, os elementos vitais segregaram-se por timidez, como um

cego de nascença que se visse, repentinamente, com a opulência salutar de uma visibilidade de fato. Daí as primeiras lutas, os primeiros aluviamentos. Nós vínhamos da treva, tateando, temendo o contato da nossa própria silhueta.

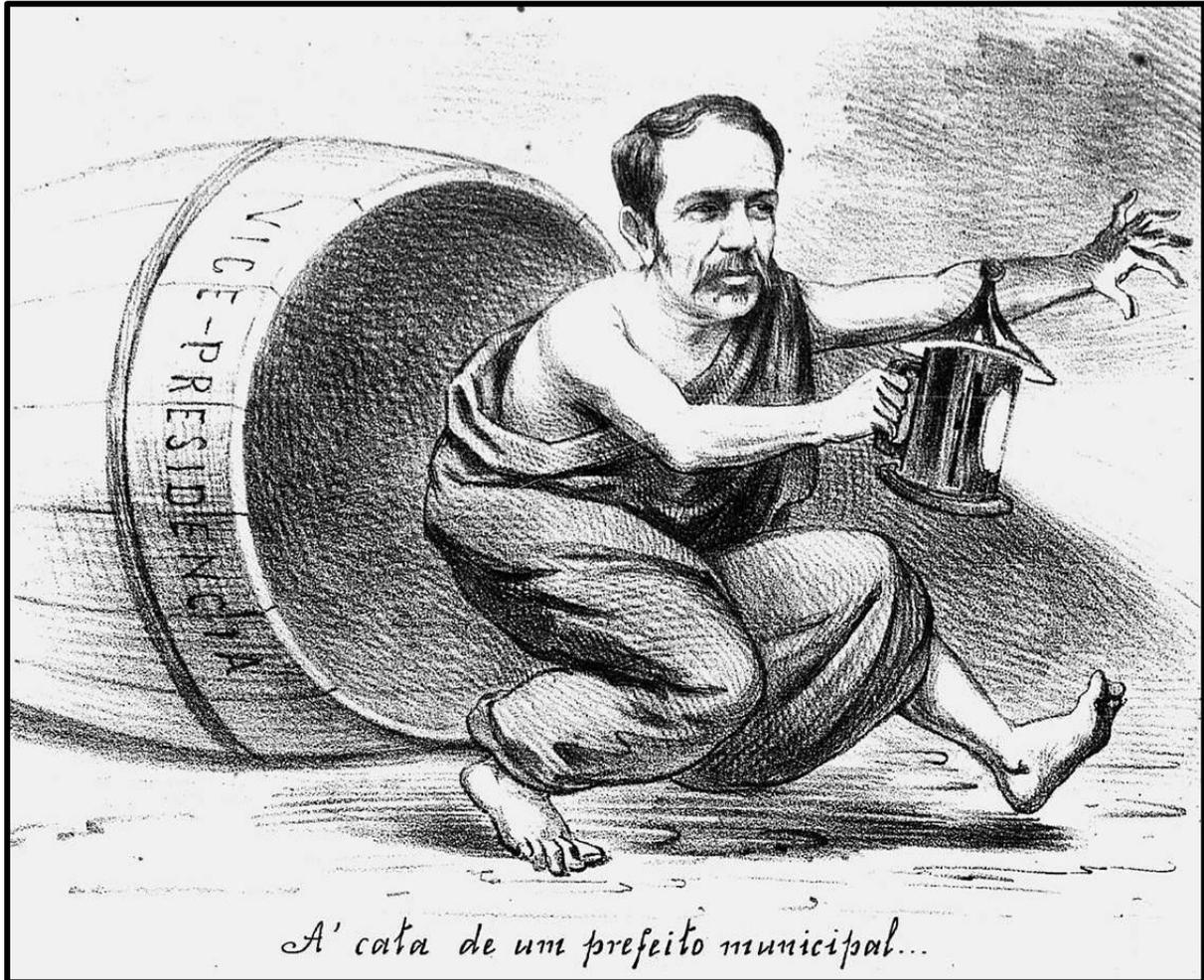
A nossa vitalidade orgânica era fictícia, vivíamos a absorver microcosmos numa profunda, numa estagnação cadavérica de águas verdes de lodo, mortas, infectadas entre montanhas de detritos humanos. Ora, ante essa verdade histórica era justo que o 15 de Novembro atuasse sobre o espírito nacional, como as visões estranhas que povoam, às horas longes, às margens brumosas e feiticeiras da Alemanha metafísica. E tanto assim que, apesar das dissensões políticas, a data gloriosa do nosso renascimento surgiu com todo o esplendor, com todas as cambiantes de uma bela manhã de novembro, refletindo os seus cambiantes sobre o dia 23.

É grandiosa, pois, a nossa alegria de hoje. O país, convencido do adiantamento que só a forma republicana pode trazer a um povo de americanos, começa a trabalhar pela sua indústria, pela sua lavoura, pelo seu comércio, com a convicção aguerrida aos espíritos redimidos. Progredimos conscientemente, e é por esse progresso espantoso que só os cegos não podem ver, que do alto destas colunas esfolheamos rosas e magnólias sobre essas belas datas da pátria."

A FORMA DE GOVERNO REPUBLICANA EM QUESTÃO: ESTUDOS COM BASE NO PERIODISMO

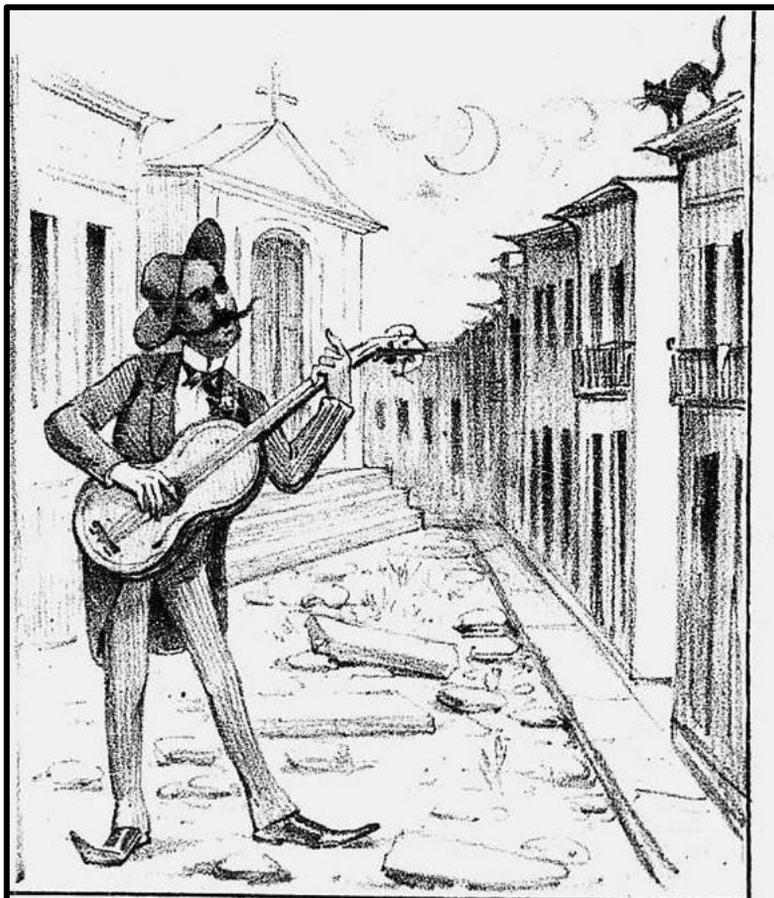








*A guarda nacional e a policia jogam  
as cristas e esmurram-se a valer!*



*Lyrismos potencias... de um 1º suplente:*  
*Acorada, escuta, escuta,*  
*Desperta não durmas tanto;*  
*Se me não podeis fallar,*  
*Ao menos ouvi meu pranto!*  
*E depois: - Ai!... minha Nossa Senhora Sant'Anna!*

*Ai! soffro tanto,*  
*Querido amor!*  
*Que o meu peito*  
*Estaba de dôr!*

Após a interrupção em sua circulação advinda da crise criada a partir da Revolta da Armada, a *Revista Ilustrada* anunciava o seu retorno, proclamado por vários bobos da corte em um trem, que passava por uma estação demarcada pelo pavilhão nacional e por um escudo com o barrete frígio, símbolo republicano. Houve também a inserção de uma ilustração que representava a transição na presidência, trazendo a efígie de Floriano Peixoto, cujo mandato foi qualificado como “coberto de aplausos”, além do destaque ao personagem por ele ter “prestado assinalado serviços à república”; e a de Prudente de Moraes, o novo detentor do Poder Executivo, “eleito do povo brasileiro e de quem a nação muito espera para a sua felicidade”<sup>7</sup>. Ainda no mesmo mês, o semanário apresentava o retrato do Vice-Presidente e Presidente do Senado, Manoel Vitorino Pereira. Além disso, buscou demonstrar a alegria popular com a passagem da efeméride republicana, apresentando detalhes dos atos comemorativos, sem deixar de fazer uma alusão crítica aos resquícios restauradores, que visavam à retomada da monarquia, sem deixar de realizar uma homenagem aos assinantes da publicação. O quadro de gravuras voltadas ao dia em pauta, trazia ainda as efígies dos membros do novo ministério do governo que se anunciava. A matéria editorial denominada “A política”, também se referia à data cívica naquele momento homenageada<sup>8</sup>:

---

<sup>7</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1894 (n. 667).

<sup>8</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1894 (n. 668).

“Os acontecimentos têm caminhado tão bem que, sem o mesmo querer, a gente é forçada a dar carradas de razão àquele ministro, que há 15 ou 20 anos, não promulgava um só decreto, que não começasse pelas sacramentais palavras:

– Graças à divina providência...

Incontestavelmente, ela torce por nós, revela-se em tudo, põe em ordem os nossos negócios e, quando estamos na iminência de alguma tempestade, amaina os ventos com um gesto, e em vez dos destroços e das desgraças dá-nos a bonança.

\*

\* \*

Pois, senhores, é verdade!

O dia 15 de Novembro deste ano estava assim tomando uns ares de matamouros, cheio de boatos terroristas e de coisas do arco da velha, tudo motivado pela passagem do poder, quando, com alegria geral, viu-se que era um dia primaveril, de céu azul, e em que própria natureza parecia estar em festas.

O chefe do Estado, que terminava o seu mandato, procedia de modo honrosíssimo, dando um exemplo ao mundo e escrevendo uma das páginas mais brilhantes da História da República.

O novo eleito, atraindo as vistas gerais, rodeado de saudações e das esperanças que sempre desperta o sol nascente, teve em redor de si, palpitante e efusivo, o coração nacional.

\*

\* \*

Em vez de horrores, tivemos, pois, um dia feliz, um dia de festa sem rival, em que dois nomes brincavam nos lábios de todos, em que as moças e as crianças, tomando um lugar na política, bendiziam o herói de ontem, o marechal Floriano, que soube ser superior à sua própria vitória, e o de hoje, que pelo seu passado e superior talento é a garantia maior do nosso futuro.

\*

\* \*

Embora não queiramos tirar a mínima parcela de glórias aos brasileiros que têm cooperado para que a pátria vá atingindo os seus gloriosos destinos, todavia não nos podemos furtar a rememorar o papel, que outrora já teve a divina providência, expresso nos decretos do Poder Executivo de então e o que agora parece renovar-se, na boa marcha que têm tido os acontecimentos.

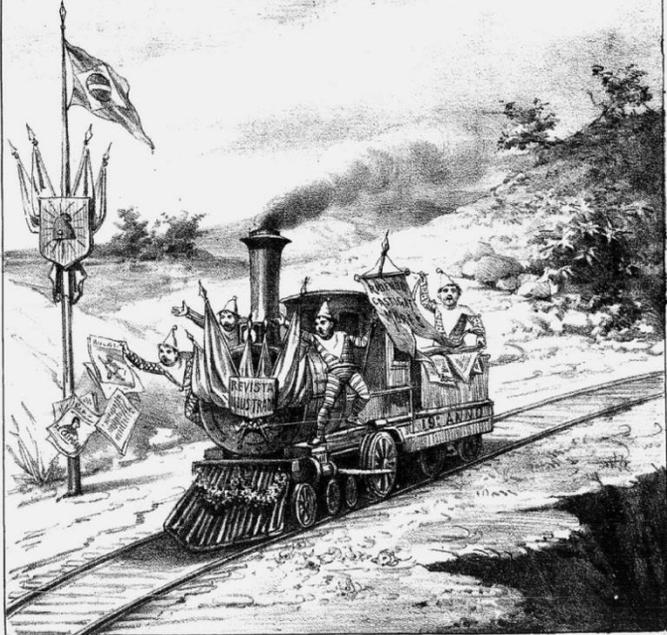
E, se nos enganamos, se não for isso, nada se perderá: a divina providência da fama não se livra...

Felizmente, tudo continua a marchar bem. Ora, graças!"

ANNO 19 CAPITAL FEDERAL, 1894 N° 667

# REVISTA ILUSTRADA

CAPITAL		FUNDADA POR ANGELO AGOSTINI.	ESTADOS
ANNO	18000	A correspondência e reclamações devem ser dirigidas	20000
SEMESTRE	8000	A RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO :	11000
TRIMESTRE	5000		AVULSO 1000



*Saudades temos passado,  
D'esta faina, que prezamos;  
Nossa machina ha reinado,  
Mas nós, de novo, cá'stamos.*

*Houve interrupção na linha,  
Mas concertou-se a primor;  
De novo, o trem já caminha,  
—Avante, e a todo o vapor!*

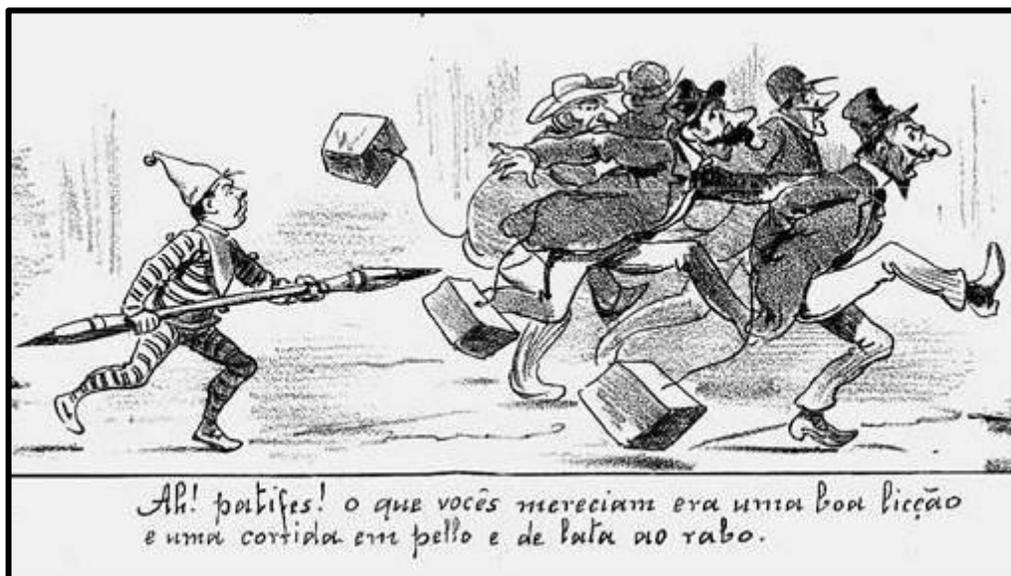


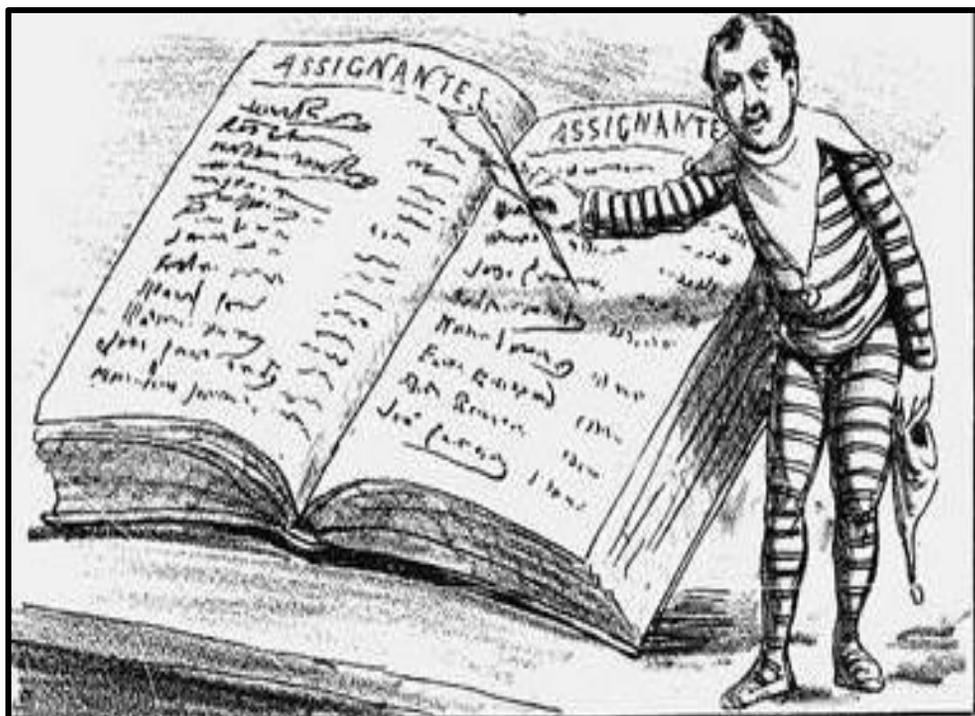




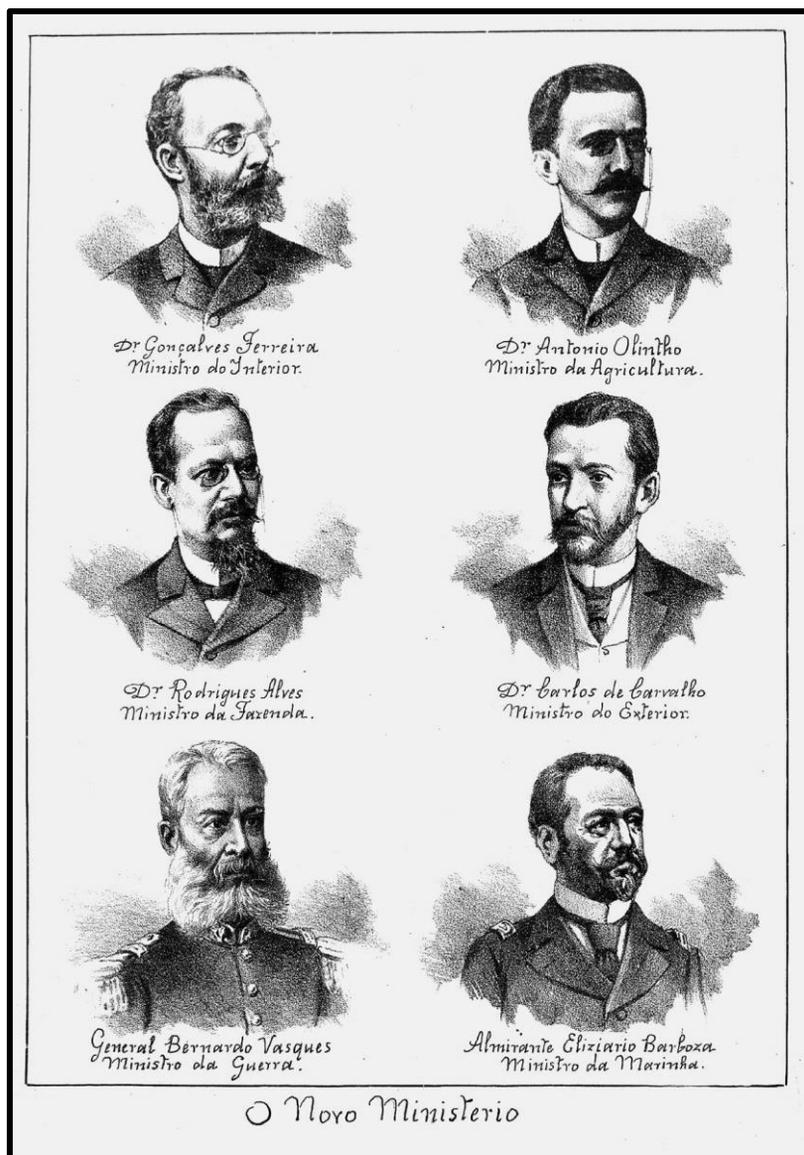








Terminando, não podemos, neste momento solenne,  
deixar de agradecer aos amigos e colegas que tanto  
nos têm penhorado.



Frente ao sexto aniversário republicano, a *Revista Ilustrava* apresentava a alegoria feminina da república, carregando a bandeira nacional e sobre um pedestal formado por pedras que identificavam cada um dos anos que haviam passado entre 1889 e 1895, sendo o quadro completo pela presença de populares a ovacionar a forma de governo ali representada<sup>9</sup> e a ilustração era acompanhada por versos intitulados “15 de Novembro”<sup>10</sup>:

“Dia supremo de glória!  
– Glória que não tem rival –  
Perpétuo serás na História  
Da república imortal!

Comércio e indústria, riqueza  
Que gera o labor feliz,  
Honram em festa a grandeza  
De um portentoso país!

De entusiasmo fremente  
O povo, aos pés de um altar,  
Vem hoje triunfalmente  
A república saudar!”

---

<sup>9</sup> Ver o número 70 desta Coleção.

<sup>10</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1895.

O aniversário da república era também lembrado por breve texto editorial, da seção “Pequenos ecos”, o qual trazia alguns tópicos que lembravam as tentativas de revolta contra o governo, observadas sob o ponto de vista da ironia e consideradas como fracassadas; os festejos pela efeméride; a ação dos restauradores monárquicos; e o golpe que os mesmos teriam sofrido com a presença de um dissidente. A parte ilustrada associada aos versos “O sol e o morcego” acompanhados da imagem da figura solar que representava a república e os mamíferos voadores, como símbolos dos males que afligiam o Brasil, mais especificamente em relação aos clérigos e aos monarquistas. As caricaturas destacavam o bobo da corte fazendo pouco dos restauradores, o papel da dissidência entre os monárquicos, os cumprimentos pelo primeiro ano do mandato presidência de Prudente de Moraes e o destaque à futura exposição, com a presença da dama do barrete frígio<sup>11</sup>, que anunciava tal mostra como preponderante para apresentar os progressos nacionais<sup>12</sup>.

“1889 – 15 de Novembro – 1895

6º aniversário da proclamação da República

Jubilosos, nos associamos à grande data da emancipação política de nossa pátria, que a História há de escrever com letras de ouro nos fastos a vida nacional, rendendo preito ao Exército, aos intemeratos republicanos e ao povo

---

<sup>11</sup> Ver o número 70 desta Coleção.

<sup>12</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1895.

brasileiro, que, em meio dos maiores perigos, souberam levar a cabo essa obra gigantesca e verdadeiramente assombrosa.

Honra aos patriotas que mais contribuíram para esse fato esplêndido, que hoje todo o Brasil comemora com intenso júbilo!

(...)

Pequenos ecos

Está provado que nós, republicanos, que combatemos a patriótica revolta, já fizemos quarenta e duas conspirações contra o atual governo.

A polícia descobriu-as todas e apanhou-nos mesmo com a boca na botija.

Mas nós somos incorrigíveis, e a república e o senhor Prudente de Moraes têm muito que recear de nós.

Felizmente o senhor Prudente de Moraes e a república têm para os defenderem contra nós os outros, os patriotas, os beneméritos!

Está salva a pátria.

(...)

Grandes festas para comemorar o 15 de Novembro.

O programa foi abundante e variado: revista naval com uma esquadra mercante, recepção oficial, divertimento popular infantil no Passeio Público, inauguração da belíssima Exposição Industrial, espetáculos de gala, etc.

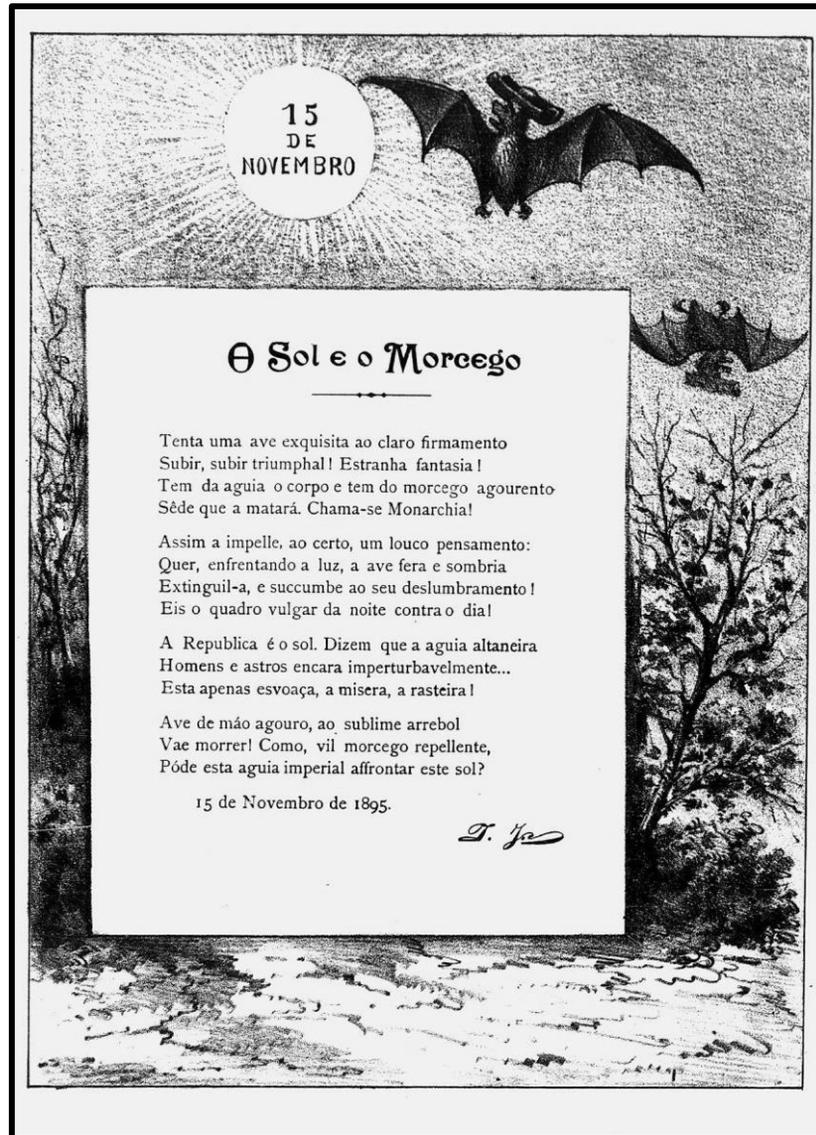
O povo divertiu-se, honrando uma das suas maiores datas, com licença dos Srs. Carlos de Laet, Eduardo Prado e a meia dúzia de correligionários adjacentes, homens que veem longe do observatório político das encolhas e que se distinguem principalmente por ter muita ação... em banquetes caros e retórica barata.

\*

\* \*

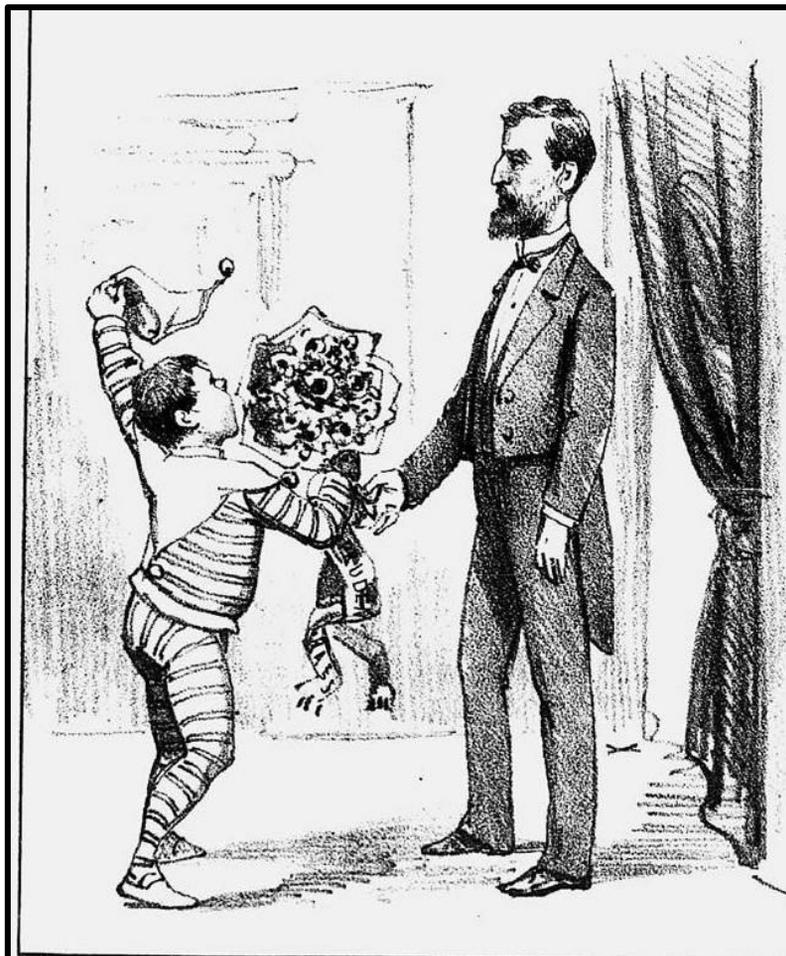
Justamente agora o Sr. Antônio Prado, cujo nome prestigioso era um dos grandes elementos com que contavam os adversários da república, lembrou-se de declarar peremptoriamente pela imprensa, que é contrário a todo e qualquer movimento em prol da restauração.

A seu ver, a monarquia não deixou raízes no Brasil. E se não deixou raízes, o que é incontestável, é que também não pega de galho.”









Commemorou-se, em meio de geral alegria, o 1.<sup>o</sup> aniversário do governo do Sr. Prudente de Moraes, recebendo por esse motivo, S. Ex.<sup>a</sup>, muitas saudações, às quaes nos associamos.

Já no número de novembro de 1896, o grande homenageado era o Vice-Presidente Manoel Vitorino, que assumira provisoriamente a presidência, o qual teve o seu retrato estampado na capa da revista, além de, caricaturalmente, ser aplaudido pelos decretos que colocara em execução. O periódico ainda saudava a criação de um diário republicano, simbolizado pela dama do barrete encarnado<sup>13</sup> e trazia o bobo da corte ao ler as notícias da imprensa carioca, segundo a qual o país entrara “num período de contentamento, apesar dos narigudos... sebastianistas”, em alusão aos projetos de restauração monárquica. A república e os frágeis intentos restauradores eram comentados na “Crônica”<sup>14</sup>:

“Mais uma vez o sebastianismo pintou o sete, fazendo o câmbio quase chegar ao mesmo número...

E nós, que sempre acreditamos na existência dessa entidade, que não resistindo a 15 de Novembro, pretendeu depois solapar as instituições, para se vingar da triste figura que então fez, vimos confirmado, novamente, quanto nestas páginas temos dito.

Há bem pouco tempo ainda, quando se falava em sebastianismo, não faltava quem dissesse:

– Isso é uma intriga. Hoje todos querem a república, mas uma república... assim... assado... tal, etc.

\*

---

<sup>13</sup> Ver o número 70 desta Coleção.

<sup>14</sup> REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, nov. 1896.

\* \*

Vindo ao poder o atual governo, fruto dos esforços dos republicanos, essas entidades duvidosas tomaram a primeira linha nas saudações à nova situação.

Um verdadeiro engrossamento que deu em resultado certa confusão nos arraiais de todos os partidos.

Mas, pouco tempo depois, todos esses turiferários foram-se retirando e assestando suas baterias contra a república.

Organizaram clubes, fundaram jornais e começaram o trabalho da sapa.

\*

\* \*

Num país onde a constituição proíbe ao próprio Congresso a cogitação de mudança de forma de governo, não se compreende como se possa fazer o trabalho preparatório de uma revolução... dentro da lei.

E o governo ia tolerando tudo, achando que essa liberdade contra a própria constituição devia ser mantida.

Mas, à força de excitações, ataques insolentes e desvairada propaganda contra o regime, a sociedade comoveu-se e todos achavam que a situação se tornava grave.

O desassossego tornou-se geral, os boatos alarmaram todas as classes, a agitação recrudesceu e o câmbio deu a 8.

\*

\* \*

Em São Paulo, o Dr. Campos Sales viu-se na necessidade de agir, porque o dia e a hora do movimento subversivo já estava anunciado.

Aqui mesmo os republicanos puseram-se em campo e o governo adotou algumas providências.

A agitação quase cessou.

\*

\* \*

Acham certos visionários que os que têm a guarda do nosso regime devem de braços cruzados deixar os adversários amontoarem quanta lenha quiserem na fogueira política.

Mas se o fim de tudo isso é intuitivo, porque, a tempo, não reprimir esses atentados, poupando-nos assim a todas as consequências de medidas enérgicas para remediar um mal que pode ser evitado e que lei proíbe?

Por serem inofensivos tais manejos? Erro manifesto. A vozeria oposicionista vai-se avolumando e a duas por três ninguém se entende.

Então os tais demolidores sairiam um momento da lei, para darem o golpe e restaurarem... as suas ilusões.

\*

\* \*

Não! Sejam lógicos.

Se uma instituição não pode ser mudada, os meios para tal efeito também não podem ser tolerados.

O governo compreendeu o plano subversivo e operou uma concentração de forças republicanas.

Tudo serenou.

Mas já não podia isso ter sido feito antes?"

ANNO 21 CAPITAL FEDERAL, 1896 N° 724

# REVISTA ILUSTRADA

<b>CAPITAL</b>		<b>FUNDADA POR ANGELO AGOSTINI.</b>	<b>ESTADOS</b>
ANNO	168000	A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas	ANNO 208000
SEMESTRE	98000	A RUA DE GONÇALVES DIAS, N° 50, SOBRADO.	SEMESTRE 118000
TRIMESTRE	58000		AVULSO 18000



*Dr. Manuel Victorino Pereira.*  
*Vice-Presidente da Republica, em exercicio da Presidencia desde o dia 10 do cor:te.*





Mas, com as ultimas noticias politicas, en-  
tramos n'um periodo de contentamento, apesar  
dos nariguados... sebastianistas.

Assim, a *Revista Ilustrada* acompanhou os primeiros aniversários da forma de governo republicana, bem de acordo com a posição oficialista e governista, que adotara desde a instauração da república. Nessa linha, o periódico manteve a sua tradição de folha republicana, mas confundiu tal republicanismo com um adesismo inquebrantável para com os novos detentores do poder. Para tanto, chegou a deixar de lado seu viés crítico, aplaudindo os situacionistas incondicionalmente, e fazendo vista grossa para os desmandos governamentais. Do mesmo modo que fizeram as forças governativas, a folha observava em qualquer olhar crítico para com a situação, uma perspectiva antirrepublicana, embora nem sempre as mesmas tivessem filiações na restauração monárquica. Ao passo que Ângelo Agostini, em seu retorno ao país, por meio do *Dom Quixote*, sem deixar de ser republicano, abriu espaço para o espírito crítico em relação aos desmandos e mazelas da jovem república, a *Revista Ilustrada* fechou os olhos para tanto, iniciando-se uma etapa que viria a resultar no seu próprio desaparecimento.



)

A INSTAURAÇÃO DA REPÚBLICA  
PORTUGUESA E A IMPRENSA  
ILUSTRADA CARIOCA

Na virada do século XIX ao XX, a sociedade portuguesa passava por uma grave crise conjuntural que a afetava em suas mais variadas esferas, predominando um espírito de saudosismo e de insatisfação. As saudades dos tempos de outrora traziam as recordações de Portugal como uma nação hegemônica que dominava mares e continentes, mas que, com o passar das centúrias, e dos rearranjos no cenário internacional, perdera espaço progressivamente, até tornar-se um Estado de poucos recursos, subjugado aos interesses de outras potências que alastravam seu poderio pelo mundo. Já os descontentamentos advinham da percepção de que toda aquela riqueza do passado esvaíra-se, resultando em um país empobrecido e com escassas condições de almejar os caminhos de progresso atingido por outras nações, além do fato das possibilidades de ascensão social serem quase nulas para a maioria dos seus cidadãos.

Tal crise se manifestava de forma ampla, aguda e estrutural. Em termos de política internacional, o quinhão restante do amplo império colonial dilapidado ao longo do tempo, sofria constantes ameaças a partir da ação imperialista das potências europeias, mormente a Grã-Bretanha, cuja hegemonia sobre a nação lusa tornara-se inexorável ao longo dos últimos séculos. Havia também o infundável problema da dívida externa que acarretava uma instabilidade financeira cada vez mais contundente. As estruturas políticas internas se encontravam em frangalhos, em um quadro pelo qual o sistema partidário rotativo entre os dois principais grupos políticos

monárquicos fragmentava-se e ruía, com múltiplas acusações entre governistas e oposicionistas e pela formação de cisões no seio das duas agremiações. A linha tênue de desenvolvimento das décadas anteriores trouxe um surto industrial que, por sua vez, multiplicou o operariado. Somava-se a isso um crescente êxodo rural, do qual se originava uma massa urbana prenhe em insatisfações. Diante de tão sinistro quadro, cresciam as forças políticas alavancadas pelo espírito de contestação, alicerçadas em um heterogêneo movimento republicano e até em tendências políticas mais extremas, como o socialismo e o anarquismo.

Essa foi uma época extraordinariamente agitada para Portugal, na sua política interna e em suas relações internacionais. Houve o choque da expansão colonial na África com os planos do imperialismo inglês, até o ultimato de 1890. Deu-se a crise financeira, com a bancarrota e as intermináveis negociações para a conversão da dívida externa, cortadas de peripécias humilhantes. Já a política interna foi dominada pela delinquência e dissolução do sistema rotativo, em um quadro pelo qual, os políticos monárquicos acabaram por ficar mutuamente desacreditados, atribuindo-se e exagerando culpas e responsabilidades entre eles. Além disso, as questões de administração pública que andavam envenenadas de suspeições infamantes, levaram os dois antigos partidos regenerador e progressista a desagregarem-se, desprestigiados e enfraquecidos pelas cisões. A dinastia impopularizava-se, enquanto a agitação republicana,

incitada pela desagregação e descrédito dos partidos monárquicos, crescia e avolumava-se<sup>15</sup>.

Um dos fatores que mais agravou a crise política portuguesa na década de noventa foi o ultimato britânico estabelecido em janeiro de 1890. O projeto imperialista da Grã-Bretanha de dominar a África de norte a sul não levou em conta as velhas alianças com Portugal, cujos supostos direitos sobre terras localizadas em suas possessões entre em Angola e Moçambique, foram desconsiderados, sendo os lusitanos obrigados a abandonar tais pretensões. O ato de ceder à pressão inglesa teria um altíssimo custo político em relação às autoridades públicas portuguesas, gerando ferrenhas explosões de contestação, acirrando-se os espíritos de reivindicação, inclusive com o espocar de uma revolta republicana na cidade do Porto<sup>16</sup>, a qual, ainda que reprimida pelas forças legais, abriu mais uma fissura nas já desgastadas estruturas portuguesas.

A instauração da forma republicana de governo no Brasil também serviu como um catalisador do republicanismo luso, a partir da perspectiva de que se os Bragança haviam caído nos trópicos, o mesmo poderia ocorrer na Europa, aparecendo como um alento para o movimento antimonárquico que encontrava mais um fator de mobilização. Além disso, uma certa instabilidade nas relações

---

<sup>15</sup> GUEDES, Marques. Os últimos tempos da monarquia: 1890 a 1910. In: PERES, Damião (dir.). *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense Editora, 1935. v. 7. p. 412.

<sup>16</sup> Breve contextualização elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *Visões espelhadas d'além-mar: a primeira década da República Brasileira sob o prisma da imprensa portuguesa*. Rio Grand: Editora da FURG, 2017. p. 31-32.

entre o Brasil republicano e Portugal monárquica recrudescer nessa época, em muito estimulada pela imprensa de ambos os países, bem como da ação de um grupo político radical brasileiro, com forte espírito nacionalista e lusófono. Tal situação, agravada pelo asilo concedido em naus lusitanas a rebeldes brasileiros, levou ao rompimento diplomático brasileiro-lusitano, o qual também prejudicou a governabilidade no país ibérico. O elemento constitutivo mais decisivo para a ruptura final da Monarquia Portuguesa foi o regicídio, ocorrido em 1908, com o assassinato do rei D. Carlos e do príncipe Luís Felipe, ficando a coroa para o jovem sucessor D. Manoel II. A crise tendeu a agravar-se naqueles estertores da forma monárquica de governo, desencadeando o movimento que levou à instauração da república, em 5 de outubro de 1910<sup>17</sup>.

A mudança na forma de governo portuguesa encontrou significativo eco no jornalismo internacional. Nesse sentido, ainda que Portugal fosse na época um país quase ignorado pelos periódicos estrangeiros, a revolta republicana em

---

<sup>17</sup> A respeito da transição portuguesa à forma de governo republicana, ver: SERRÃO, Joel. & OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. (dir.). *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 2004. v. 11.; SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo, 1988. v. 10.; MATOSO, José (dir.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. v. 7.; OLIVEIRA MARQUES, A. H. de. Da Monarquia para a República. In: TENGARRINHA, José M. (org.). *História de Portugal*. Bauru: EDUSC; São Paulo: UNESP; Lisboa: Instituto Camões, 2000. p. 283-295.; HOMEM, Amadeu Carvalho. *A propaganda republicana (1870-1910)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1990.; HOMEM, Amadeu Carvalho. *Da Monarquia à República*. Viseu: Palimage, 2001.; CATROGA, Fernando. *O republicanismo em Portugal da formação ao 5 de outubro de 1910*. 2.ed. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.; e TENGARRINHA, José M. *Estudos de História Contemporânea de Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho, 1983.

Lisboa e a queda da Casa de Bragança orientaram as atenções do mundo para o que se passava junto à foz do Tejo, à semelhança daquilo que ocorrera dois anos e meio antes, com o regicídio que vitimou D. Carlos e o príncipe herdeiro<sup>18</sup>. Tal fenômeno de cobertura da mudança estrutural lusa por meio do jornalismo internacional também ocorreu no Brasil, ainda com maior ênfase, tendo em vista as relações históricas e tradicionais entre os dois países, além da presença de uma numerosa colônia lusitana em território brasileiro, sempre ávida por informes a respeito da terra natal. Nessa linha, a vitória republicana em Portugal constituiu assunto do dia no periodismo brasileiro, como foi o caso de alguns dos representantes da imprensa ilustrada editada no Rio de Janeiro.

A *Careta* foi uma das mais importantes revistas ilustradas publicadas no Brasil desde a primeira década do século XX até os anos 1960. Editada no Rio de Janeiro, primou pelo rebusco gráfico e especializou-se na fotorreportagem e na difusão da arte caricatural, com um forte veio crítico-opinativo e humorístico em suas páginas. Suas matérias e registros iconográficos traziam cenas do cotidiano carioca e brasileiro, com especial atenção para eventos socioculturais, sem descurar da abordagem da vida política nacional, bem como sem deixar de lado os acontecimentos ocorridos no contexto internacional. Ao abordar o 5 de outubro de 1910, fazia alusão a movimento rebelde de tempos pretéritos lusitanos, o qual carregava em si o sentido da revolução, trazendo “Maria da

---

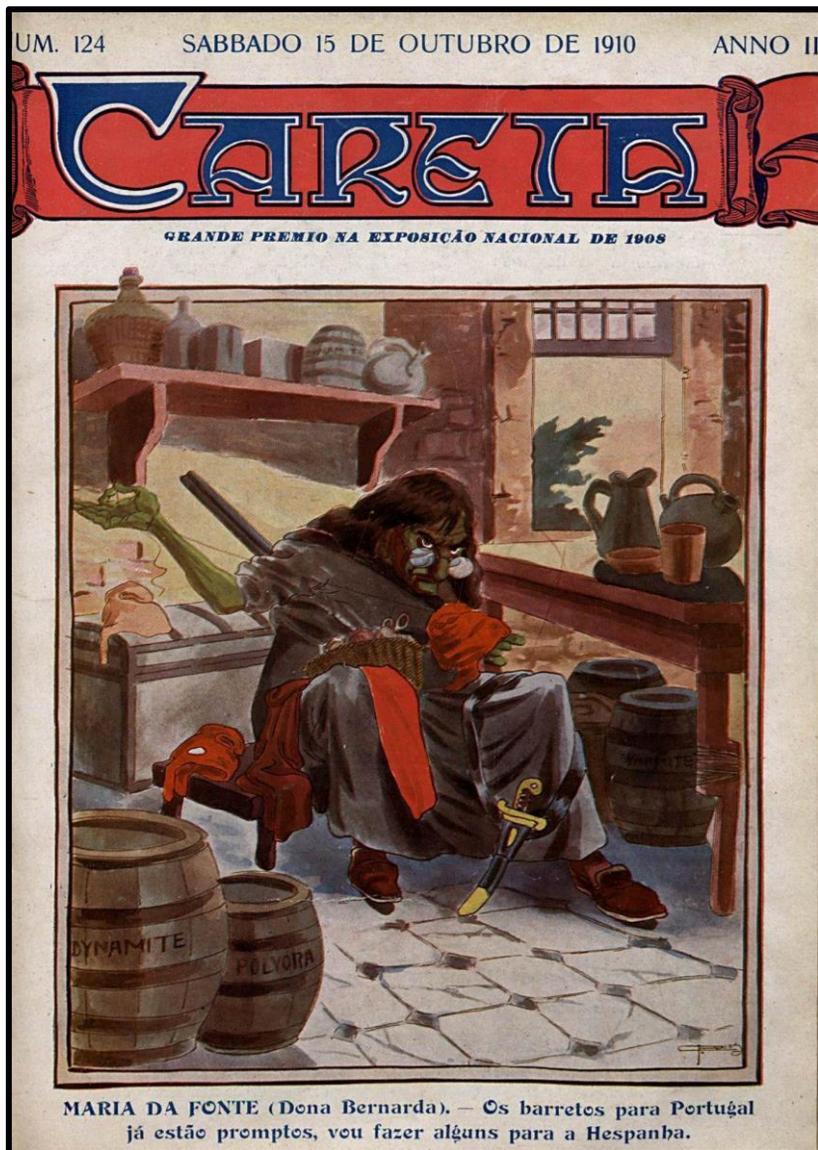
<sup>18</sup> MONICO, Reto & VIEIRA, Joaquim. *República em Portugal! – o 5 de Outubro visto pela imprensa internacional*. Almoçageme: Pedra da Lua, 2010. p. 7.

Fonte”, em meio a barris de pólvora e dinamite, em referência à preparação bélica revoltosa, a costurar barretes frígios – símbolo republicano – considerando que o caminho para o republicanismo estava pronto em Portugal, mas havia a necessidade de expandi-lo em direção à Espanha. De acordo com a *Careta*, vivia-se no Brasil um “entusiasmar com a proclamação da república em Portugal”, expressando que estariam todos almejando “uma nova era de justiça” e “de prosperidade para a terra dos nossos avós, presa até agora dos abusos do despotismo monárquico”<sup>19</sup>. Já por meio do fotojornalismo, a publicação carioca buscou apresentar detalhes do cotidiano luso diante da transição do regime monárquico ao republicano, enfatizando questões como os aparatos bélicos, as manifestações públicas e a mobilização popular<sup>20</sup>.

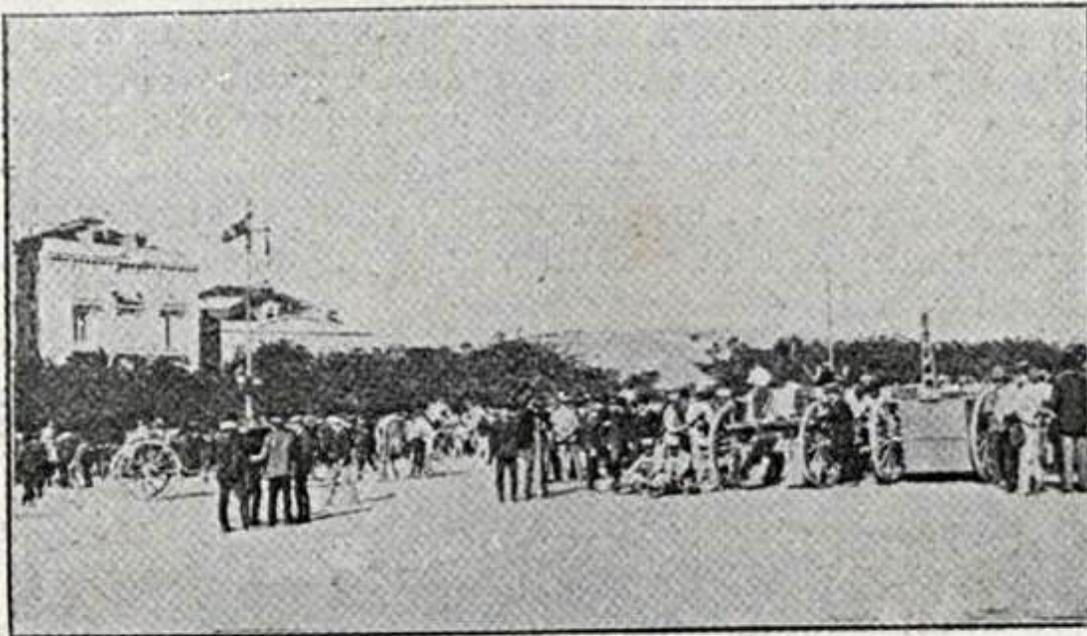
---

<sup>19</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 15 out. 1910.

<sup>20</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 29 out. 1910.

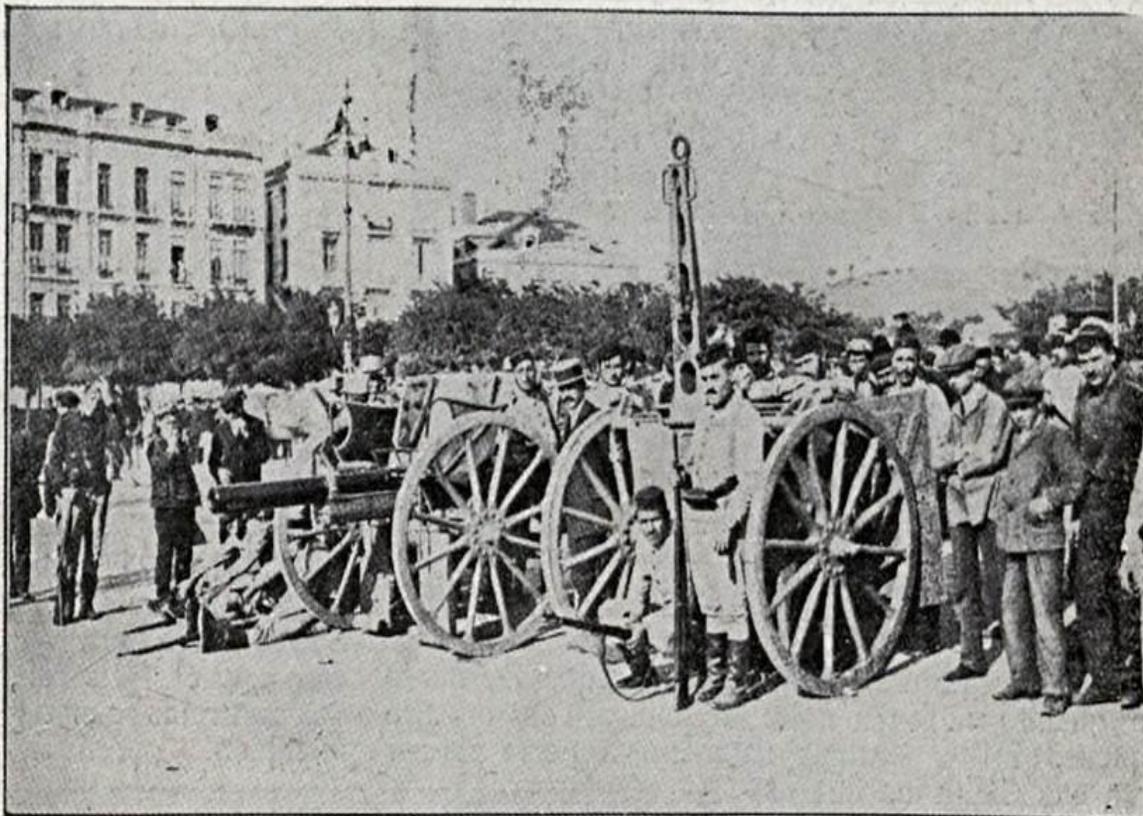


## A Republica em Portugal



*O acampamento da Avenida onde o povo auxiliou os revolucionarios; á esquerda, no poste, a bandeira Republicana.*

## A Republica em Portugal



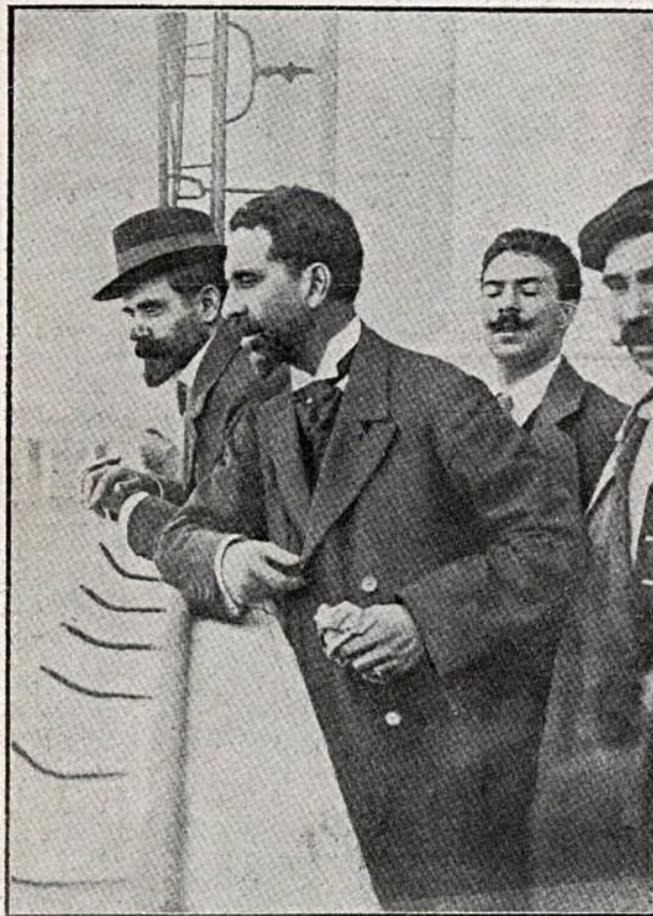
*As forças Republicanas na Avenida da Liberdade.*

# A Republica em Portugal



*Quartel general revolucionario na rotunda da Avenida.*

## A Republica em Portugal



*O Sr. José Relvas proclamando a Republica das  
janellas da Camara Municipal de Lisboa.*

## A Republica em Portugal



*O povo diante da Camara Municipal, em 5 de Outubro, assistindo á proclamação da Republica e á abolição da monarchia feita pelo Sr. José Relvas.*

Outra revista ilustrada editada no Rio de Janeiro que atingiu significativo sucesso foi a *Fon-Fon*, que circulou desde a primeira década dos Novecentos até o final do decênio de 1950. Em seus primeiros anos, além da cobertura dos acontecimentos de natureza sociocultural, o periódico dedicou-se ao humor como uma de suas pautas editoriais, a qual, com o passar do tempo, foi se modificando à medida que buscava dedicar-se com mais afinco a um público predominantemente feminino. Em relação à implantação da república em Portugal, trouxe na capa um automóvel, identificado com a nova forma de governo, dirigido pelo velho cavaleiro – símbolo da nação portuguesa – e conduzindo no banco de trás a dama do barrete frígido, em referência à república, ameaçando atropelar vários indivíduos que fugiam espavoridos, identificados com a forma de governo decaída e com a vida clerical. A respeito do evento, a folha comentava que “andavam a dizer que Portugal era fundamentalmente monarquista”, tese que fora derrubada, a partir da “convicção de que não há no mundo povo que seja sinceramente pela monarquia”, pois “atura-a, suporta-a, até que lá vem o momento em que resolve desfazer-se dela, e lá vai tudo com a facilidade que estamos habituados a ver”. Concluía assim que “a Monarquia Portuguesa caiu, desmoronou-se, como caem e se desmoronam todas as monarquias, por podre, por imprestável”<sup>21</sup>. No campo humorístico, *Fon-Fon* apresentava duas caricaturas. Em uma delas o velho cavaleiro – simbolizando Portugal – mostrava para uma infantil figura indígena – representação

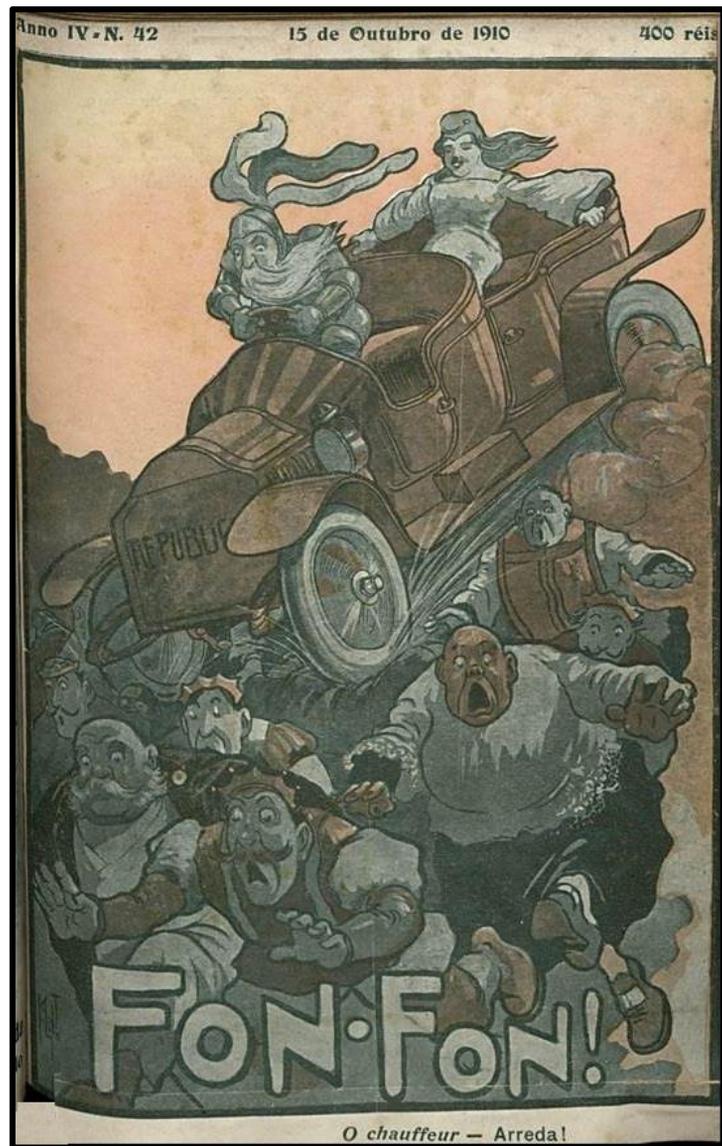
---

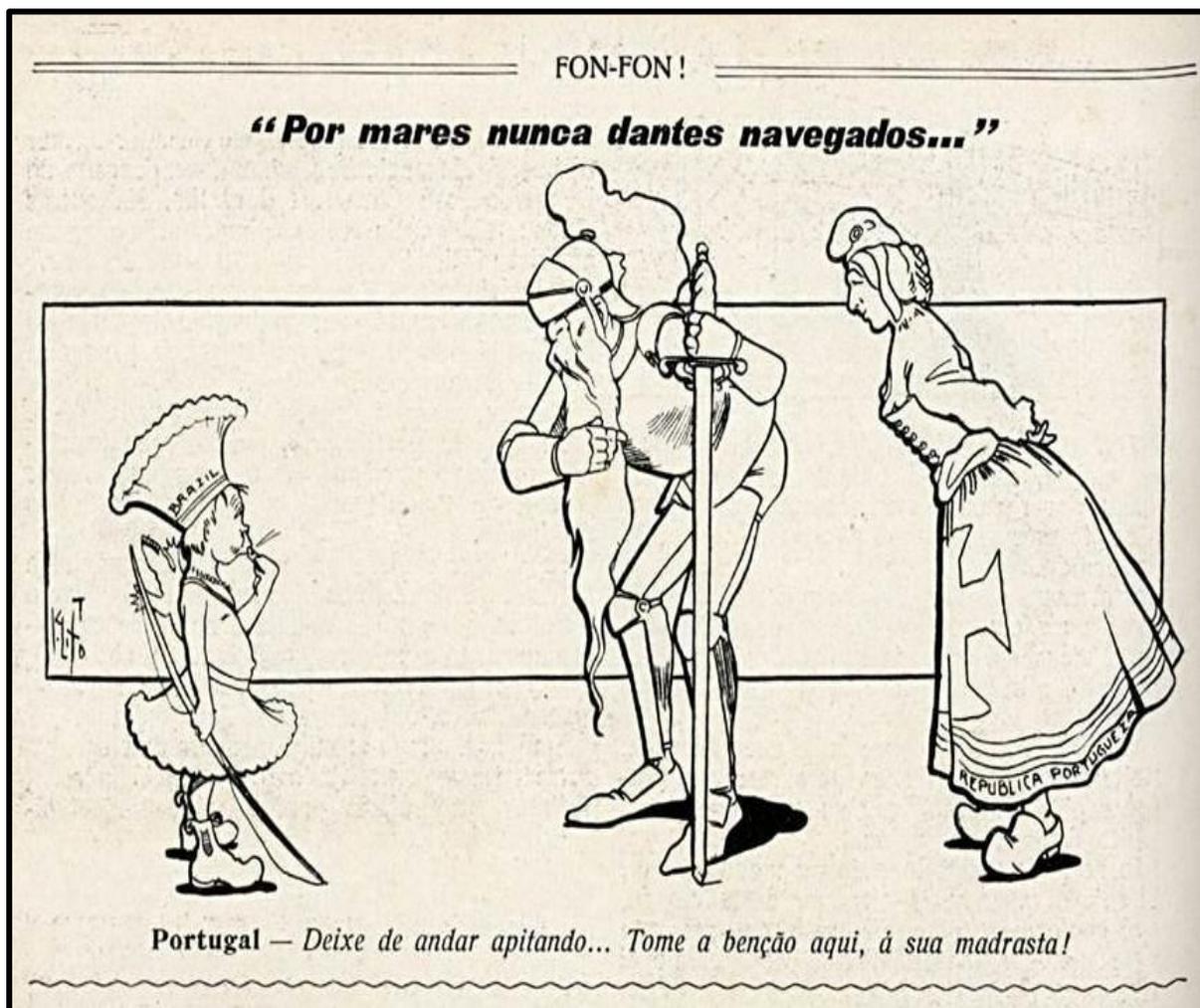
<sup>21</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, 15 out. 1910.

tradicional do povo brasileiro – à sua nova “madrasta”, ou seja, a dama do barrete encarnado, identificada com a República Portuguesa. Já o outro desenho caricatural se referia aos “cavacos do ofício”, quer seja, a divulgação por meio do jornalismo de informações que acabavam por não se confirmar, ao mostrar uma figura feminina identificada com a revolução, a qual entregava um telegrama a um personagem masculino que aludia ao telégrafo, o qual se dizia já cansado de divulgar informes falsos, diante do que a sua interlocutora garantia que, quanto a Portugal, o surgimento do novo regime “agora é sério”<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, 22 out. 1910.







*A Ilustração Brasileira* circulou no Rio de Janeiro desde os primórdios do século XX até os derradeiros anos da década de 1950 e constituiu uma revista de ótima feitura gráfica, calcando seu norte editorial nas fotorreportagens. Com entusiasmo, a publicação afirmava que “os portugueses reabriram a história da sua pátria, com uma página verdadeiramente deslumbrante”. Segundo o periódico, “havia muito quem – iludido pelo marasmo em que a monarquia clerical mantinha o velho reino – julgasse a raça esgotada, perdidas suas antigas qualidades, fortes lúcidas”. Entretanto, garantia que se passara a ver “pela organização admirável dessa revolta, envolvendo marinha, exército e povo, que nada falta a Portugal para retomar seu posto respeitado entre as nações do continente”, não lhe faltando “nem mesmo homens de iniciativa, enérgicos, gênio prático, espírito de organização e coragem”. Diante disso, demarcava que, “com esses homens, com trabalho, com instrução, com administração honesta, Portugal poderá renascer”. Mantendo sua tradição embasada no fotojornalismo, *A Ilustração Brasileira* trouxe vários registros fotográficos que aludiam ao regime decaído, aos novos detentores do poder e as repercussões dos acontecimentos no Brasil. Também aparecia a alegoria da dama republicana, em representação com a presença de vários integrantes da propaganda antimonárquica portuguesa, e a letra de “A Portuguesa”, apontada como o “hino nacional português”, bem como fotografias de vários ambientes lusitanos e da presença popular perante os eventos que se desenrolavam<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 16 out. 1910; 1º nov. 1910; e 16 nov. 1910.

Este numero contém, além do texto de 20 paginas: — *Tres supplementos felleiros* — O romance *Sis* (nova appendice de *Arrendo Lupo*) romance de *Maurice Leblanc* (2 paginas). — A peça de *Boris* — *Alonso* (2 paginas). A peça de *Henrico* — *O Desprez* (2 paginas). — *Supplemento artistico colorido* — O Partido Republicano Portuguez. — *Supplemento musical* — O Hymno da Republica de Portugal.

**A**  
**ILLUSTRAÇÃO**  
**BRAZILEIRA**

PREÇO DO NUMERO : 1\$000      DOMINGO, 16 DE OUTUBRO DE 1910      2º ANNO — N. 31

**FIM DE UMA DYNASTIA**



**O ULTIMO REI DE PORTUGAL**

O ex-rei de Portugal chama-se Manuel-Maria-Phillipe-Carlos-Amelio-Luiz-Miguel-Raphael-Gabriel-Gonzaga-Xavier-Francisco de Assis-Eugenio de Saxe-Coburgo-Gotha-Duquas-Bragança. Seus titulos eram os seguintes: Rei de Portugal e Algarves, d'Aquém e d'Além mar em Africa, Senhor da Guiné, da conquista, navegacao e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India, Magestade Fidelissima. Nasceu no dia 15 de Novembro de 1889, subiu ao throno no dia 1º de Fevereiro de 1908 e reinou exactamente 2 annos, 9 mezes e 2 dias.

**EXPEDIENTE**

**A ILLUSTRAÇÃO THEATRAL**

Com o presente numero da "Illustração Brasileira" damos em theatro o ultimo acto de SIMONE, peça de BRIEUX

E o poetico acto da

Peça de PAUL HERVIEU :

O DESPERTAR

A seguir daremos

A peça em 3 actos de PIERRE WOLF :

A EDADE DO AMOR

**NOTAS DE UM FLUMINENSE**

**E MONDE MARCHÉ...**  
Não ha duvida. A velha opinião optimista do tio Sarcey vai se justificando dia a dia, apesar de todos os pezares, e a despeito da philosophia sombria dos que julgam em caminho do eterno abismo, o alyvoso classico da rethorica, Gilvasez, a revolução brasileira de 1889 como um modelo — uma revolução feita com flores — dizem que ideal! Recentemente os turcos, mais ou menos jovens, asombrouam o mundo, batendo o record do lirral; sua revolução foi uma obra prima — rapida, completa, ir-resistivel; transformando toda a velha ordem de cousas ottomanas em um dia, fazendo surgir nos mais altos cargos, homens de competencia, modesta e energia admira-



D. Manuel II aos 8 meses de idade



O general Pimentel Pinto, que foi ministro da guerra da monarchia por varias vezes. Tendo sido preso, alheio a Republica.



O general Raphael Góes, que, com o infante D. Alfonso, commandou as tropas realistas.



A rainha D. Amelia, mull de D. Manuel II

Em Lisboa, bateram-se todos com ar Jor, heroicamente, sacrificando com sangue generoso e altivo, uns, a Republica nascente, outros obvio militar, o respeito á fé jurada, a dignidade pessoal.

O commandante do D. Carlos (ez-se abater ferido, defendendo seu peito, o infante D. Alfonso, á frente das tropas, que lhe foram fieis, fita, oppoz seu peito ao assalto furioso dos republicanos e, na surpresa, no perigo, no momento de angustia horrenda, soube, com sangue frio, com coragem calma e digna de toda a admiração, multiplicar as providencias positivas. Fez arregar do fundo do Tejo o cabo telegraphico, cortado para pedir soccorro á Inglaterra; e, tudo perdido, derrotado irremediavelmente, organizou a partida do Rei, levando o yacht real á Ericeira.

**DOUS CURIOSOS ASPECTOS**



Mulhidu acclamando D. Mansel II no dia de sua coroação



O povo acclamando os chefes do Partido Republicano em um comicio eleitoral realizado na Avenida D. Amelia, em Junho de 1907

jornalistas de prestigio e deputados republicanos.

Homens como Frana Borges, Alfonso Costa, Antonio José de Almeida improvisaram-se officiaes não só para marchar á frente do povo armado, como para guialo, impedir que, transviado, delatante no fulgor da victoria, elle se deixasse arrastar a violencias inuteis, a attentados indignos.

E a Guarda Municipal, famosa por sua disciplina e rigor, a Guarda, que gozava da confiança da monarchia, honrou brilhantemente essa confiança, pagando-a com sangue, lutando peito a peito, defendendo a cidade, rua a rua, passo a passo.

De todos a attitudo foi correcta, nobre, exemplar, demonstrando que não desapareceram da terra lusitana as grandes e masculias virtudes, que fizeram com seculos antigos a gloria de Portugal.

veis. Parecia que isso era a ultima palavra.

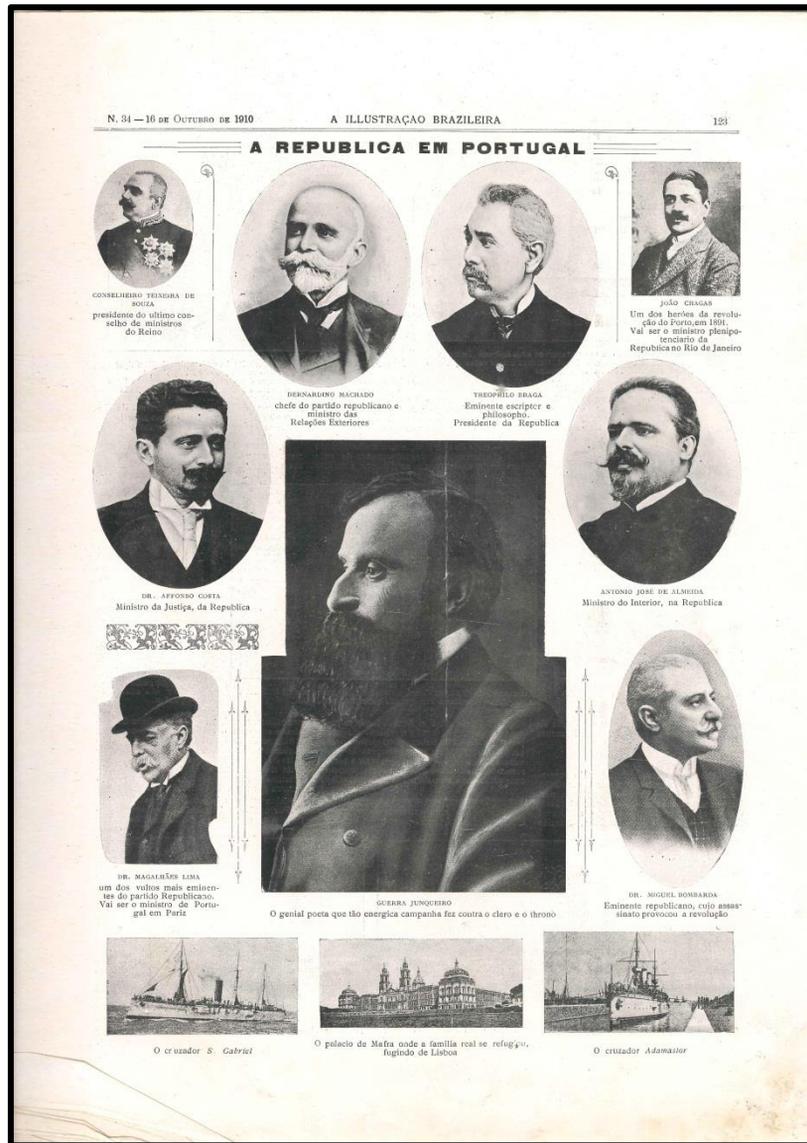
Esgano.

De subito, a velha patria dos Albuquerque e dos Gama, a nobre raça, que outrora dominou a Terra, estendeu seus dominios por toda a terra no mais vasto e opulento império d'essa epocha, resurgiu á face das potencias, manifestando um impeto novo, deslumbrante de mocidade e seiva — numa revolução, que foi mais bella, mais perfeita, e — porque não dizê-lo? — mais gloriosa do que a nossa, mais elegante e magnanima do que a dos turcos.



Aspecto de outro comicio republicano realizado em Maio d'este anno nos arredores de Lisboa

sem duvida são muito lamentaveis as mortes, os ferimentos, os estragos materiaes na linda cidade de Ulysses. Os sentimentaes e tímidos, os humanitarios intransigentes preferem uma revolução como a nossa, sem resistencia, sem sangue — mas façam bem a conta — calculem quanto sangue correu, goz fado, na revolta de 8 de Setembro, na guerra civil do Rio Grande, em todas as arruaças e bernardas





A Avenida da Liberdade, onde se travaram os mais furiosos combates entre os republicanos e a Guarda Municipal. Raras foram as casas que não ficaram danificadas.



Praça D. Pedro, chamada vulgarmente o Rocão, onde a Guarda Municipal e duas companhias de fuzil, sob o commando de D. Alfonso, resistiram durante seis horas ao ataque dos republicanos. Nesse ponto é que o povo com coragem heroica atacou e tomou uma bateria de artilharia.

que foi necessario dominar para consolidar o regimen, para acabar de fazer a Republica e pensam se não seria melhor que a litessemos feito de uma vez, com luta, com dignidade para todos, em combate leal como esse em

bilho e orgulho — as glorias de Portugal são tambem nossas, como de facto nos tocamos suas alegrias e seus infortunios, como nos desvanecem suas victorias, como nos humilhamos sua humilhado. Somos da mesma raça — mais do que isso, nossa nacionalidade é a continuacão e desdobramento da raça lusitana e assista como se diz que a melhor

nar de um dos mais antigos thronos da Europa — foi a impresso causada no Brazil.

Sem o sentir nós nos tinhamos afastado pouco a pouco de Portugal.

E' claro que nada valem, nada valerem nunca as questões de critica mutua. Portuguezes e Brasileiros, animados por equal zelo patriotico, criticavam — se sempre, mas sempre viveram bem. Nos casos de interesse vial sem-



O Dr. Alexandre Braga, um dos mais eminentes propagandistas da Republica em Portugal.



O castello da Pena, em Sintra, no qual se achavam as rainhas D. Amélia e Maria Pia, quando começou a revolução.



O conde de Selir, ministro plenipotenciario de Portugal no Rio de Janeiro, que pediu demissão por não adherir à Republica.

que os Portuguezes reabriram a historia de sua patria, com uma pagina verdadeiramente deslumbrante.

Havia muito quem — illudido pelo marasmo em que monarchia clerical mantinha o velho reino — julgasse a raça esgotada, perdidas suas antigas qualidades, fortes e lucidas. Vimos agora, pela organisação admiravel d'essa revolta, envolvendo marinha, exercito e povo, que nada

falta a Portugal — para retomar seu posto respeitado entre as nações do continente — e não lhe falta nem mesmo homens de iniciativa, energia, genio pratico, espirito de organisação e coragem. Com esses homens, com trabalho, com instrucção, com administração honesta, Portugal poderá renascer.

Para nós — Brasileiros — o facto só pôde trazer ju-

obra de Portugal é o Brazil, tambem podemos dizer que Portugal é o reflexo de nossa propria vida, nelle enxergamos melhor nossas proprias qualidades e defectos, nelle observamos as origens, a essencia de nosso tempo, o reconhecimento, os recursos de nossa alma nacional, com elle aprendemos a nos conhecer melhor.

Por isso, a mais curiosa circumstancia d'esse formidavel acontecimento — o desmoro-

pre estiveram unidos. Quando o feroz Gungunhana ameaçou o prestigio de Portugal na Africa partiram d'aqui como voluntarios Portuguezes e Brasileiros. Quando, depois da revolta de 93, os estudantes alistaram-se com o ideal de defender a Republica, o governo accitou os collegas portuguezes e mais de um morreu por nossa baldadeira em N'cherboy.

Mas não nos interessavam os negocios de Portugal — a politica de Lisboa, com os partidos sem nitidez e as discussões vagas, não



A praça do Municipio e edificio da Camara Municipal, das janellas do qual foi proclamada a Republica Portuguesa.



Arsenal do exercito, do qual sahiram as forças sublevadas e os populares com armas, para fazerem atacar o Real Paço das Necessidades.

(Continua no pag. 125 e seguintes.)

# FRANCISCO DAS NEVES ALVES

N. 34 — 16 DE OUTUBRO DE 1910

A ILUSTRACÃO BRAZILEIRA

133



Na praça 15 de Novembro. L'artífice e o gabinete português comemorando os acontecimentos de Portugal. Fancos monarquistas, seus cabalheiros



O Real Paço de Bragança na qual esteve hospedado o embaixador francês da França. O rei D. Manuel e toda a sua família ali estiveram hospedados a bordo do Itaquara, que teve sua colisão com o navio Hérmin, quando rebentou a revolução e chegou a fim das suas viagens.



D. Manuel II em sua pompa real. No medalhão a princesa Patricia de Castagne, com a qual elle desejava contrahir matrimonio



A plateia do theatro Carlos Gomes por occasião da sessão civica realizada no dia 8 do corrente, para celebrar o advento do Republica em Portugal



O Real Paço das Necessidades, que foi bombardeado pelos cruzadores S. Gabriel e Adamastor, depois tomado de assalto pelos soldados e populares. A torre e uma parte da ala direita do palácio foram postas abaixo pelos tiros de artilharia.



O palácio da Ajuda (antiga residência da rainha D. Maria Pia) no qual se instalou o governo da República.



D. Manuel II fardado de alumno da Escola de Marinha, aos 11 annos de idade.



A actriz parisiense Gaby Deslys, favorita de D. Manuel, que com grande escândalo passava em Lisboa em carrossas de casa real e apressava-se em todos os lugares publicos em que o rei apparecia.

nos prendiam a attenção, a disparidade dos regimens impedia que nos edentificassemos com suas lidas e difficuldades.

De subito tudo mudou. E verdadeiramente prodigiosa a transformação que se operou no espirito de todos nós, á noticia da revolução republicana.

Em um momento o proprio nome de Portugal ganhou a nossos olhos outra significação, outro prestigio—houve uma mudança instintiva e radical no nosso modo de encarar o país, seus homens, seus interesses, seu futuro —ser portuguez tornou-se para nós uma cousa diversa do que era na vespera.

Foi uma transformação tão completa que só ella nos fez comprehender o desanimo com que pensavamos antes no velho paiz de nossa origem.

Ou antes mal pensavamos n'elle—imaginavamos confusamente, por instincto, que nada havia a esperar de um povo, resuscado á politica estéril, de regimen anesthetizante, que o tornava incapaz de uma renascença vigorosa.

O impeto soberbo, a sinceridade, a bravura — a meza dos tempos gloriosos, a audacia formidavel — semelhante á que lançou navegadores e guerreiros por mares desconhecidos e fez surgir o nosso Brazil, todas as velhas e nobres energias de antanho, resurgindo com a revolução vieram nos provar que estavamos em erro — e despertando as afinidades, a solidariedade de raça em nossa alma fez-nos voltar o olhar, o coração, para a antiga metropole.

E o nome da Republica — sobretudo a Republica feita como elle a fizeram, com seu proprio sangue, com intelligencia, com decido, com magnanimidade — o nome da Republica inspira-nos feição intensa que, d'um dia para outro, Portugal, tornou-se para nós outro paiz, mais do que um irmão — outra metade de nós mesmos, de nossa raça, pela qual vibramos

apenas por que não eram esperados nesses dias, mas a revolução estava prevista, nos centros bem informados contava-se com ella não pra mais os mezes breves. O proprio governo republicano estava de sobre-aviso, pois a conchecia sua providencia afastando de Lisboa todos os vasos de guerra durante as ultimas eleições e mandando-os sair de novo para Africa nos primeiros dias d'este mez.

Outros indices foram propalados. Julgando essas eleições recentes em que Lisboa elegeu todos os candidatos republicanos, assim como a flicta para a Câmara Municipal, o circumspecto jornal *Le Temps*, de Paris, publicou um artigo apreciando a situação de Portugal e dizendo que o unico partido politico, verdadeiramente organizado e prestigioso allí era o partido republicano. — Todos os diurnos — dizia *Le Temps*, são agrupamentos sem ideias, sem forças e sem recursos, que se reúnem em todo de um ou outro homem, com fito unico de galgar o poder cu conservar se nelle.

No meio d'esse marionete, d'essas lutas estereis de interesses pessoais, só o partido republicano se apresentava unido, disciplinado, com vigor, com lictas logicas, e tendo a frente homens, que além de grande valor intellectual, offereciam o exemplo de um passado honroso e digno de todo o respeito.

O *Times* de Londres, corroborando essa opinião, foi mais longe — disse que os republicanos eram os unicos politicos de mãos limpas em Portugal. Tratando de um jornal de grande prestigio no paiz de mais intimas relações com o reino portuguez, essa apreciação era singularmente energica.

Outra circumstancia — de accessu veto denunciou a situação especialissima de Portugal. O popular jornal parisiense *Le Matin* pensava em promover um raid international de esportistas: imaginou uma corrida de Paris a Londres e para verificar sua possibilidade mandou um de seus redactores sportivos percorrer toda a facha de territorio onde poderia ser deliicado o percurso, além de estudar os recursos das diferentes regiões, escolher pontos de escala e estabelecer postos de socorro para os casos de paralis involuntaria.

E esse jornalista foi assim obrigado a percorrer em automobile, decididamente, uma grande zona de Portugal, desobediencia a cidade e aldeias, explorando os campos e mosteiros, conversando com os habitantes, informando-se. Afinal o Matin desistiu do projecto e imaginou o circuito á fronteira allemã. Mas o seu redactor, de villa à Paris, mostrou-se asombrado com os symptomas alarmantes que notou nos campos de Portugal. E escreveu um artigo denunciando o vasto trabalho de propa-

ardentemente, pela qual palpítamos, com as mais altivas esperanças.

### A Revolução Republicana em Portugal

Os acontecimentos de 4 de Outubro em Lisboa causaram surpresa em todo o mundo e mesmo aqui,



Massa popular que foi ao paldio do Cattedra, na noite de 11 do corrente, pedir ao dr. Nilo Peçanha o reconhecimento da Republica Portuguesa.

# FRANCISCO DAS NEVES ALVES

N. 34 — 16 DE OUTUBRO DE 1910

A ILLUSTRACÃO BRAZILEIRA

105



QUINTINO BOCAUYVA

O patriarca da Republica Brasileira, que foi o primeiro a pronunciar no Senado Federal uma moção de respeito pela proclamação da Republica em Portugal e alçou-se para sua moção o voto unanime do Senado.

ganda republicana, que já estava feita no interior do Reino.

— Ninguém imagina — dizia esse artigo — o quanto vai adiantada a propaganda no interior do reino, e quanto a féia republicana tem conquistado terreno, por meio de conferencias, brochuras e, sobretudo, por meio de excelsas manifestações pelos chefes do partido republicano.

Havia outros almas. Quando aqui estiveram pela ultima vez os cruzadores *Admiral* e *D. Jemina* notouse que toda a officialidade d'esses vasos de guerra era republicana; nas ultimas



A mesa da sessão civica realizada no dia 8, no theatro Carlos Gomes, para saudar a Republica Portuguesa. O dr. Coelho Lisboa orando, os Drs. Lopes Trinda e Pedro do Couto.

eleições geras ao reino, não só Lisboa como Setubal e varias outras cidades do interior enviaram ás Camaras republicanas; a popularidade dos chefes democraticos era assombrosa e os comícios, por elles promovidos, concorridissimos.

Apenas não se esperava que irrompesse o movimento no dia 4 de Outubro e, ainda meos, que, surgindo assim de surpresa, a revolução se desenvolvesse com organisação tão habil, tão perfeita, tão solida.

Mas isso mesmo prova que não houve uma simples revolta de batalhões descontentes. Foi uma revolução verdadeiramente irresistivel, preparada com reflexão e prudencia, após uma propaganda effica, que preparou o terreno em todo o país e

tornou possivel a adhesão immediata e geral do país.

Assim findou o reinado de uma das mais antigas dynastias da Europa, a casa de Saxo-Coburgo-Gotta-Hungarys.

Varias dynastias reinaram em Portugal, antiga Lusitania, colonisada pelos Phenícios, gloriosa pela longa resistencia dos Romanos, colonia da Roma durante cinco seculos e meio, depois occupada successivamente pelos Alanos, Suenos, Wisigodos e Arabes. No seculo X, os reis christãos das Asturias expulsaram os arabes e estabeleceram-se em Lisboa. Nessa epocha é que começou a ser adoptado o nome de Portugal, dado a principio ao districto do Porto.

Em 1107, o rei de Castella Alfonso VI erigiu o territorio de Portugal em condado para o seu genro



D. Manuel II, seguido por alguns amigos fiéis, foge do Paço das Necessidades (Composição de J. Ramos Lobão)

Henrique de Borgonha, neto de Roberto, o Piedoso. Alfonso, filho do conde Henrique, ergueu Portugal em reino após a batalha de Ourique e foi proclamado rei. Foi isso em 1139, data do início do reino. A casa de Borgonha reinou até 1385, fazendo constante guerra aos árabes. Os mais notáveis soberanos d'essa dynastia foram D. Alfonso III, que conquistou a provincia do Alentejo, D. Dinis e Pedro, o Justiciero. Em 1385 a casa de Aviz cingiu a coroa em D. João I, filho natural de Pedro I e vencedor da batalha de Aljubarrota. Foi a dynastia mais gloriosa e que prestou as grandes conquistas da navegação,

os descobrimentos das ilhas da Madeira, Canarias, de Cabo Verde, Congo e Cabo da Boa Esperança, a costa de Malabar, o caminho das Indias (a sua conquista) as ilhas Molucas e China, o Japão, o estreito de Magalhães. Com a morte de D. Sebastião em Alcaçobes o reino tornou-se uma provincia de Espanha, desde 1580 até 1640. Foi então que subiu ao throno a dynastia dos Braganças, que teve como primeiro rei D. João IV e como ultimo D. Manuel II. Sempre nozar que foi sob essa dynastia que Portugal decabiu pouco a pouco de sua fortuna colonial; do territorio flo vazio e que nelle havia sempre sol até a situação humilde e precaria, que se acabava ultimamente.

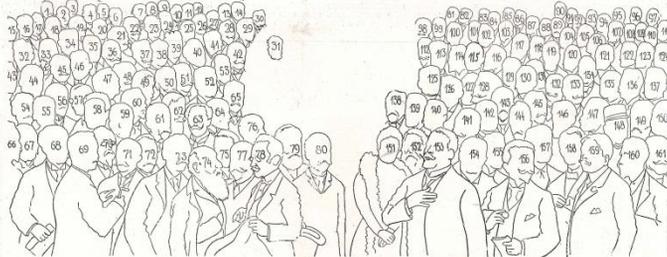
Hoje os recursos de Portugal são os seguintes. Na Metropole um territorio de 88.054 kilometros quadrados de terras férteis e generosas, com oito milhões de habitantes, seu dominio colonial, com 3.280.000 kilometros quadrados de superficie e 30 milhões de habitantes. A agricultura e industria na metropole, apesar de desahucada e pobre pelos efeitos da guerra, não prospera; as colonias, onde tudo está por fazer, têm incalculavel futuro. Com esses recursos e com administração honesta, Portugal poderá ser, em breve, senão uma grande potencia, ao menos um país rico, forte e feliz.



A impressão no Rio de Janeiro. Populares lendo os boletins com telegramas de Portugal, em frente da redacção d'O Jazir. No primeiro plano vê-se o sr. Antonio Gonçalves Ramos, que foi um dos heróis da revolução republicana. O caso do Porto em 1801, era então sargento do 30.º batalhão de infantaria e foi forçado a refugiar-se no Brasil.

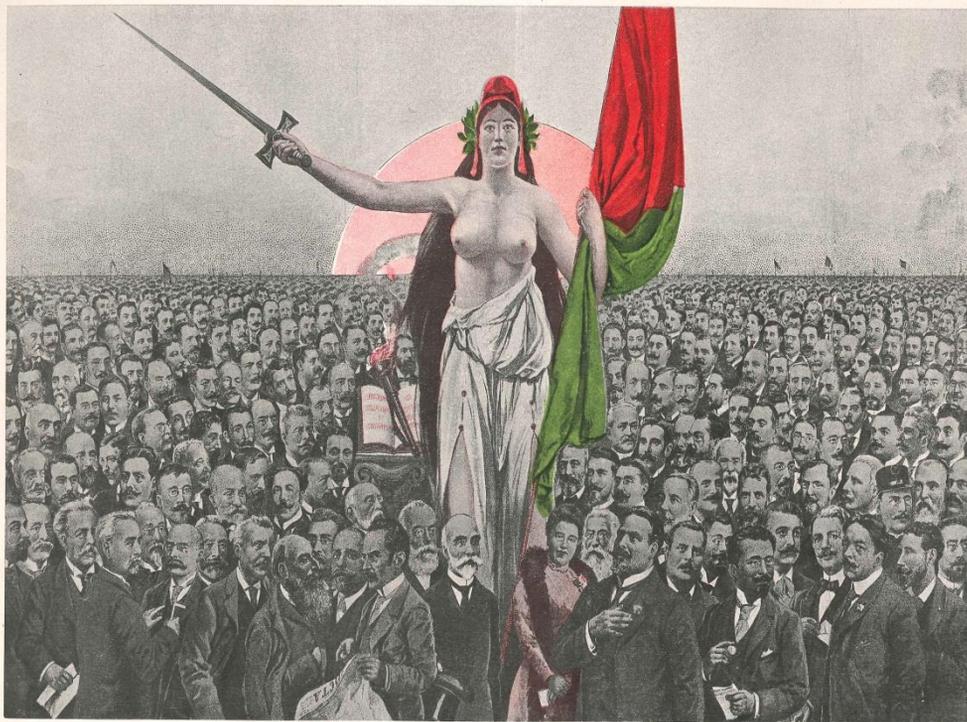


Na praça Tiradentes. Operários portugueses e brasileiros negociam-se com as noticias da proclamação da Republica em Portugal.



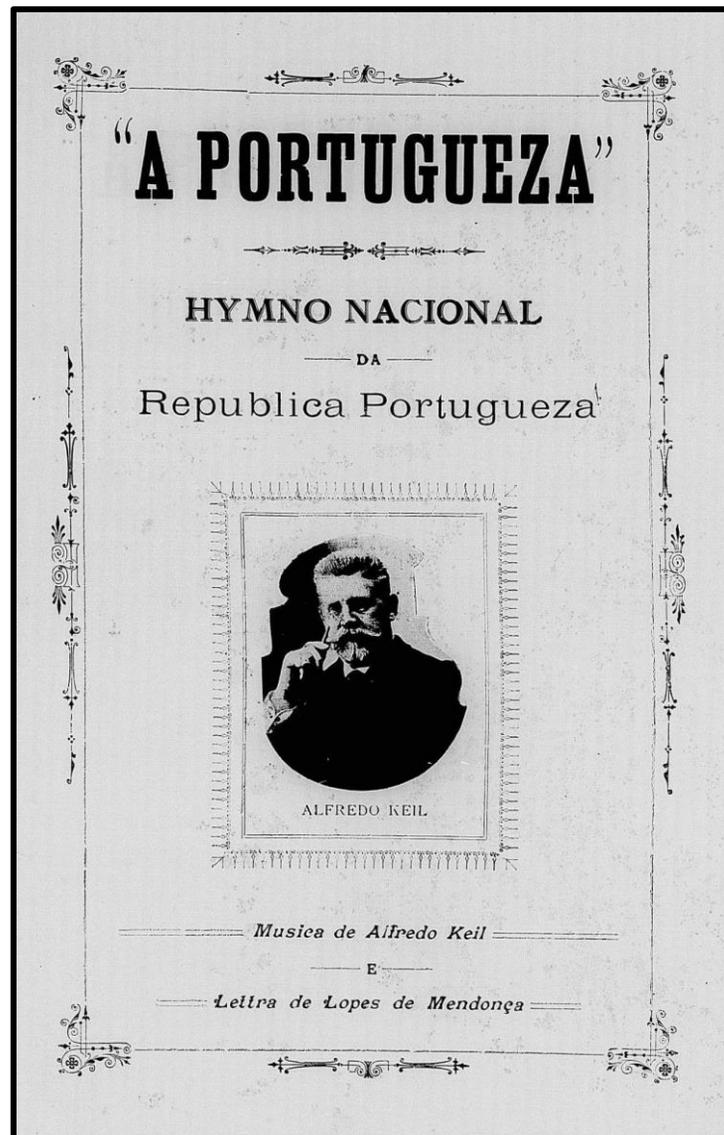
1. Pedro Paulo de Carvalho; 2. Dr. Pereira Zagallo; 3. Dr. Samuel Mala; 4. Alfredo Cesar da Silva; 5. Martins Cardoso; 6. Dr. Joaquim Romão; 7. José Maria de Sousa; 8. Dr. José Pessoa Ferreira; 9. Silva Siqueira; 10. Dr. Lopes de Oliveira; 11. Dr. José Eduardo Magalhães; 12. Manoel João da Rosa; 13. Dr. João Fonseca Lima; 14. Dr. Martins Lima; 15. José Antunes Pinto; 16. Faustino de Sá Nogueira; 17. Azevedo Ramos; 18. Ferreira Chaves; 19. Francisco de Almeida Grandella; 20. Carlos Moreira da Costa Pinto; 21. Dr. José Bessa de Carvalho; 22. Dr. João José de Freitas; 23. Silva Cunha; 24. Joaquim Ramos Simões; 25. Guilherme Henrique de Souza; 26. Dr. João Pedro de Almeida; 27. Antonio Carlos de Oliveira; 28. Dr. José da Ponte e Souza; 29. Ferreira Gonçalves; 30. Albino Lobo; 31. Thomaz da Fonseca; 32. Dr. Arthur Leão; 33. José de Souza Larcher; 34. Dr. José de Abreu; 35. Paulino de Oliveira; 36. Dr. Guilherme Rodolpho; 37. Aurelio da Paz dos Reis; 38. Dr. Augusto Manoel Alves da Veiga; 39. Santos Passa; 40. Pádua Correia; 41. Elião de Mello; 42. Bernardino dos Santos Carneiro; 43. Dr. Portoarrero; 44. Gomes Leal; 45. Mayer Garrido; 46. Luiz Beronzi; 47. José Sampaio (franco); 48. Barros Queiroz; 49. Delphin Guimarães; 50. Augusto José Vieira; 51. Faustino da Fonseca; 52. José Cabdas; 53. Dr. Gervasio Martins; 54. Dr. Anselmo Xavier; 55. Dr. Eusebio Leão; 56. Dr. Alfonso de Lemos; 57. Marinha de Campos; 58. Boto Machado; 59. Dr. Antonio Luiz Gomes; 60. Luiz Filipe da Matta; 61. Dr. Ramiro Goncalves; 62. Dr. Galderia Queiroz; 63. Dr. Augusto da Fonseca; 64. Lopes Teixeira; 65. Agostinho Torres; 66. Innocencio Camacho; 67. Feio Terenas; 68. Dr. Magalhães Lima; 69. Dr. Theophilus Braga; 70. Dr. Manoel d'Arriaga; 71. Consiglieri Pedrono; 72. Basilio Telles; 73. Dr. Nuno da Ponte; 74. Guerra Junqueiro; 75. Teófilo de Oudiz; 76. Augusto José da Cunha; 77. Dr. João de Menezes; 78. Dr. Brás Camacho; 79. Brancamp Freire; 80. Dr. Bernardino Machado; 81. Ferreira Mauço; 82. Dr. Couceiro da Costa; 83. Carlos Calvo; 84. Dr. José Antunes de Castro; 85. Cesar da Silva; 86. Dr. José Sumarelle Soares; 87. Dr. Carlos Olavo; 88. Guilherme de Souza; 89. Constantino Villeverá; 90. Manoel Bernardo Soares; 91. Dr. João Casuarro da Fonseca; 92. Gregorio Fernandes; 93. Joaquim de Souza Fernandes; 94. Agostinho Manoel de Souza; 95. Abilio Meireles; 96. Antonio Farinha Pereira; 97. João Rosa de Fátima; 98. Dr. Malva do Valle; 99. Dr. Manoel Monteiro; 100. Neves de Carvalho; 101. Pereira Pacheco; 102. Gonçalves de Azevedo; 103. Antonio Maria Monteiro; 104. Albino Goncalves; 105. Manoel Amadeo Gonçalves; 106. Dr. José Eugenio Ferreira; 107. Goetho da Silva; 108. Augusto Simões de Souza; 109. Dr. José Pedro Marrea; 110. Martins Abreu; 111. Dr. Pedro Rosa; 112. Francisco de Sá Nogueira; 113. Augusto Malheiro; 114. Manoel Maria Goetho; 115. Dr. Erasmo Gulliver; 116. Dr. Manoel Firmino da Costa; 117. Dr. José de Castro; 118. Dr. Arnaldo Riquetto de Carvalho; 119. Souza Varella; 120. Dr. Silvestre Falcão; 121. Dr. Ernesto Calvina; 122. Dr. José Benevides; 123. Dr. Augusto Barreto; 124. José Pereira; 125. Pedro Monteiro; 126. Meira e Souza; 127. Celso Freire; 128. Capetino Ribeiro; 129. Ricardo Paes Gomes; 130. Cassiano Ribeiro; 131. Dr. Carlos de Lemos; 132. Dr. Carlos Paulo de Moraes; 133. José Miranda; 134. Dr. Alves Torgo; 135. Dr. Gerqueira Coimbra; 136. Dr. Duarte Leite; 137. Dr. Antonio Macieira; 138. Dr. Carlos de Almeida; 139. José Miranda; 140. Dr. Augusto de Vasconcellos; 141. Dr. Calisto de Almeida; 142. Xavier Esteves; 143. Verissimo de Almeida; 144. Dr. Ishtennourt Raposo; 145. Dr. Pereira Osorio; 146. Dr. Alfredo Magalhães; 147. Dr. Jacintho Nunes; 148. Thomaz Calreira; 149. Dr. Teodoro de Carvalho; 150. Dr. Fernandes Costa; 151. D. Anna de Castro Osorio; 152. Joaquim de Azevedo Albuquerque; 153. Dr. Antonio José de Almeida; 154. Dr. Estevão de Vasconcellos; 155. Franca Borges; 156. Dr. Alfonso Costa; 157. Dr. Aresta Branco; 158. João Chagas; 159. Dr. Alexandre Braga; 160. José Reivas; 161. Dr. Augusto Montardi.

PELA REPUBLICA EM PORTUGAL



Fac-simile do cartaz que foi profusamente distribuido em Portugal ha dous annos e no qual estão reunidos os mais notaveis propagandistas da Republica.

(Vejam no texto o quadro explicativo com os nomes d'esses precuros da Republica em Portugal)



**A PORTUGUEZA**  
NOVO HYMNO NACIONAL PORTUGUEZ

POESIA DE

*H. Lopes de Mendonça.*

MUSICA DE

*Alfredo Keil.*

Canto *Marcial*

PIANO *ff* *He rorido*

mar, no - bra po - vo, Na ção va - len - te, im - mor - tal *Le van*

- tae ho - je de no - voes plen - dar de Por - tu - gal!

En - tre as bru - mas da me - mo - ria, Oh pa - trio sen - te - sea voz *Dos*

*ap - res a voz a pura*

A FORMA DE GOVERNO REPUBLICANA EM QUESTÃO: ESTUDOS COM BASE NO PERIODISMO

16 DE OUTUBRO DE 1910

The image shows a page of a musical score. At the top right, the date "16 DE OUTUBRO DE 1910" is printed. Below it is a decorative horizontal line with a central floral ornament. The score itself is written in a key signature of two flats (B-flat and E-flat) and a 2/4 time signature. It consists of a vocal line and a piano accompaniment. The vocal line has three staves of music with lyrics in Portuguese. The piano accompaniment has two staves of music. The lyrics are: "ous e gre-gios a... vós Ave ha - de qui - ar - - teã vic - to - - ria!... Às ar... mas, às ar - mas, sobre ter - ra, sobre o mar,..... Às ar - mas, às ar - mas! Pe - la pa - tria lutar! contra ca - uibães marchar marchar!.....". The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings like *ff* and *sf*. The word "côro" is written above the first staff of the vocal line.

côro

ous e gre-gios a... vós Ave ha - de qui - ar - - teã vic - to - - ria!... Às

ar... mas, às ar - mas, sobre ter - ra, sobre o mar,..... Às ar - mas, às

ar - mas! Pe - la pa - tria lutar! contra ca - uibães marchar marchar!.....

LETTA DO NOVO  
**Hymno Nacional Portuguez**

VERSOS DE HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

**“A PORTUGUEZA”**

Hercos do mar, nobre povo  
Nação valente, immortal,  
Levantae, hoje, de novo  
O Portugal!

Entre as brumas da memoria  
Oh, patria sente-se a voz,  
Dos teus egregios avos  
Que ha de guiar-te á victoria!

A's armas! A's armas!  
Sobre a terra e sobre o mar  
A's armas! A's armas!  
Pela patria lutar,  
Contra os canhões  
Marchar! Marchar!

Desfralda a invicta bandeira  
A' luz viva do teu céu  
Brade a Europa, a terra inteira,  
Portugal não pereceu!

Beija o sólo teu jocundo;  
O oceano a rugir d'amor  
E o teu braço vencedor  
Deu mundos novos ao mundo.

A's armas! A's armas!  
Sobre a terra e sobre o mar  
A's armas! A's armas!  
Pela patria lutar.

A's armas!  
etc.

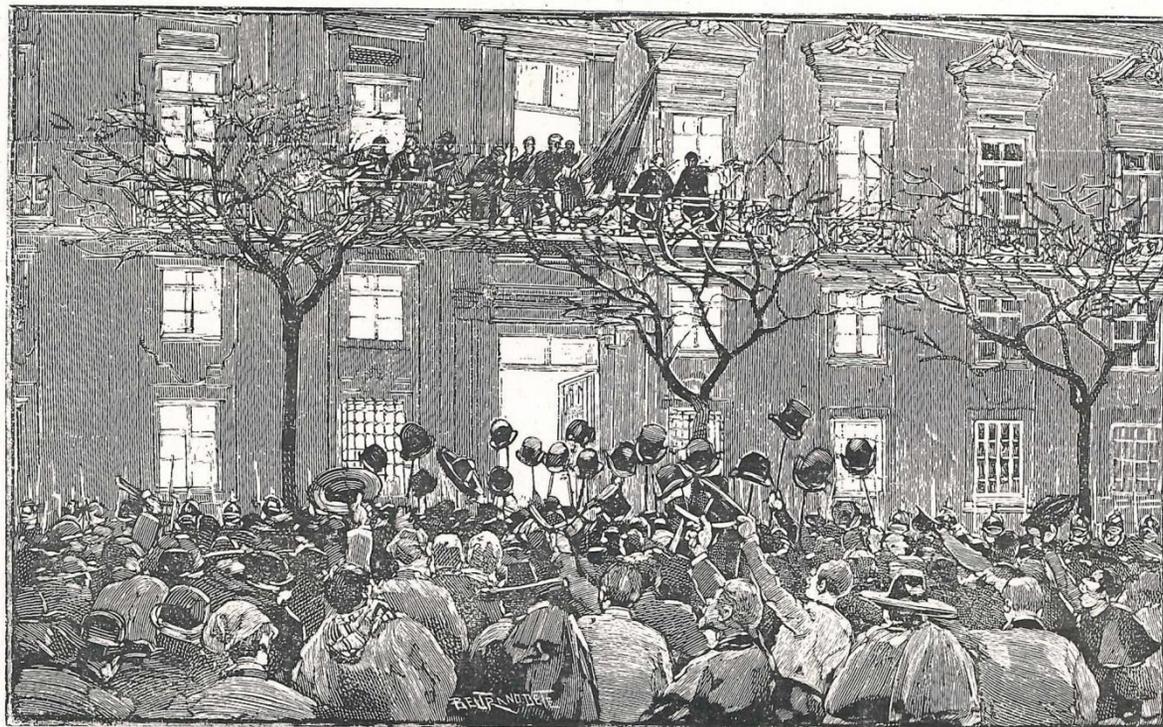
Saudai o sol que desponta  
Sob um ridente porvir;  
Seja o echo duma affronta  
O signal do resurgir.  
Raios d'essa aurora forte,  
São como beijos de mãe,  
Que nos guardam nos sustêm  
Contra as injurias da sorte.

A's armas!  
etc.

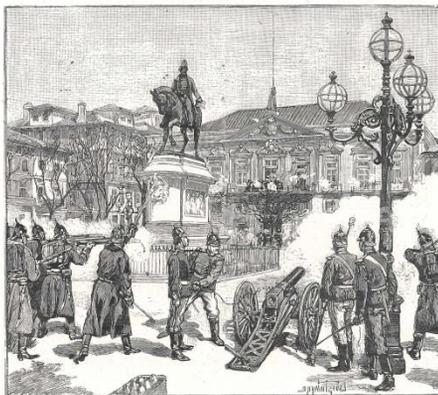
# A PRIMEIRA REPUBLICA EM PORTUGAL

(31 DE JANEIRO DE 1891)

AS GRANDES CRISES DA PATRIA PORTUGUEZA



A proclamação da primeira Republica em Portugal, feita das janellas da Camara Municipal do Porto, a 31 de Janeiro de 1891. (Gravura da época)



A Guarda Municipal atacando com artilharia com auxílio republicanos entrincheirados na casa da Câmara, no dia 11 de Janeiro de 1901. (Gravura da época).

moritundo, mas acorde do seu pesado somno e num de seus admiráveis impetos arrochete contra as tropas francezas, até então invencíveis, bate-as e obriga a a retirada.

O país carecia da paz, ordem e governo para reafirmar de suas perdas, mas surge em pouco a guerra civil, com todos os seus horrores. Dois partidos deplacando-se, os que queriam no throno a filha de Pedro I do Brazil, já então independente, e os que desejavam ter como rei D. Miguel, irmão de D. Pedro. Venceram os primeiros e Portugal, reinando a dynastia brigantina, foi caminhando na historia dos rrupos, até a mudança de regimen que ha pouco se deu.

Mas não se deve esquecer que não foi agora a primeira manifestação republicana em Portugal. Ha dezoito annos já a republica chegara a ser proclamada.

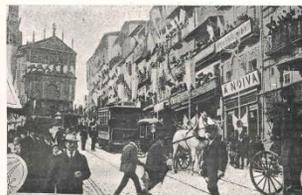


Combate entre republicanos e a Guarda Municipal, na rua de Santo Antonio, em 11 de Janeiro de 1901. (Reprodução de uma gravura da época).

tar sobre o acontecido na Europa, desde 600 annos antes de Christo, parece que a fundação do Porto não remonta além dos fins do seculo 4º ou principios do seculo 5º, da era Christã.



A ultima cerimonia publica em que D. Manuel II appareceu como rei a commemoração da Batalha do Bussaco. Ao lado de D. Manuel vê-se o duque de Wellington, delegado especial da Inglaterra.

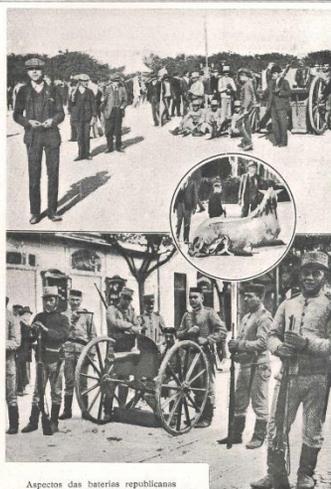


A rua dos Clerigos, do Porto, onde se travaram os mais reñhidos combates durante a revolução republicana de 1901.

#### Revolução do Porto

A cidade do Porto que assenta na margem direita do rio Douro e fica a 6 kilometros do Oceano, do lugar denominado S. João da Foz, ou simplesmente Foz, é a segunda cidade do paiz, denominada a capital do norte, grande centro de trabalho, de commercio, artes e industria. Bem servida por todos os meios de communicação, por terra e por mar, a capital da provincia do Douro, com uma população de cerca de 300.000 habitantes, possui grandes fabricas em todos os ramos de commercio e industria, sendo bem conhecidos os vinhos «chamados do Porto», de que tem colossaes armazens e adegas dentro de seus muros e no seu termo, os mais notaveis d'estes os de Villa Nova de Gaya, formosa e ridente villa, quasi ás portas da cidade. Induz-se na noite dos tempos a origem da fundação da cidade. Alguns historiadores antigos remoniam sua origem ao tempo dos Pharaos, reis do Egypto; outros, e com elles Frei Bernardino de Brito, a Diomedes, rei da Etheta, na Grecia, companheiro de Ulisses na guerra de Troia, em 1184 annos, antes da era de Christo, com o nome de *Portus Galus*, isto é, — *Porto-galês*; outros ainda, que foi fundada pelos gallos-celtas, quando se estabeleceram na peninsula; outros opinam que Menelau, irmão de Agamemnon e marido de Helena (causadora da guerra de Troia), desterrado-se da sua patria, passou do Mediterraneo ao Oceano Atlantico e fundara a cidade.

Tambem alguns attribuem a sua fundação a Calisto, filho de Hércules, rei da Thracia, argonauta celebre que, correndo mundo, depois da conquista do celebre velozes de ouro na Colchida, os ilha de Colchoz, fundara varias cidades. Mas satisfeito com todas estas antiguidades, o infatigavel antiquario Antonio da Encarnação Pinto remonta a origem do Porto a um dos proximos descendentes de Noé! Mas, deixando esses tempos fabulosos e indo a historia romana, a unica que derrama



Aspecto das baterias republicanas guarnecidas pelo povo e as tropas nas ruas de Lisboa, durante o dia 5 de Outubro

Formado o reino de Portugal de terras da Lusitania e sendo nas proximidades do Porto o berço da monarchia, o Porto teve sempre no reino grande importancia. Houve tambem, e certo, e ainda hoje ha, entre a cidade da Virgens título que foi dado ao Porto, como o de castiga, muito nobre e sempre tal e livrada cidade e fora que lhe foram outorgados por D. Pedro I de Portugal e I imperador do Brasil, que legou a seu consólio a cidade, e que se acha na igreja da Lapa, na capella-mór, em sarcophago de pedra, e a capital do país, certa rivalidade, mas pertencia uniao e communhão de idéas.

Os fillos do Porto são conhecidos por sua tradicional hostilidade nos negocios, — «contos do Porto» — e phrase consagrada, e amor á causa santa da liberdade e independencia. Os portuezes têm uma alicunha muito caracteristica e que, longe de os deprimir, se exalta aos olhos dos outros povos, pelo seu patriotismo e abnegação.

São chamados os *trapeiros* e esta alicunha vem-lhes do seguinte facto historico — D. João I, o Mestre d'Avis habitava em 1415, com sua consorte, a virtuosa Philippa de Lancastre, princeza inglesa, filha do duque de Alencastre ou Lencastre e com os quatro fillos do casal, D. Duarte, que depois foi rei, D. Pedro, duque de Coimbra e por varias vezes regente do reino, o nobre infante D. Henrique, de quem ja fallamos e D. Fernando, fallecido em Africa, trucidado pelos marroquinos. Era uno de alguns reis da casa primeira dynastia que residiram simultaneamente nas terras principaes do país, embora a corte fosse em Lisboa. Mas onde estava o relictivo a corte. E assim procediam os que melhor desejavam governar, para se acharem mais em contacto com o povo e co-

seus fillos em varias terras, como, por exemplo, o herdeiro da coroa D. Duarte, que nasceu em Vizeu, capital da provincia de Beira Alta. Achevase o rei no Porto, no Paço á rua Nova de S. Nicolau, hoje Alameda Velha, na rua dos Ingleses, quando deliberou passar com seus fillos mais vellos á Africa e atravessando o Atlantico, conquistar Ceuta, na costa de Marrocos.

Partiu sendo, as naves e caravelas commanda-



A proclamação da Republica em Portugal. O Sr. José Relvas pronunciando a proclamação de uma janella do Paço Municipal de Lisboa

nhoceram m e - das pelo glorioso infante D. Henrique. Os habitantes do Porto, que concorreram com muitos navios e municípios, para que a armada fosse bem provida de viveres, mandaram para bordo das naves toda a carne escolhida das rezas que abastaram, reservando para seu sustento somente as entranchas, cabeças e miúdos das mesmas rezas.

Foi d'esta circumstancia que aos portuezes advem a alicunha de *trapeiros* e pouco tempo uma origem tão patriótica e gloriosa. A armada foi feliz na sua aventura e Ceuta passou a ser do dominio portuguez, em 14 de Agosto de 1415.

Quanto ao movimento revolucionario de 31 de Janeiro de 1910, teve por causa o conflicto anglo-portuguez de 1890. Em principios de Janeiro d'este ultimo anno, concepo a fallar-se na possibilidade d'um conflicto com a Inglaterra, a proposito das pretensões britannicas sobre os territorios do Nyassa,



Massa popular no Largo do Municipio, de Lisboa, victoriando o Sr. José Relvas, ao ouvir a proclamação da Republica

em Africa. Impressionado por esse caso e pelo exemplo do Brazil um anno antes alguns regimentos da guarnição do Porto revoltaram-se. Não tendo adido todo o elemento civil, a revolta teve caracter quasi puramente militar. As tropas sahiram dos

tharins. Todos os pelões arfavam de ansiedade e todos comprehendiam que o regimento la decidir a luta, ou a favor dos revoltosos, se do seu lado estivesse, ou pela monarchia, se a esta se conservasse fiel. O regimento apparece ao cimo da rua de Santo

Antonio e, quando perguntam a seu commandante o coronel Julio de Meneses Cabanellas, quem vive e este responde com voz vibrante e marcial: «El rei D. Carlos I.<sup>o</sup>», os revoltosos sentem-se percutidos e comegam as desercões nas suas fileiras. O regimento do 1.<sup>o</sup> e a Guarda Municipal avancam sobre os revoltosos, que vão recuando e fazendo fogo, respondendo ao fogo que lhes era feito. Recuaram até a Praça Nova e os que restavam em fileiras, refugiaram-se na Casa da Câmara. Então ali foi tremenda a luta. De um e de outro lado se batem como lobos e praticam-se actos que são mais do que heroicos, pois são de verdadeira loucura.

Entretanto, da Serra do Pilar, onde estão aquarteladas as tropas de milicias, chegam duas peças de fogo, que tomam posição ao lado das tropas fiéis e vomitam balas contra os revoltosos. Estes resistem enquanto podem, mas não se reñcem, nem pedem a paz. Afinal a luta era impossivel e ás 2 horas da tarde, a Municipal encalava o reduto e prendia os revoltosos, que não tinham conseguido fugir. A bandeira, das Quinas, com as armas reais, vai substituir a dos revoltosos, que fluctuara sobre o municipio do Porto durante 7 horas.

Estava terminada a revolta. Declarado o estado de sítio, dando o governo central immediatas e energicas providencias, effectuaram-se muitas prisões, suspenderam-se muitas jornadas e, mais tarde, os revoltosos que não tinham fugido, bem como muitos lealdades de diversas classes da cidade, qe e estavam comprometidos na revolta, foram julgados em conselhos de guerra, que funcionaram a bordo de navios da esquadra de Lisboa para Leixões. Poucos foram absolvidos e os condemnados tiveram diversas penas, maiores ou menores, conforme suas responsabilidades. O capitão Leitão, que depois esteve no Rio de Janeiro, Alferes Malheiros e Alves da Veiga, conseguiram fugir. Dos revoltosos, uns se homiziaram em Hespanha e outros em França. Hoje, com o advento da Republica, todos podem, afinal, voltar a Patria.



Uma das baterias republicanas installadas na Avenida da Liberdade no dia 5 de Outubro



As autoridades da Republica de Portugal collocando sellos nas portas do convento de Aldeia de Poente, de onde foram expulsos os frades



O marechal Hermes em Lisboa. No paço de Hofem, em companhia do ministro do ex-rei D. Manuel

quartéis e conseguindo chegar, sem estorvo, a Praça D. Pedro, allí foi proclamada a republica, ás 8 horas da manhã do dia 31 de Janeiro de 1891. O Dr. Alves da Veiga, um dos chefes mais entusiastas do partido republicano, discursou ao povo e o actor Miguel Varadim leu a lista do governo provisório, em que figuravam os nomes de Rodrigues de Freitas, Dr. Joaquim Bernardo Soares, Luiz da Relação, general Correia da Silva, Lúcio Pinto Leite, Alvaro d'Albuquerque, Santos Reis e Alves da Veiga.

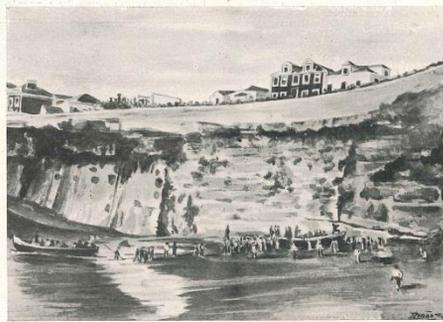
Vendo que o povo os victoriava e dava vivas á Republica, julgaram os revoltosos que estava definitivamente vencida a monarchia. E tanto assim se persuadiram que os soldados insurrectos, commandados pelos dois chefes militares revoltosos, capitão Amaral Leitão e alferes Malheiros, acompanhados de grande multidão, subiram a rua de Santo Antonio, a mais bonita e central da cidade, á frente as bandas musicas, tocando a «Portuguesa», não como quem se presta o inimigo, mas como quem vai cantando victoria.

Ao cimo da rua, dominando-a, estava prestada junto á igreja de Santo Ildefonso, uma grande força da Guarda Municipal. Este facto e o toque de clarim d'aquella força, que era o signal de fogo, surprezederam os revoltosos.

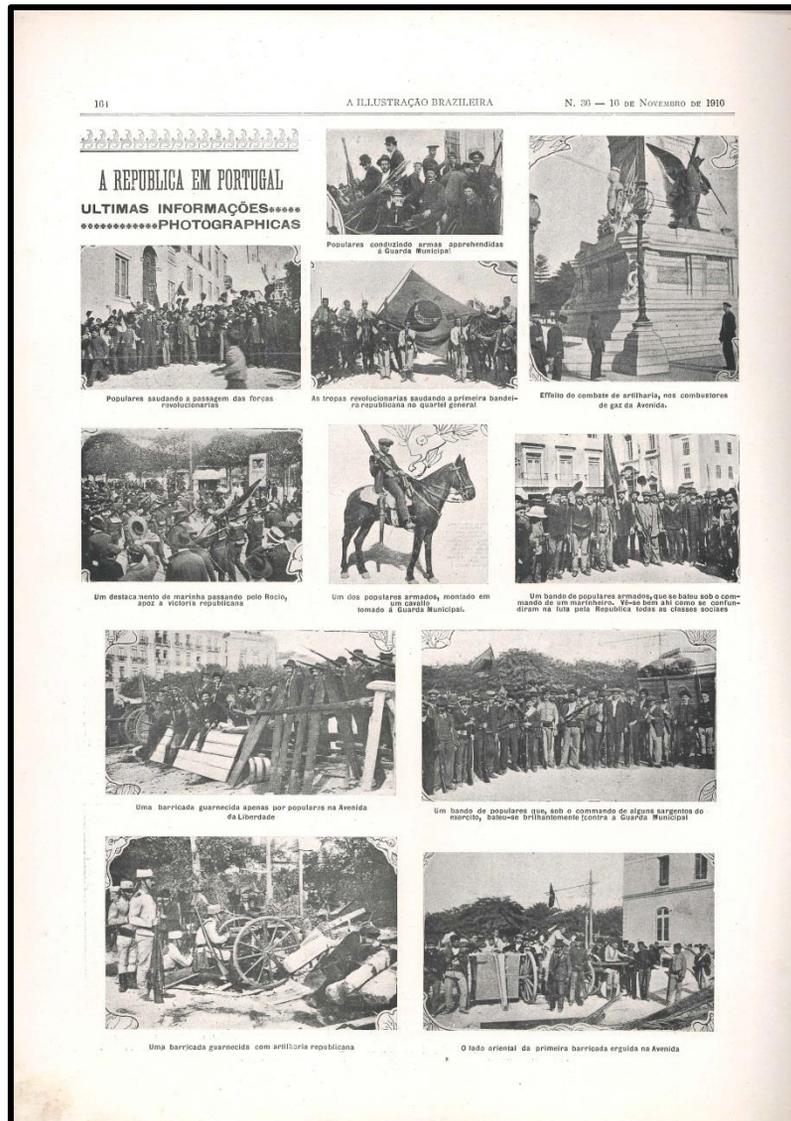
Pararam o alferes Malheiros demodadamente e collocou-se á frente dos soldados de seu commando e fallou-lhes. Alguns, depois de novos toques de clarim da Guarda Municipal e de um tiro que foi dado de uma janella, sem que se soubesse por quem, fizeram frente á Guarda.

Respondendo esta com carga cerrada, houve debandada entre a multidão, ficando apenas, a enfrentar corajosamente a Guarda Municipal, os revoltosos militares. Houve luta encarniçada.

Quando a plebeja já mais forte, ovem-se novos toques de clarim, allí perto. Era o regimento de Infantaria 1.<sup>o</sup>, que vinha pela excessiva rua de Santa Ca-



Um momento historico. O embarque da familia real na Escoicia: a barca á esquerda é a que conduziu o rei; na segunda foram as duas rainhas. (Reprodução, em aquarello, de uma photographia publicada pelo "Seculo", de Lisboa).



# FRANCISCO DAS NEVES ALVES

N. 30 — 16 DE NOVEMBRO DE 1910

A ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

105



O convento de Ouzhas. Foi d'elle que os frades offerceram maior resistencia, a tiros e dynamio, as tropas e populares.



Ultimo retrato do rei D. Manuel, tirado com o marechal Hermes, no dia 3 de Outubro



Uma barricada



Revolutionarios nos annos que formou a revolução. Artillaria, Marinha e Salsoura.



Um paisano armado, auxiliando um marinheiro de guarda á porta de uma repartição publico



Barricada levantada por populares, na rotunda da Avenida da Liberdade



Pereiras vestidas como camponesas e conduzidas ao Arsenal, por um destacamento de marinheiros



O commissario naval Antonio Machado Santos que dirigiu heróicamente os principaes combates na Avenida da Liberdade



Como termina uma dynnastia  
O bote que levou D. Manuel II, sfastando-se de terras de Portugal

Apresentando-se como “magazine mensal ilustrado”, a revista *A Leitura para Todos* foi editada no Rio de Janeiro desde a primeira década do século XX até o início dos anos 1930. Apesar do formato menor em relação a outras publicações do mesmo gênero, tinha uma boa feitura gráfica e pretendia apresentar uma revisão mensal dos acontecimentos do período transcorrido. Tinha uma pauta editorial diversificada e, quanto ao segmento noticioso, narrava os episódios nacionais na seção “Trinta dias” e os internacionais, na “O mês no estrangeiro”. A edição de outubro de 1910<sup>24</sup> apresentou especial atenção para com a transição lusitana, caso da capa que era alusiva à mudança na forma de governo, mostrando duas damas republicanas – a portuguesa e a brasileira – a saudarem-se mutuamente. A revista trazia uma abrangente fotorreportagem sobre o ocorrido em Portugal, com registros do movimento nas ruas, os preparativos bélicos, além de retratos do rei apeado do poder e de lideranças republicanas e monárquicas e ainda móveis e imóveis que lembravam o regime decaído, alguns deles depredados pelo movimento popular e um desenho alegórico que tratava das novas relações entre a república e a religião católica. No derradeiro número de 1910<sup>25</sup>, o periódico realizava um feedback anual, inclusive apresentando “O ano de 1910 no estrangeiro”, segmento em que fazia referência ao “transcendental acontecimento que se produziu” em Portugal, com “a queda da Casa de Bragança e a implantação da república”. Considerava que “seria prematuro apreciar esse fato em todo em todo o seu alcance”, pois a nova

---

<sup>24</sup> A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, out. 1910.

<sup>25</sup> A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, dez. 1910.

forma de governo ainda não tivera “tempo de produzir os frutos esperados”. Além disso, apontava que “o país não saiu ainda do estado de agitação inevitável após uma transformação tão completa”, sem deixar de ressaltar que “o mundo inteiro acompanha com vivo interesse e sincera simpatia o processo de evolução da antiga e gloriosa Lusitânia”.

Na construção textual da edição de outubro<sup>26</sup>, *A Leitura para Todos* realizou comparações entre a república no Brasil e em Portugal, trouxe detalhes a respeito da campanha militar, salientou o papel do republicanismo e de suas lideranças, expôs opiniões expressas na imprensa internacional, além de apresentar um breve resumo histórico da formação portuguesa. O texto foi amplamente favorável à mudança institucional ocorrida no âmbito luso:

Basta!... Foi o grito que retumbou por todo Portugal. Basta de monopólios e de despotismos. Portugal deve ser um país livre, governado por pessoas de vontade livre.

O regime monárquico vai de encontro à sociologia moderna. Essa sucessão de coroa, entre pessoas de uma mesma família constitui um monopólio indecoroso; deve ser rejeitada!...

E assim, numa ocasião em que Portugal parecia gozar de tranquilidade inefável, eis que rebenta no cerne do coração lusitano a mais benéfica dentre as mais salutares revoltas até hoje conhecidas.

---

<sup>26</sup> A LEITURA PARA TODOS. Rio de Janeiro, out. 1910.

Era o povo português que se levantava contra o regime ferrenho e opressor que tornava o solo periclitante. Era a indignação que explodia, onde se mantivera a custo, durante tanto tempo.

Era preciso reagir! Combater, arrancar até a última gota de sangue, em prol de um país querido, alcançando a sua autonomia.

O regime republicano se impunha, como o mais sério. Um presidente pode ser um régulo, mas sê-lo-á durante quatro anos somente, ao passo que um monarca déspota poderá – a coroa permite – imolar suas vítimas, num verdadeiro holocausto, durante toda a vida. E se esse soberano tiver um sucessor e este, obedecendo a lei da hereditariedade, vier ao mundo eivado das más qualidades de seu progenitor, o povo continuará a ser massacrado, sem poder soltar um lamento, um queixume sequer.

Não! Tinha-se que acabar, e a mudança do regime monárquico para o republicano foi a salvação de Portugal, que já se encontrava à beira do abismo, pronto a ser devorado por qualquer abutre potentado.

É este o único regime compatível com as vicissitudes deste século. A monarquia, mais dia menos dia, tende a desaparecer completamente, destruída por sua valorosa antagonista. (...)

Foi então que subiu ao trono a dinastia dos Bragança, que teve como primeiro rei D. João IV e por último D. Manoel II, há pouco deposto.

O novo regime trará ou não os melhoramentos de que carecia Portugal?

Certo que sim, pois em 34 dias de república, fez mais que em duzentos e setenta anos decorridos de D. João IV a D. Manoel II.

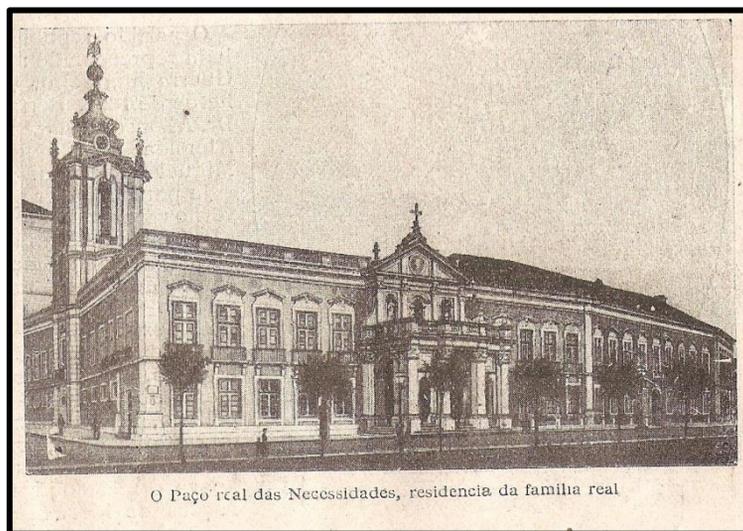
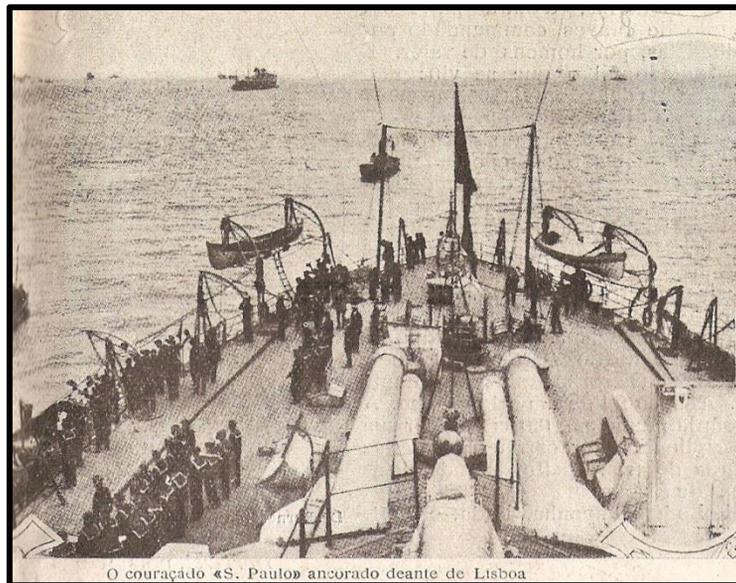


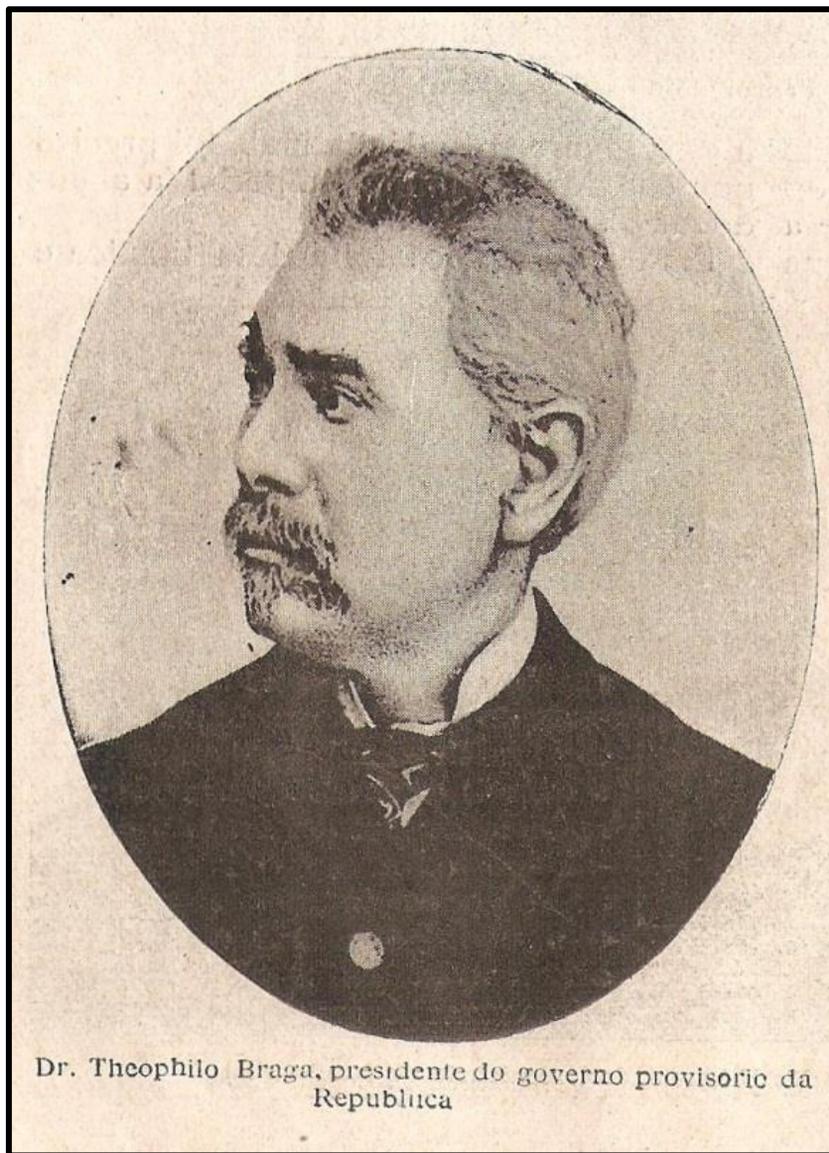
A FORMA DE GOVERNO REPUBLICANA EM QUESTÃO: ESTUDOS COM BASE NO PERIODISMO

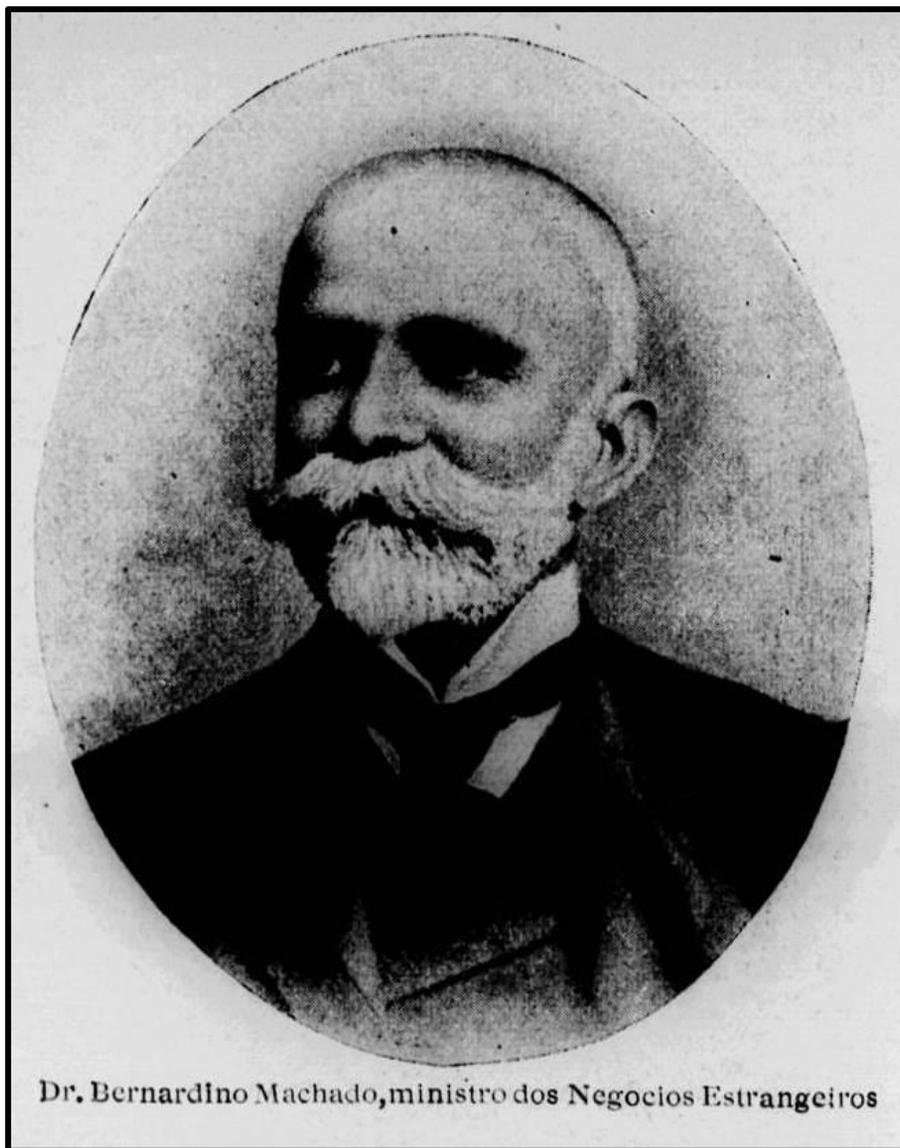


FRANCISCO DAS NEVES ALVES





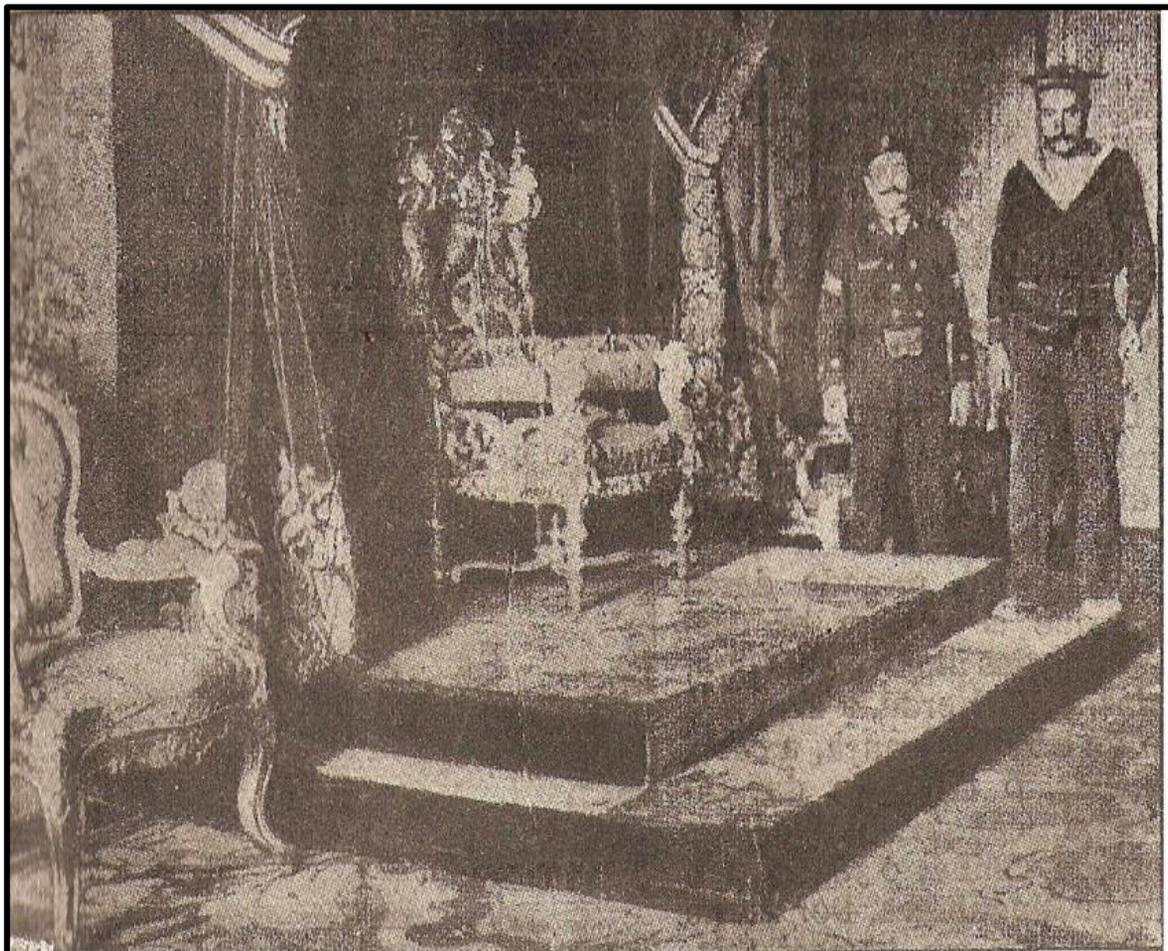




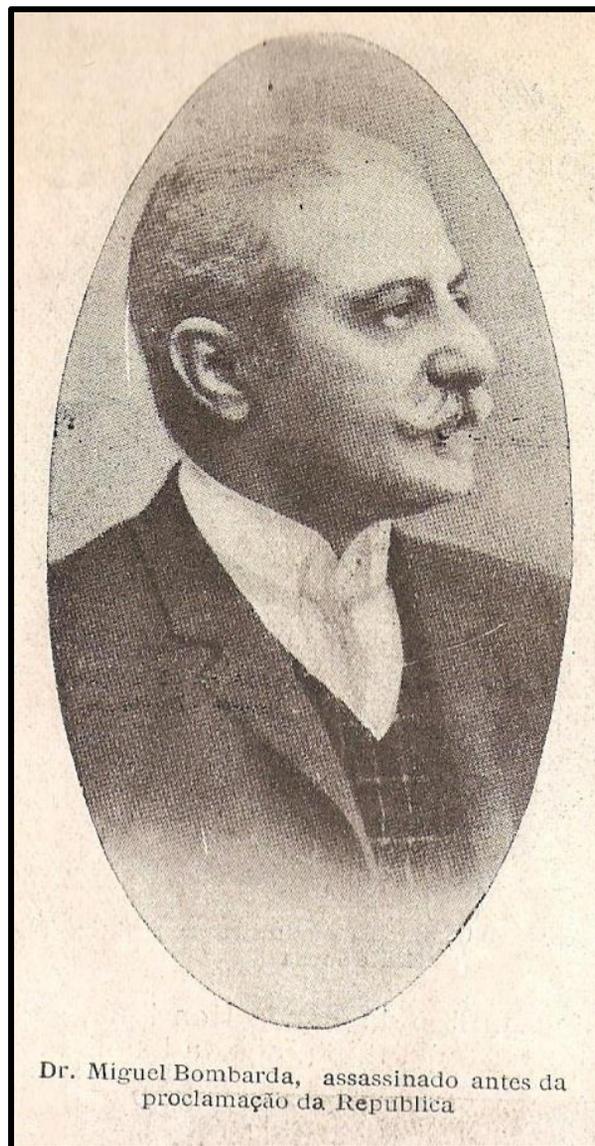
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O ex-presidente do conselho de ministros conselheiro Teixeira e Souza



O throno do ex-rei de Portugal, no Paço da Necessidades. Photographado depois da occupação das tropas republicanas



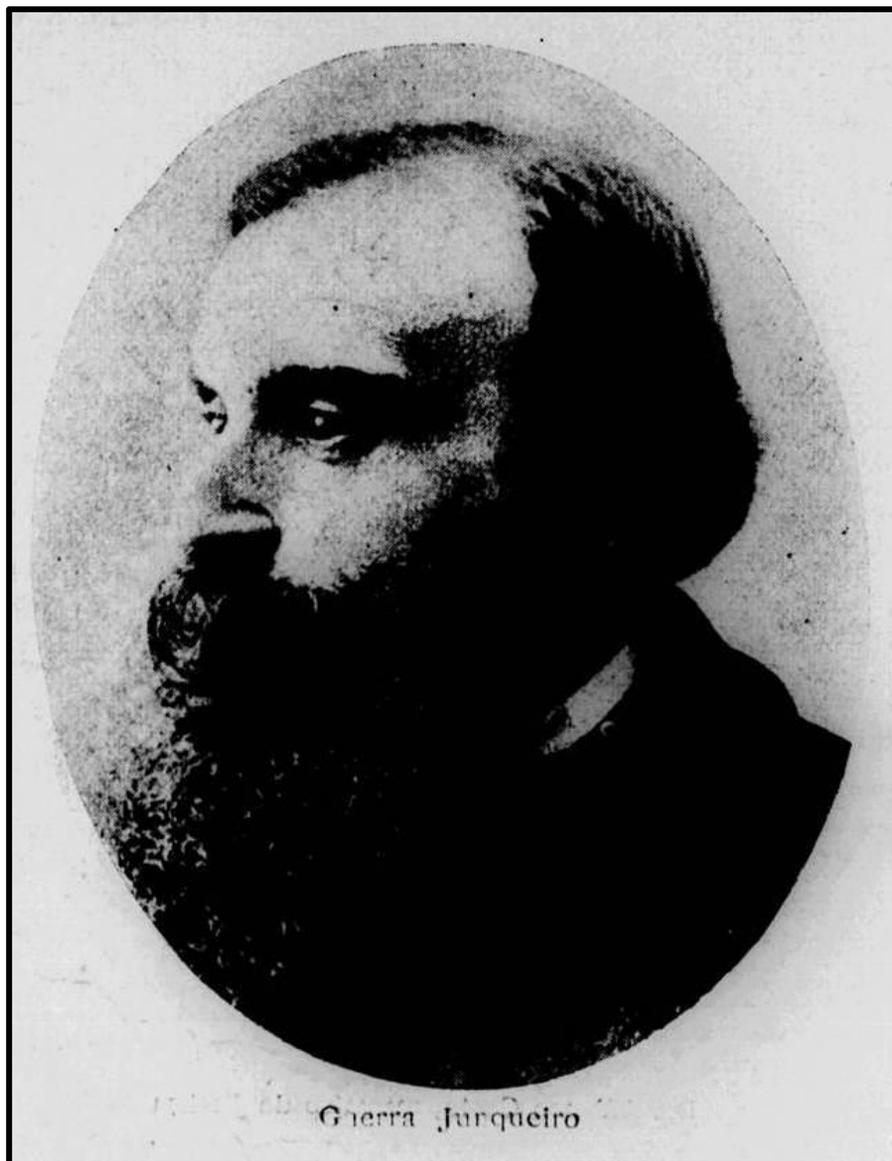






FRANCISCO DAS NEVES ALVES



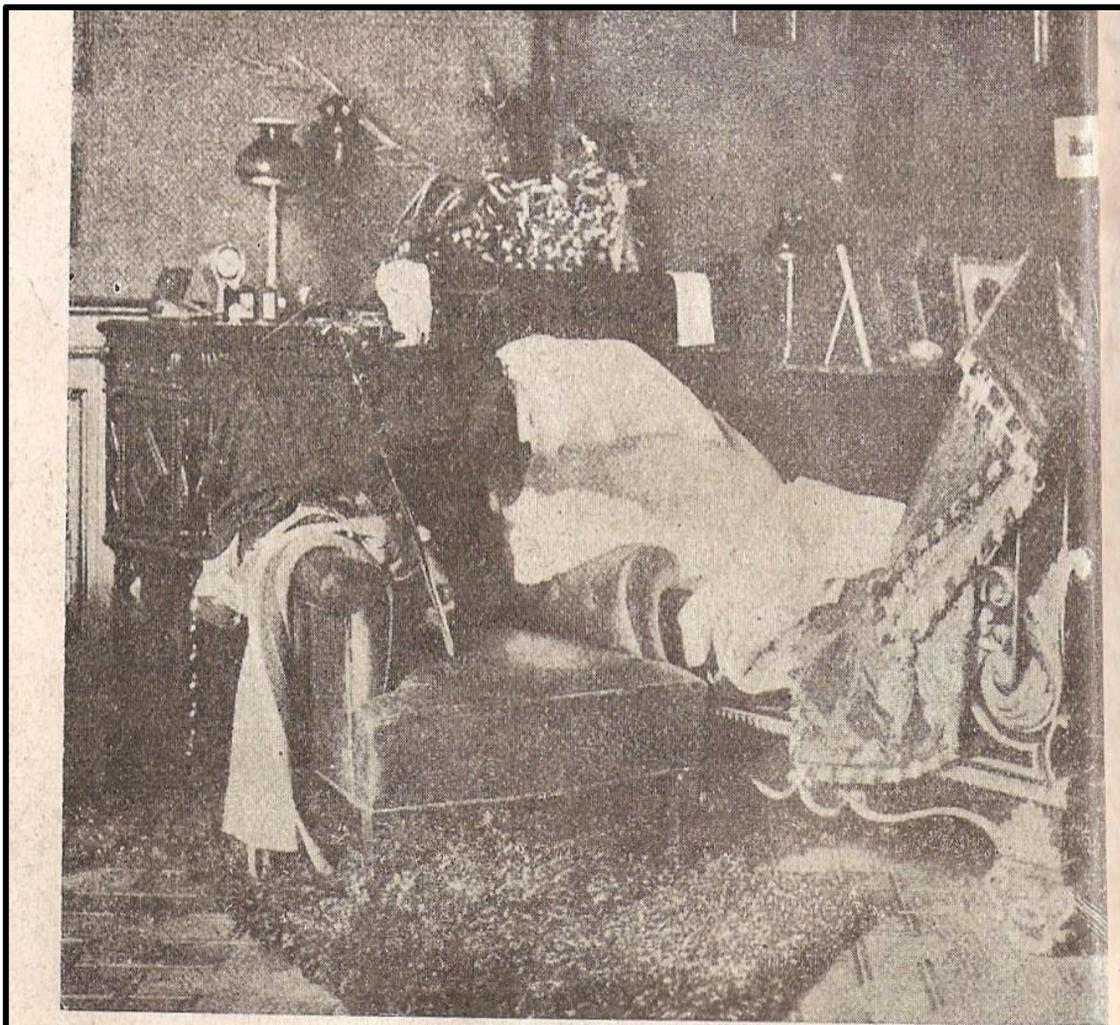




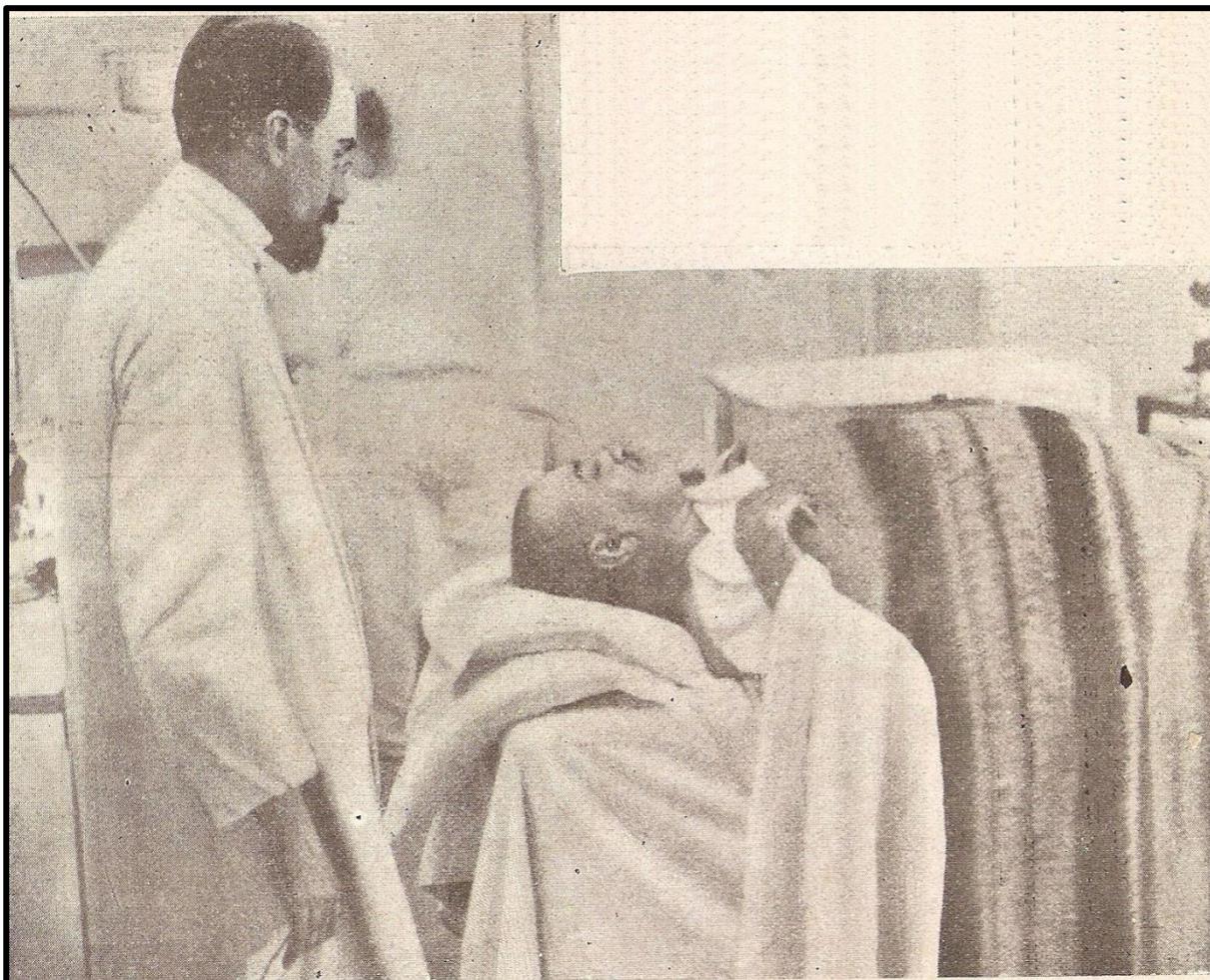








Estado em que foi encontrado, no Paço das Necessidades, o quarto do rei D. Manuel precipitação de sua fuga. Vêem-se, atiradas sobre uma cadeira, a farda e a espada com que do palacio de Belem



↳ Dr. Miguel Bombarda, o eminente sabio e propagandista republicano portuguez, no leito do hospital em que foi operado

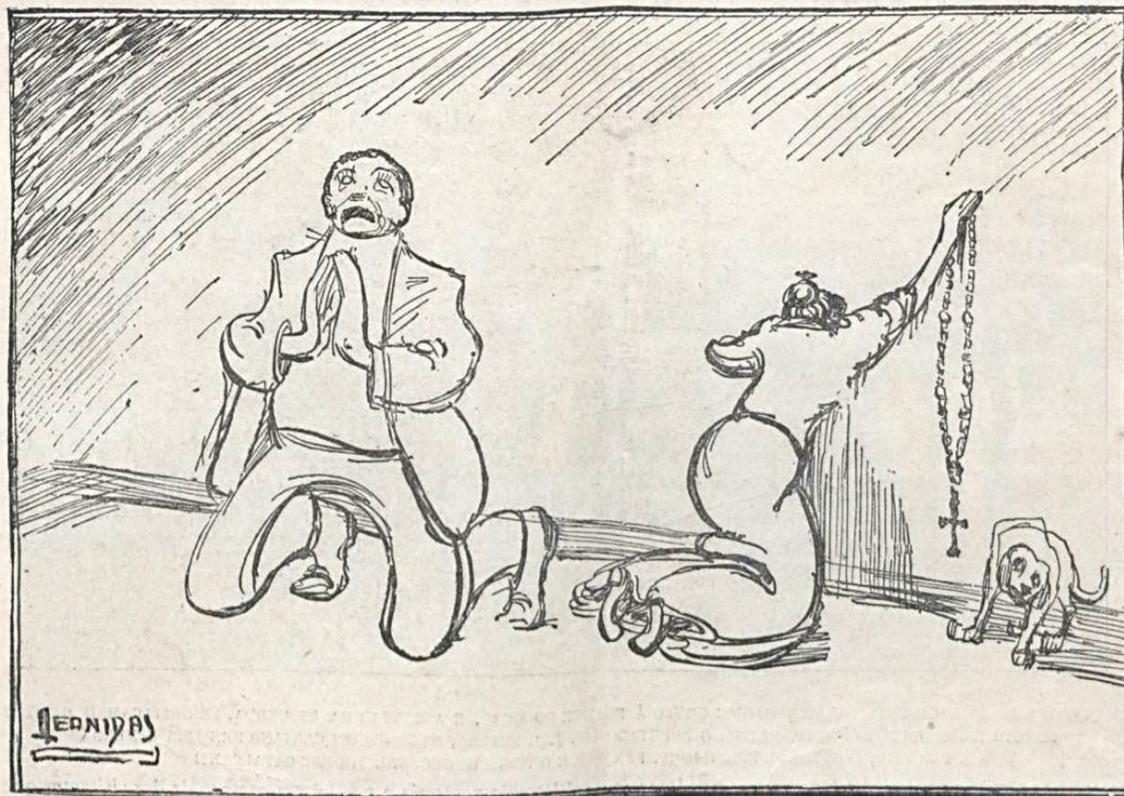
Uma das mais relevantes revistas brasileiras voltadas ao humor foi *O Malho*, editada no Rio de Janeiro entre os primórdios do século XX e a década de 1950. Com uma pauta editorial diversificada, enfocando temáticas variadas do cotidiano, um dos destaques do periódico foi a difusão da arte caricatural, expressando por meio dela a crítica política e a social e de costumes, sendo o segmento iconográfico complementado pelos registros fotográficos. Desde o início, na conquista do público leitor buscou desenvolver um espírito popular, atingindo significativo êxito em tal intento, de modo que seus exemplares chegaram a circular em grande parte do país. Sobre a transformação lusa, uma das primeiras manifestações de *O Malho* deu-se por meio de caricatura orientada pelas informações advindas do telégrafo que traziam “ecos da revolução em Portugal”, a qual mostrava um casal a rezar, a mulher desejando que os clérigos não fossem perseguidos pelo novo regime, ao passo que o homem pedia que as autoridades públicas que chegavam ao poder tivessem mais juízo. A viagem do Presidente eleito do Brasil às terras lusitanas igualmente era refletida na publicação carioca, ao mostrar as recepções que ele obtivera em diferentes lugares da Europa, inclusive em Portugal. Demonstrando as divisões políticas existentes no país ibérico, o semanário mostrava jocosamente que o futuro governante brasileiro havia sido recebido harmonicamente tanto por monarquistas, quanto por republicanos portugueses<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 8 out. 1910.

O MALHO

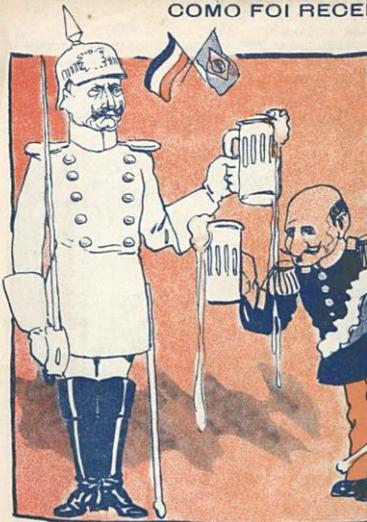
ECHOS DA REVOLUÇÃO EM PORTUGAL: PELO TELEGRAPHO SEM FIO



*Ella* — Ah! meu Deus! Permitti que os homens da tal republica não sejam inimigos dos santos padres!...

*Elle* : — Pai do céu! Permitti que os homens da Republica tenham mais juizo que os outros!...

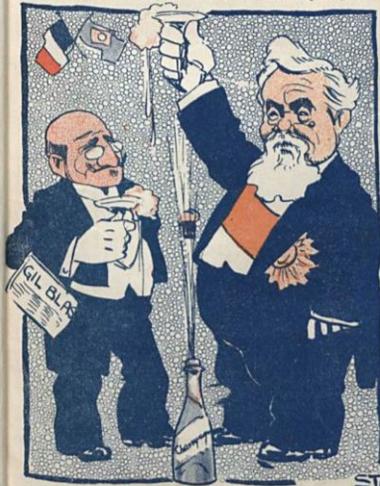
COMO FOI RECEBIDO O MARECHAL



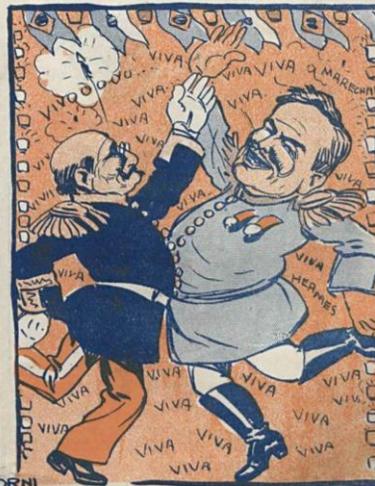
1) Na Alemanha—Visita solenne. O Kaiser recebeu o marechal com uma affabilidade toda *teutonica*, no meio de bayonetas, canhões e tambores. A phrase mais notavel de Guilhermo II para com o Hermes foi esta: «Folgo muito de vel-o novamente por aqui!»...



2) Na Belgica—Encontro do marechal com o rei Albert I no pavilhão brasileiro de Bruxellas. Ambos saborearam o café brasileiro e Albert I pronunciou as seguintes palavras: *C'est délicieux!* E com isto ficaram consolidados mais uma vez... os capitães belgas no Brazil.



3) Em França—Effusões e meio entusiasmo da raça latina. Fallières brindou a saúde do Brazil e o Hermes a saúde da França (nossa mãe intellectual). Terminou a recepção no meio das mais bellas e amáveis referencias do Gil Blas...



4) Em Portugal—Oh! em Portugal! Aqui sim é que a alma do povo vibrou verdadeiramente. Enthusiasmo delirante d'uma nação que nos ama com toda a sinceridade! Bem disse o marechal: «Legendario povo portuguez, hora da humanidade, fonte de onde brotou minha patria, a nação brasileira, eu vos agradeço commovido...» Depois d'isto, en/fozco toda a resto...



Com a certeza da mudança institucional em Portugal, a próxima edição de *O Malho*<sup>28</sup> trouxe à capa a tradicional figura do Zé Povinho, criação do caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro, que se tornou verdadeira representação do povo lusitano. Normalmente apresentado como uma figura submissa e/ou resignada, na ilustração do periódico brasileiro o Zé adquiria um ar vibrante, demonstrando que estaria a atuar decisivamente para a queda da monarquia, ao empunhar a nova bandeira e uma arma, como símbolos da revolução, enquanto calcava ao pé direito a coroa e o manto, alusivos ao regime decaído. Na legenda ele bradava contra “o peso do despotismo e da anarquia”, dizendo que estavam enganados aqueles que pensavam ser ele apenas um “carneiro”. O periódico trazia ainda uma reconstituição de combate ocorrido na Avenida da Liberdade e trazia retratos acompanhados de breves dados biográficos de integrantes do novo governo, de republicanos e parlamentares do regime recém-implantado. Aparecia ainda ilustração apontando os “vultos proeminentes do Partido Republicano Português e as cifras de canção alusiva ao republicanismo luso. Os registros iconográficos eram complementados por fotografias de lugares relacionados como de relevância para o desencadear da revolta antimonárquica. No que tange às caricaturas, aparecia referência à expulsão de clérigos em Portugal, em abordagem cômica a qual demarcava que os padres sequer respeitavam seus votos celibatários. A transição também era demonstrada pelo viés de Hermes da Fonseca que, ao chegar em território lusitano saudara um

---

<sup>28</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 15 out. 1910.

Rei, ao passo que, ao despedir-se, fazia o mesmo já para um Presidente. Foi destacado ainda o aplauso do Senado brasileiro ao novel regime português, demonstrado simbolicamente pelo aperto de mão através do oceano entre históricos propagandistas republicanos do Brasil e de Portugal. Em outra caricatura, a tradicional representação lusa, o velho cavaleiro, adotava um barrete frígio, em alusão à república, considerando que estaria a fazer “um figurão” diante das monárquicas nações europeias. Perante a notícia da fuga de religiosos pelo esgoto lisbonense, *O Malho* não perdeu a oportunidade para manifestar seu ideário anticlerical, ao apresentar a dama republicana puxando a descarga de um vaso sanitário, resultando em padres e freiras que escapavam pelos “esgotos da moralidade”, em uma perspectiva escatológica pejorativa de tais elementos. A figura feminina que simbolizava a nova forma de governo também jogava luz naquilo que era considerado como obscurantismo dos dogmas da Igreja, ao mostrar freiras grávidas ou com os filhos no colo, em claro desrespeito ao celibato. O texto publicado pelo periódico mostrava entusiasmo para com a mudança institucional lusitana:

O movimento revolucionário que pôs em fuga a família real e proclamou a República Portuguesa só poderia ter surpreendido os piores cegos ou àqueles que realmente ignoravam a formidável propaganda republicana que há longos anos vinha sendo feita, sistematicamente, em todo o velho reino e de forma a despertar a atenção e a simpatia de toda as classes ativas da sociedade.

A Revolta de 31 de janeiro de 1891, que estalou na cidade do Porto – a metrópole do norte – e chegou a arvorar o pavilhão republicano no edifício da

Câmara Municipal foi a primeira explosão material dessa admirável propaganda (...).

Se, porém, de par com esse esforço, com esse trabalho colossal dos republicanos, coincidissem a ação benéfica da monarquia, por atos políticos e administrativos de que resultasse o bem público, é certo que a propaganda republicana deixaria de produzir o eco formidável que ia fazendo e teria de redobrar os meios para abalar e fazer ruir a instituição oito vezes secular. Mas, ao contrário: os governos monárquicos iam cada vez mais se afundando no desconceito da nação e até do estrangeiro. As despesas, infrutíferas, esbanjadoras, cada vez maiores; os monopólios cada vez em maior número, mais odiosos e mais iníquos; as ambições cada vez mais desregradas; a anarquia parlamentar – a ingovernabilidade – cada vez mais intensa; as fraquezas de todos os governos, grandes e pequenos, cada vez mais dolorosas e alarmantes – resvalando todas para um princípio de ditadura, cuja necessidade se reconhecia, mas em que ninguém confiava, à falta de fé num homem verdadeiramente superior e forte, que afinal não aparecia. (...)

Todos os dias os legionários da república registravam adesões em massa (...).

Vieram as últimas eleições e a capital do reino, a sede da monarquia, elegeu entre os republicanos todos os seus representantes.

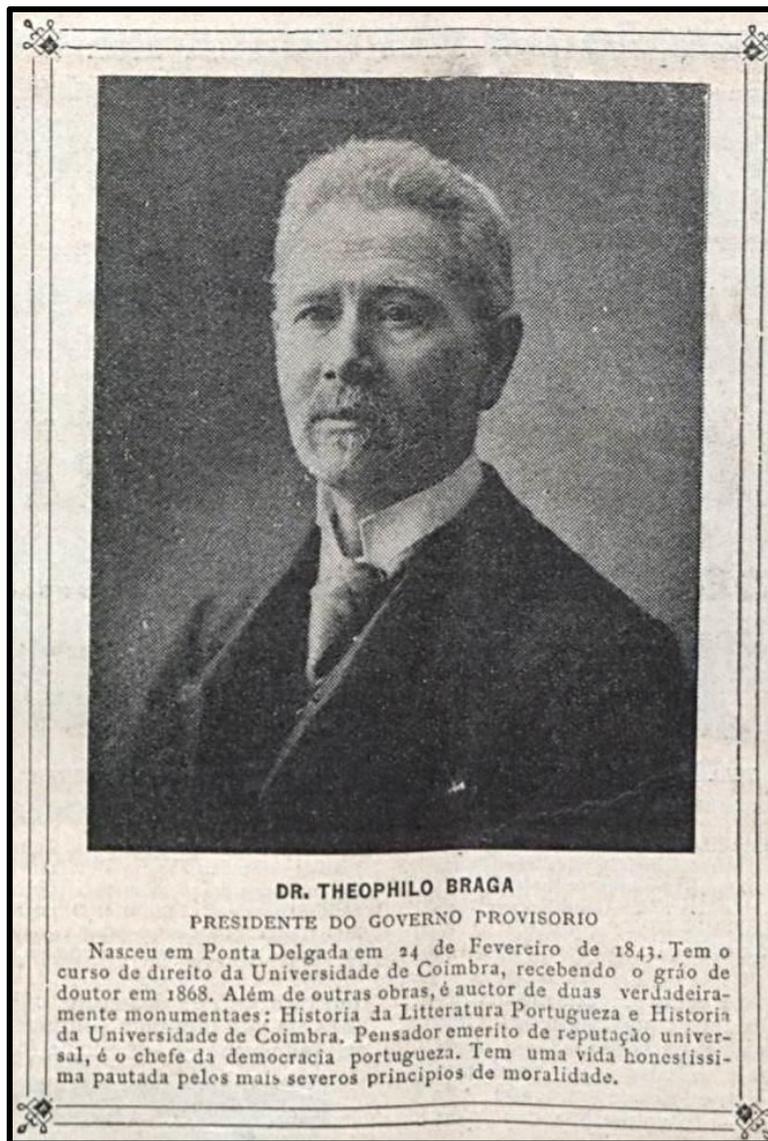
Moralmente, estava a ideia vitoriosa. (...)

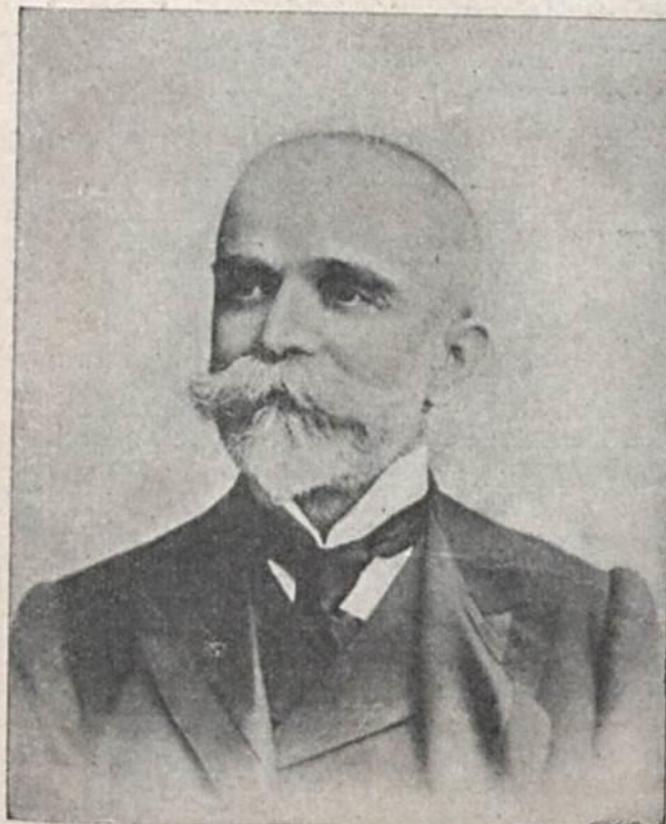
Essa revolução foi o lógico ponto final num capítulo que vinha sendo escrito na consciência patriótica da opinião pública portuguesa.

A república em Portugal era uma consequência fatal dos erros da monarquia (...), é de crer – e nós sinceramente o desejamos – que a República Portuguesa consiga erguer o país se não à plana de ventura do áureo período das conquistas e descobrimentos, pelo menos à altura que ele merece, como berço de uma raça forte e generosa, “fonte de onde brotou a nossa nacionalidade!”.





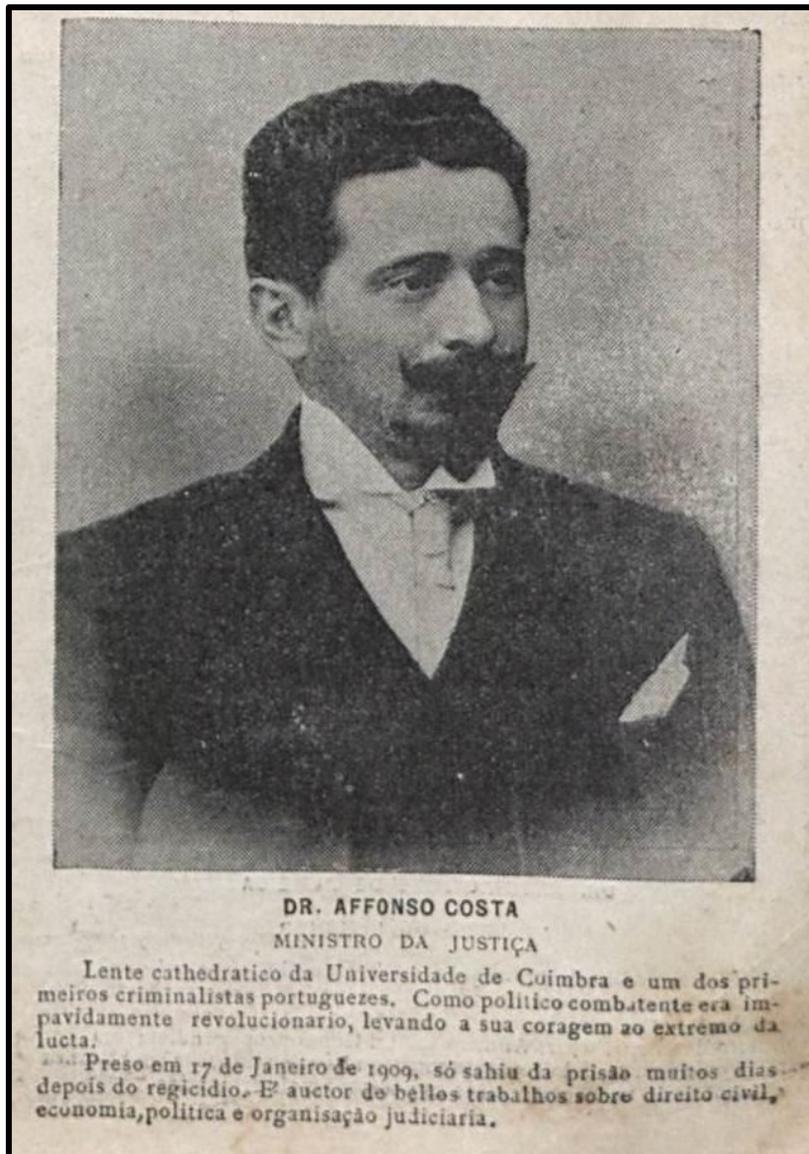




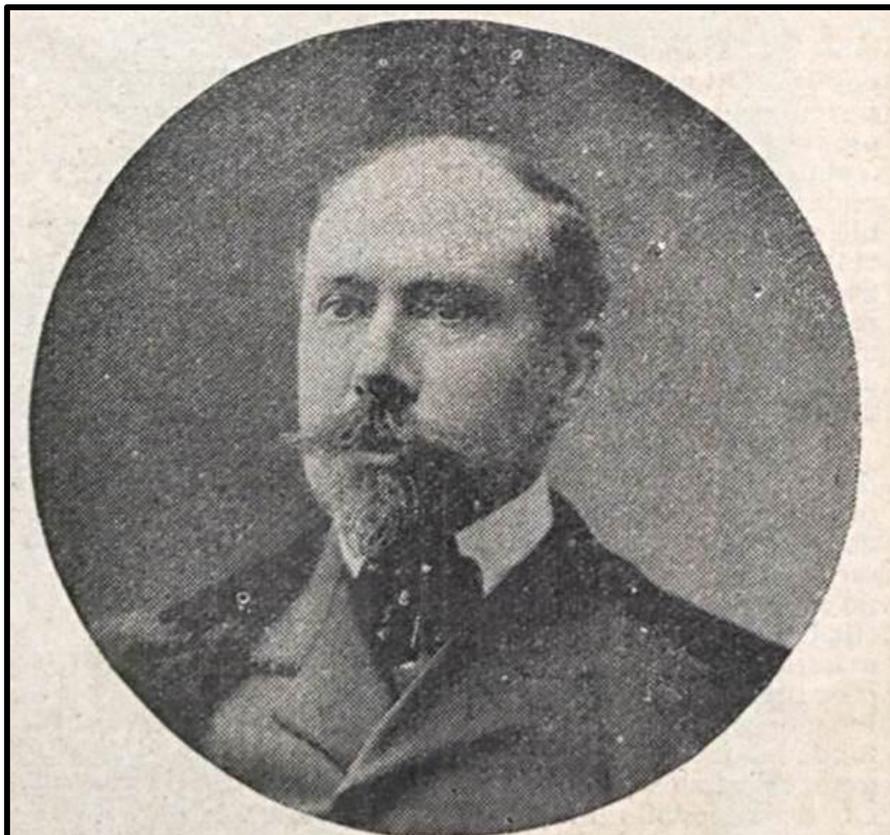
**CONSELHEIRO BERNARDINO MACHADO**

MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Nasceu no Rio de Janeiro. Chefe do partido republicano durante longos annos, propagandista entusiasta, lente da Universidade de Coimbra, antigo ministro e conselheiro de Estado, o Dr. Bernardino Machado é um dos elementos mais preciosos para a consolidação da Republica no conceito das potencias. Alguns jornaes estrangeiros aventam a probabilidade de ser elle o eleito para presidente da Republica, terminado o periodo provisorio.

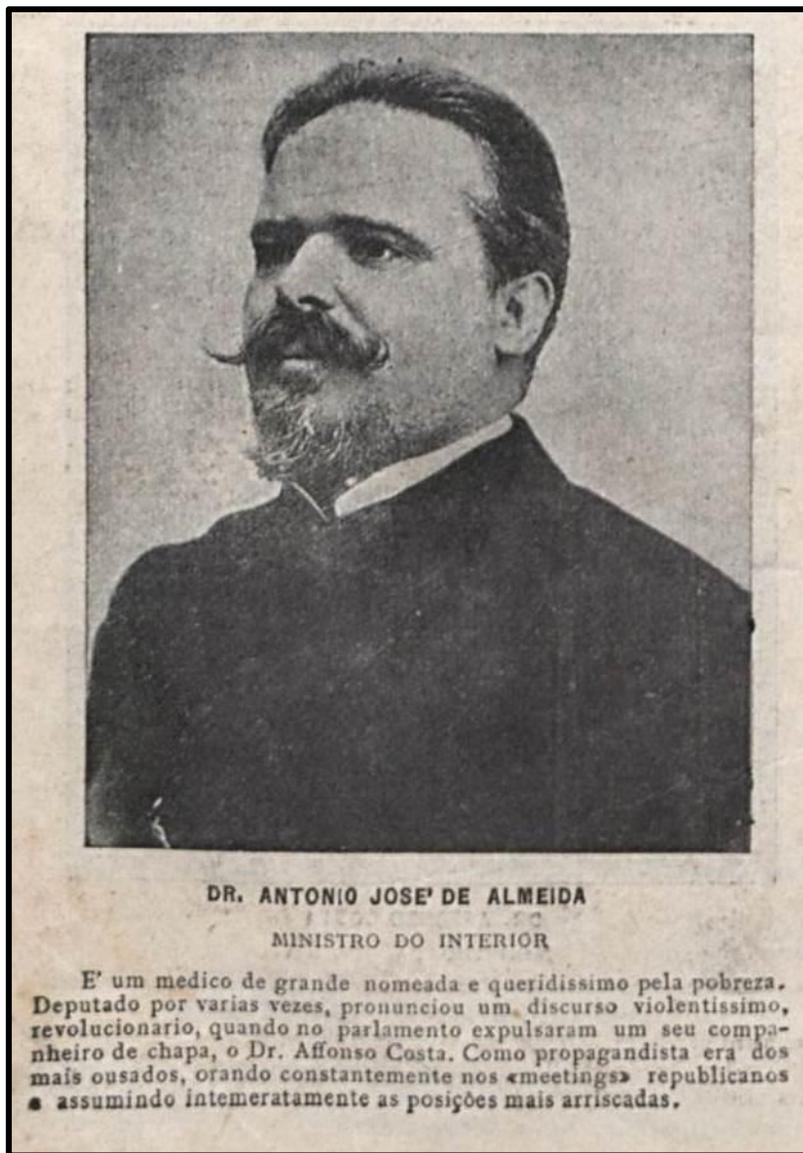


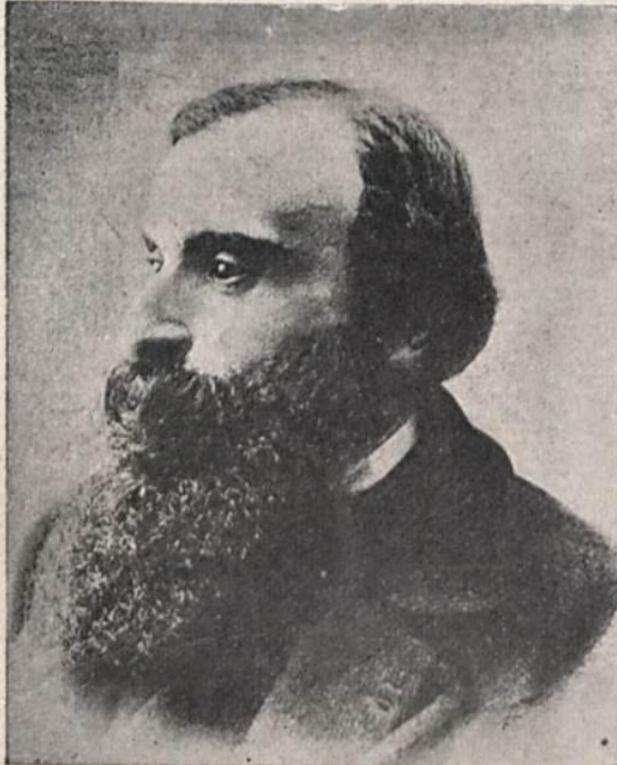




**DR. ANTONIO LUIZ GOMES**  
MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS

Após a sua formatura em Coimbra, veio para o Brasil onde tem irmãos estabelecidos em Pelotas. Residiu alguns annos em Copacabana e regressou ha 15 para Portugal com o firme proposito de fazer a propaganda republicana, profundamente convencido de que a monarchia suffocava o progresso de sua patria. E' um chefe de familia meigo e gentil, mas um homem de rara energia. (1)





**GUERRA JUNQUEIRO**

O admiravel poeta de a *Morte de D. João*, a *Musa em férias*, a *Velhice do Padre Eterno*, os *Simples*, *Patria*, etc.

Abertamente republicano foi dos maiores propagandistas da idéa, o commentador mais brilhante, mais imaginoso e mais acerado dos factos que entravavam o caminho da democracia. Os seus escriptos de oportunidade são formidaveis libellos contra a instituição decahida. Dizem telegrammas que Guerra Junqueiro será nomeado ministro de Portugal na Hespanha.

(1) Faltam-nos os retratos do coronel-Xavier Barreto, ministro da guerra, e do contra-almirante Amaro de Azevedo Gomes, ministro da marinha, dous officiaes por muitos titulos illustres e dos mais aptes para a gestão dessas duas importante pastas.

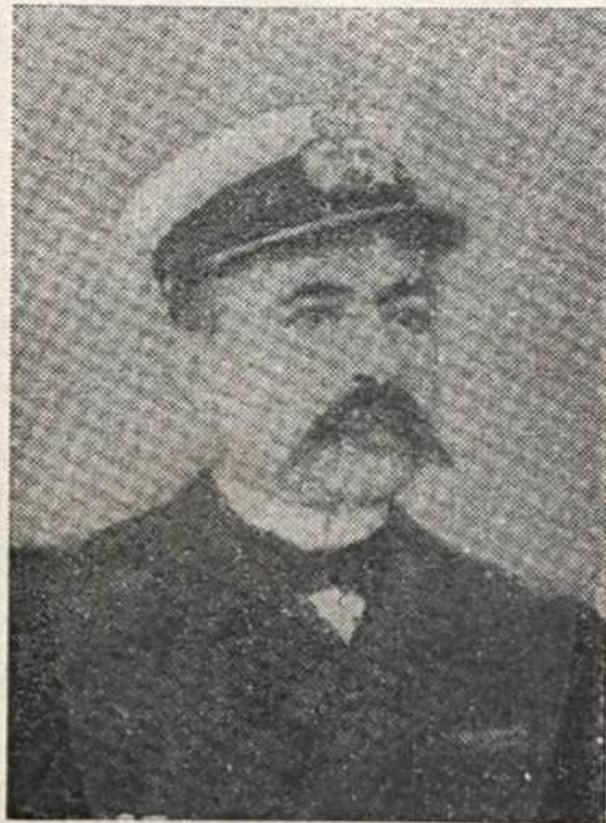


**ALEXANDRE BRAGA**

DEPUTADO ELEITO POR LISBOA, CONSECUTIVAMENTE, DESDE 1906

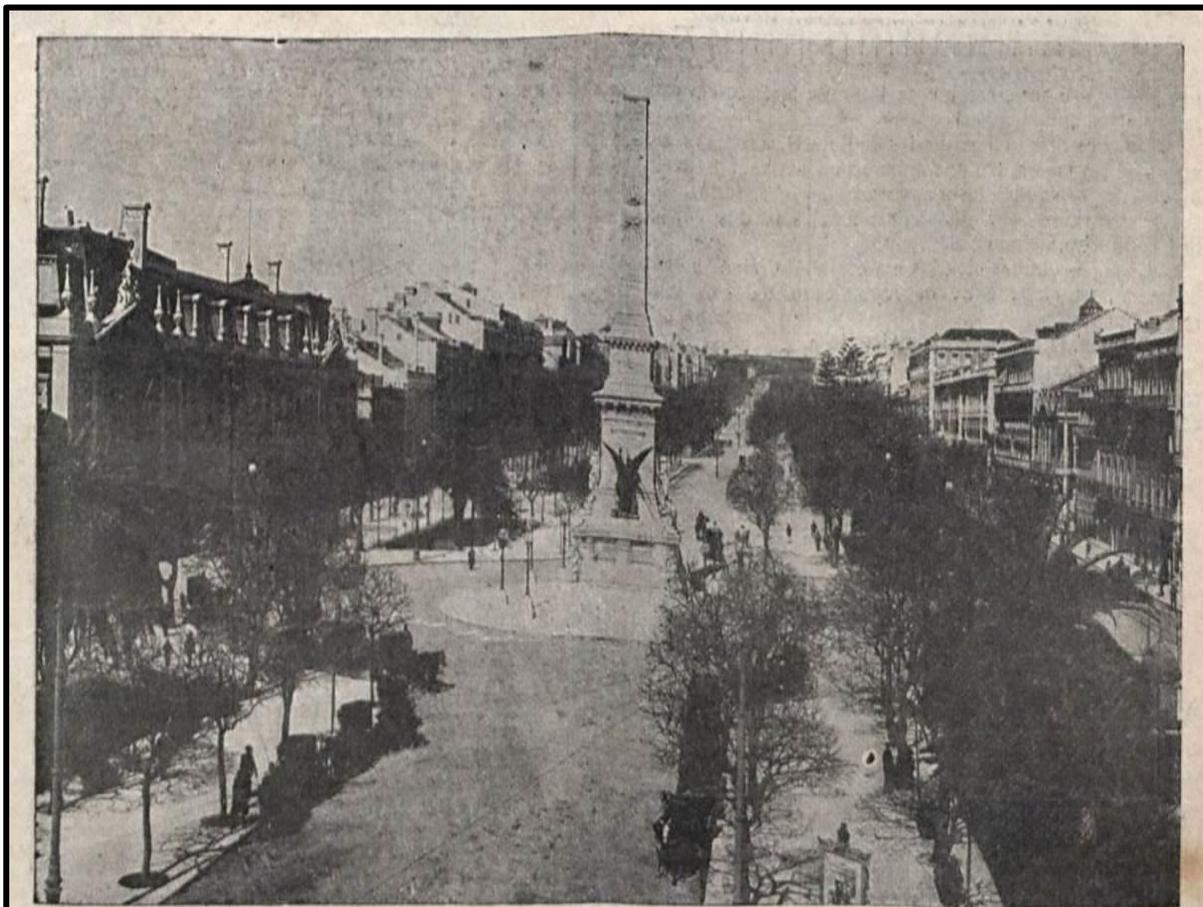
E' considerado hoje o mais eloquentee o mais artista de todos os tribunos portuguezes. Occupará certamente um logar de grande destaque na Republica, para a qual concorreu com serviços inestimaveis e com o seu verbo ardentissimo.

E' um advogado illustre.

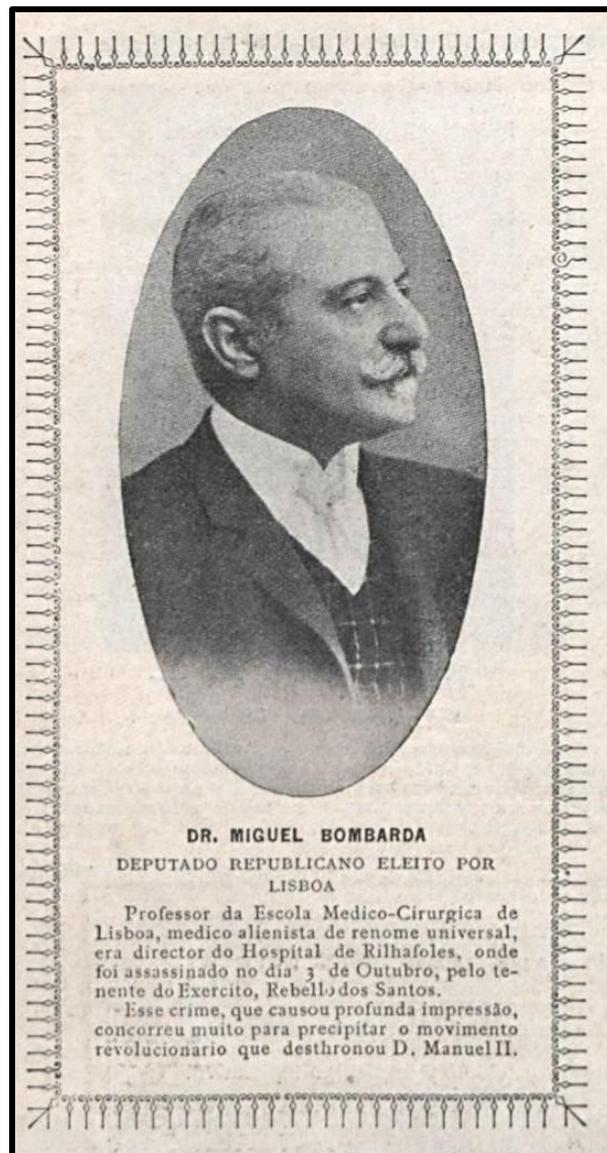


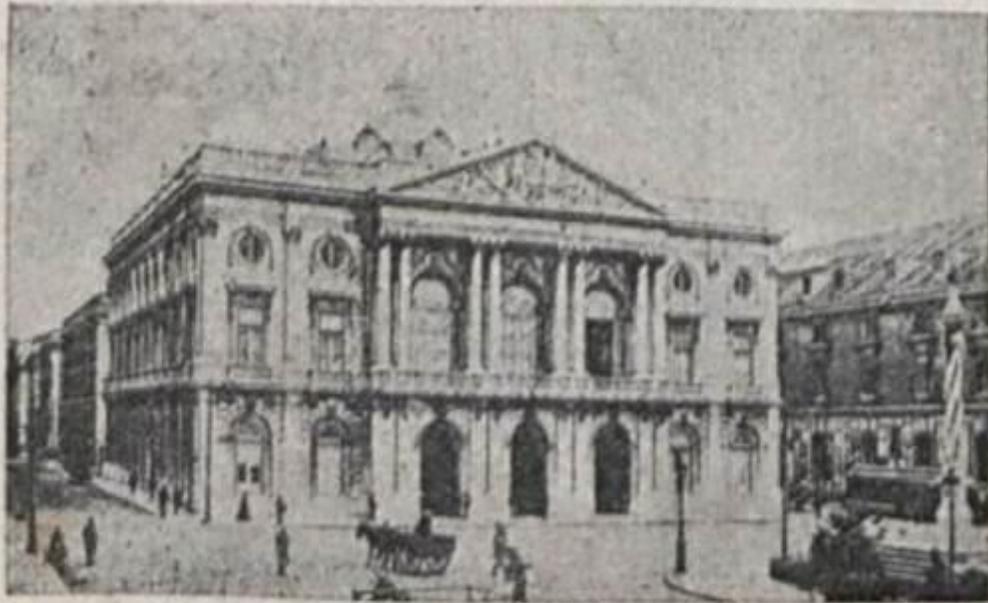
**ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS**  
DEPUTADO ELEITO POR LISBOA

Foi o chefe das forças de mar, na revolução. Informam os telegrammas que, suppondo fracassado o movimento, o bravo almirante portuguez se suicidára. O seu corpo esteve exposto na Camara Municipal de Lisboa e foi sepultado com honras extraordinarias, a expensas da nação.

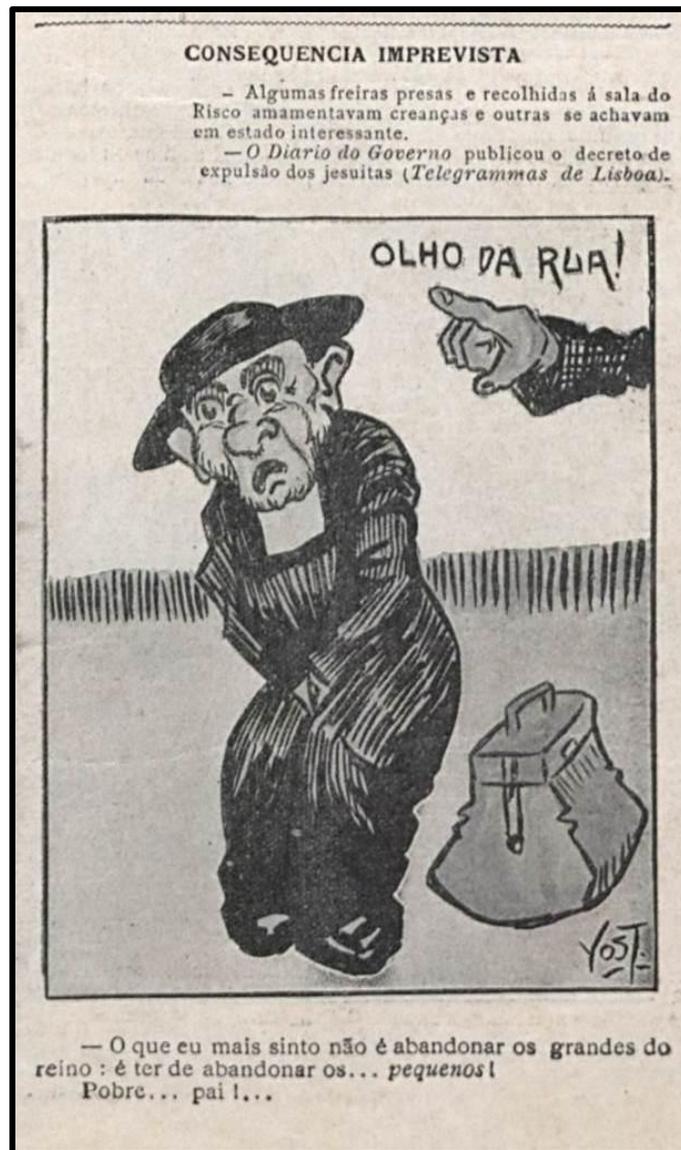


Lisboa—Avenida da Liberdade, onde os revoltosos fizeram suas barricadas, servindo-se de tudo que encontravam à mão, e onde se feriram os mais encarniçados combates, chegando o povo a avançar em columnas contra a artilheria!





LISBOA—O edificio da Camara Municipal, de onde foi solemne-mente proclamada a Republica Portuguesa, no dia 4 de Outubro, ás 2 1/2 horas da tarde. Depois d'isso, o salão nobre d'esse palacio foi transformado em camara ardente, recebendo os cadaveres do Dr. Miguel Bombarda e do vice-almirante Candido Reis. Sahiu d'ahi o enterro solemne e official d'esses dous vultos republicanos, de tanto destaque na galeria dos instituidores do novo regimen.







O MALHO  
VELHICE LOUÇÁ



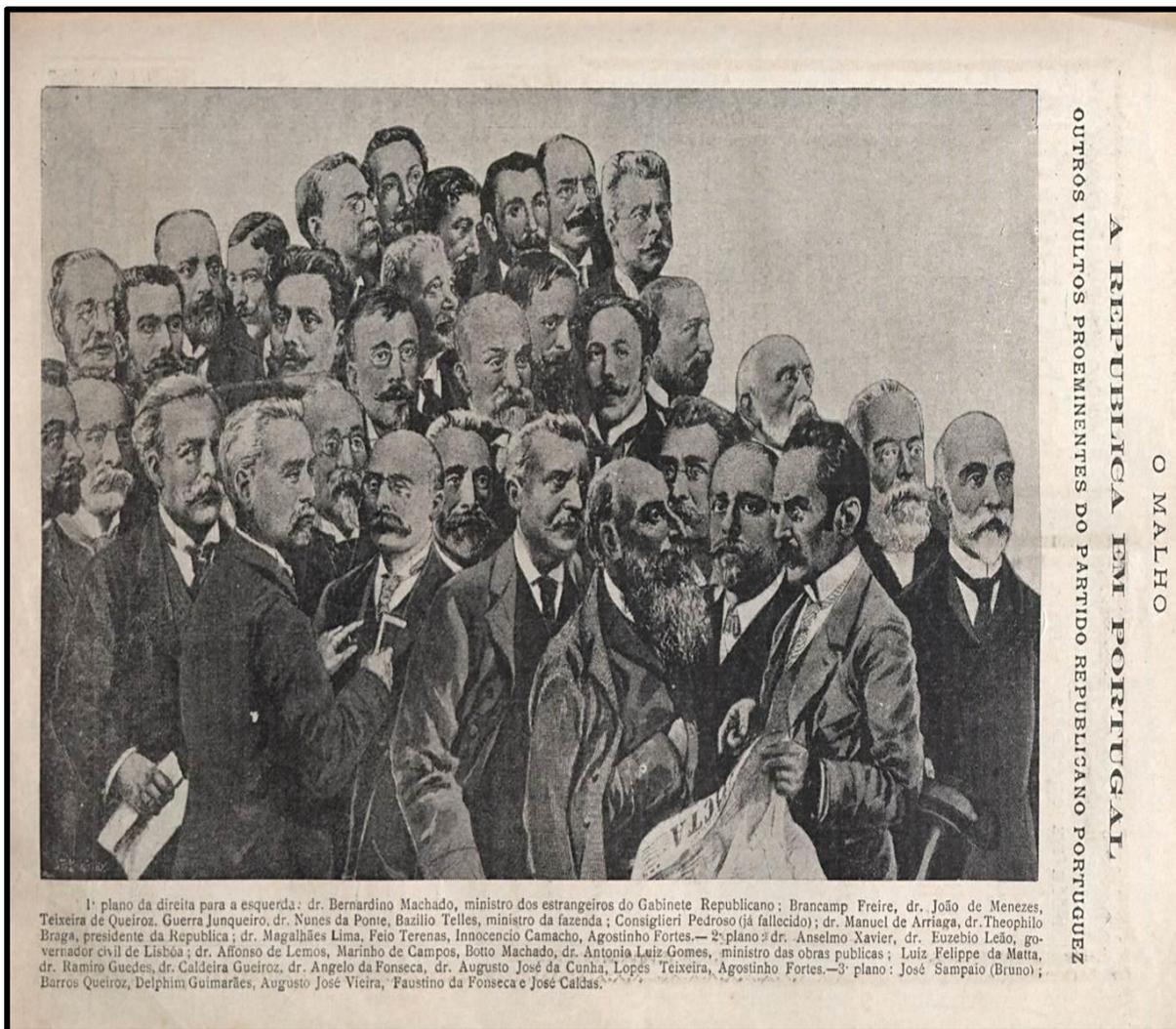
—Que lhes parece, hein? Para a idade que tenho não andei mal... Fiz um figurão, hein?...  
A EUROPA MONARCHICA:—Ora... gaitas!...

A REPUBLICA EM PORTUGAL

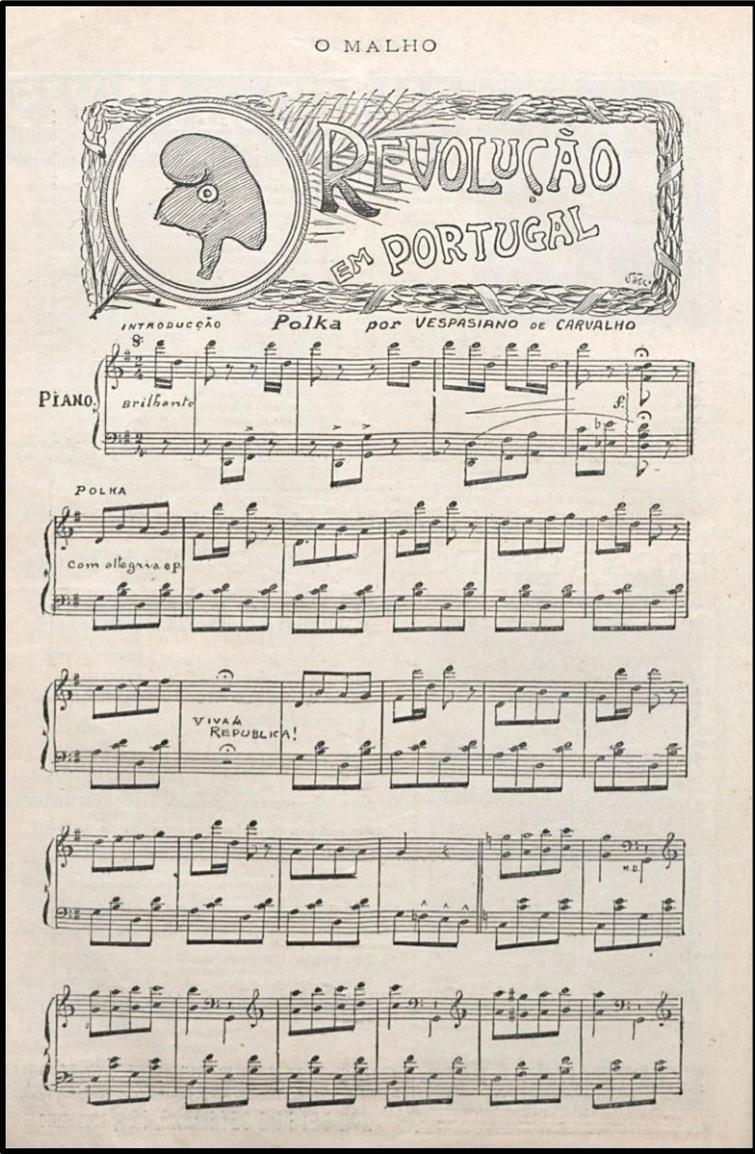


O MALHO

VULTOS PROEMINENTES DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ—No 1.º plano: D. Anna de Castro Osorio, Joaquim de Azevedo Albuquerque, Dr. Antonio José de Almeida, ministro do Interior; França Borges, Dr. Affonso Costa, ministro da justiça; Dr. Aresta Branco, João Chagas, Dr. Alexandre Braga, José Relvas, Dr. Augusto Monjardino, Dr. Fernandes da Costa, Dr. Teixeira de Carvalho, Thomaz Cabrera, Dr. Jacintho Nunes, Dr. Alfredo Magalhães, Dr. Pereira Osorio, Dr. Bittencourt Raposo, Verissimo de Almeida, Xavier Esteves, Dr. Celestino de Almeida, Dr. Augusto de Vasconcellos, José Miranda do Valle e Dr. Carlos Bello de Moraes.



O MALHO



REVOLUÇÃO  
EM PORTUGAL

INTRODUÇÃO Polka por VESPASIANO DE CARVALHO

PIANO.  
*brilhante*

POLKA  
*com allegria e f.*

VIVA A  
REPUBLICA!

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

O MALHO

The musical score for "O MALHO" is presented in six systems, each with a treble and bass clef. The piece is in 2/4 time and features a variety of musical notations and performance directions. The first system includes the instruction "cresc." and "forzando". The second system has a "p" dynamic marking. The third system contains the text "VIVA A REPUBLICA!". The fourth system is marked "Fim com entusiasmo." and includes a first ending bracket labeled "1.<sup>a</sup>". The fifth system features "cresc." and "dim." markings. The sixth system includes "cresc.", "al.", and "f." markings, and concludes with a double bar line and the instruction "d.c. al. f.". The score is set against a light blue background.

A FORMA DE GOVERNO REPUBLICANA EM QUESTÃO: ESTUDOS COM BASE NO PERIODISMO



## EM PORTUGAL: O CASO DAS FREIRAS

LISBOA, 9—Na sala do Risco do Arsenal de Marinha, acham-se presas cerca de duzentas freiras. Algumas d'estas freiras estão grávidas e outras estão rodeadas de creanças de mezes. Este facto tem causado aqui um grande escândalo—(Telegrammas)



*Republica*—Ora ahi está o que eu venho encontrar nos subterraneos dos conventos !... Quando todo o mundo supunha que os santos frades e as santas freiras se mortificavam piedosamente em santos jejuns — eis como se prova que elles e ellas passavam um santo... vidão ! Imaginem á vista d'isto, o que não haverá pela Hespanha, em materia de santidade... no povoamento do sólo !...

Nas edições seguintes de *O Malho*, ao abordar os temas concernentes a Portugal, o destaque foi a questão do reconhecimento da nova forma de governo por parte do Brasil, como em caricatura na qual o Zé Povo concitava as autoridades públicas a reconhecer a República Portuguesa, simbolizada como um sol nascente que portava um barrete frígio”. O reconhecimento era ainda apresentado em desenho como uma “justa ansiedade”. Igualmente em termos de arte caricatural, a representação do tempo observava uma coroa, refletindo sobre a monarquia, considerando-a como um modelo anacrônico. Apareceram também registros fotográficos de mobilizações no Brasil em prol do reconhecimento ou ainda de membros da colônia lusa. O destino dos clérigos expulsos de Portugal foi outro assunto debatido pela publicação, como no caso da representação de um diálogo “em família”; outra ilustração trazia “os meetings anti-fradecos”, que pretendiam evitar a entrada de tais padres ao Brasil; tal esforço para evitar que aquela “onda negra” clerical evadisse para outras fronteiras também aparecia em vários países, segundo a interpretação do hebdomadário; em outra gravura caricatural, sob os auspícios da dama republicana e revolucionária, o Zé Povo regurgitava o soberano e religiosos, promovendo “a expulsão da monarquia e dos jesuítas em Portugal”. Finalmente a folha demonstrava as repercussões do acontecimento lusitano para a região ibérica, com um temerário Rei da Espanha, colocando as *barbas* de molho diante da vitória republicana no contexto luso<sup>29</sup>.

---

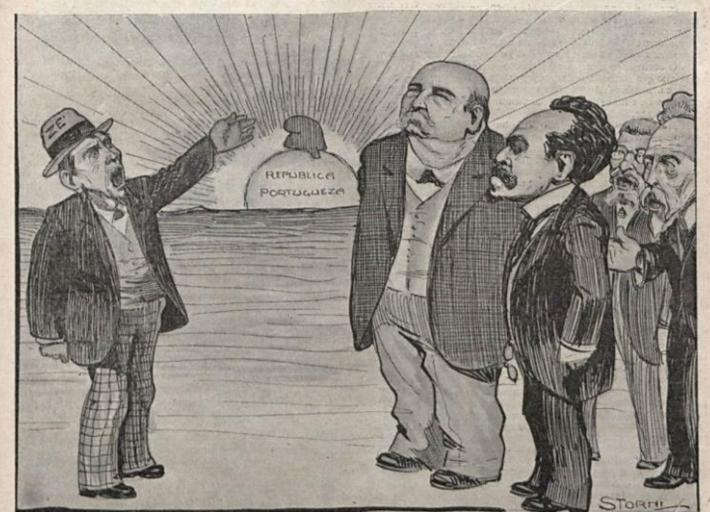
<sup>29</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 22 out. 1910.



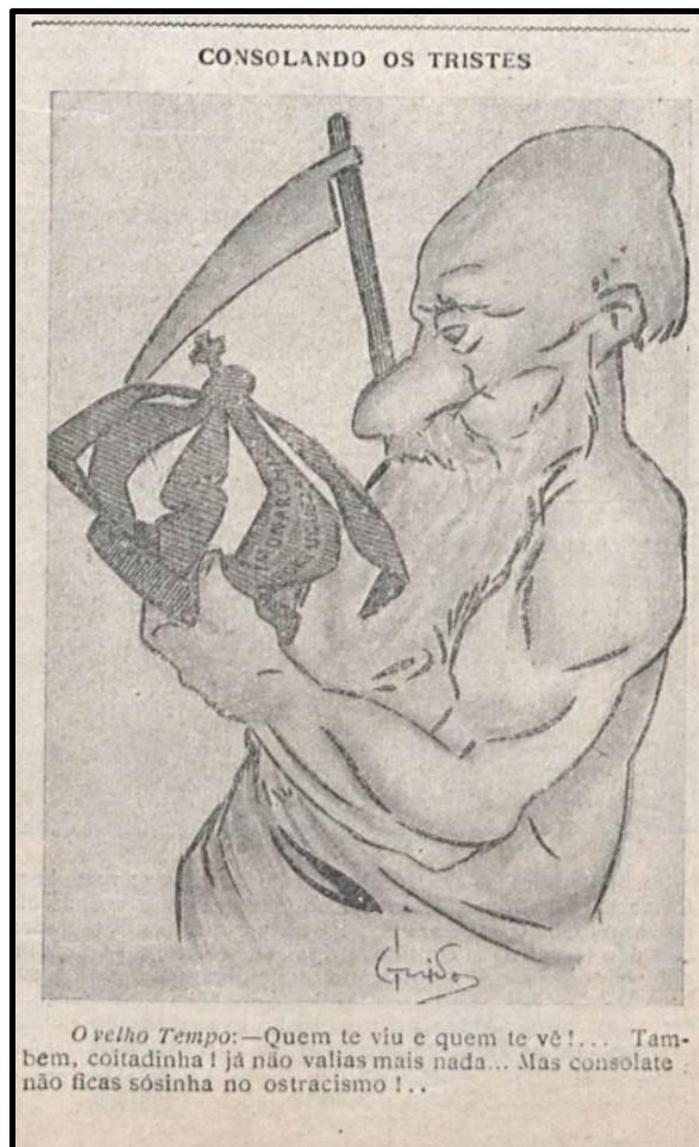
IMPRESSO EM MACHINAS ROTATIVAS DE MARINONI

Anno IX      REDACÇÃO, ESCRITORIO E OFFICINAS:      N. 423  
RUA DO OUVIDOR N. 164 E ROSARIO N. 172

**PELO RECONHECIMENTO!**



*Zé Povo*: — Oh! senhores! Porque não se reconhece já a Republica Portuguesa? O rei e a familia real já se conformaram com o facto consummado. Os partidos monarchicos estão adherindo e o proprio patriarcha de Lisboa achista tambem! Que é que se espera? Será para se não desagradar à Inglaterra, à Alemanha e às outras monarchias da Europe? Nós não temos nada com as intrigas das côrtes, e — quem muito se abaixa... *Quintino e Glycerio*: — Apoiado, Zé! E' inconcebivel que o Brazil republicano esteja dificultando a consolidação de Portugal-republica... *Nilo (aparte)*: — Diga alguma cousa barão! *Rito Branco*: — E... a Republica Portuguesa ainda não foi reconhecida... porque... isto é... ha de ser... ha de ser... *Zé Povo*: — Com effeito, quanto gaguejamento! Se se tratasse de outro homem, seu barão, su era capaz de dizer que se tratava de um caso de *sebastianismo internacional*! Se se tratasse de outro homem, seu barão, su era capaz de dizer que se tratava de um caso de *sebastianismo internacional*! Mas, de um ministro da Republica!... Emfim: è isto: Portugal será reconhecido mais tarde, mas não ficara reconhecido ao Brazil, que devia ser o primeiro paiz a reconhecer o seu agora irmão em tudo... Fresca diplomacia!



O MALHO

**RECONHECIMENTO DA REPUBLICA PORTUGUEZA**



INSTANTANEO TIRADO NA NOITE DE 12 DO CORRENTE, EM FRENTE AO PALACIO PRESIDENCIAL, QUANDO O CENTRO ACADEMICO BRAZILEIRO E REPUBLICANOS PORTUGUEZES FORAM PEDIR AO DR. NILO PEÇANHA QUE O BRAZIL RECONHECESSE A REPUBLICA EM PORTUGAL

## EM FAMILIA

*Elle* : — Então você acha que a Republica Portugueza esta solida? Que o governo do Brazil — o nosso governo — deve reconhecê-la?!

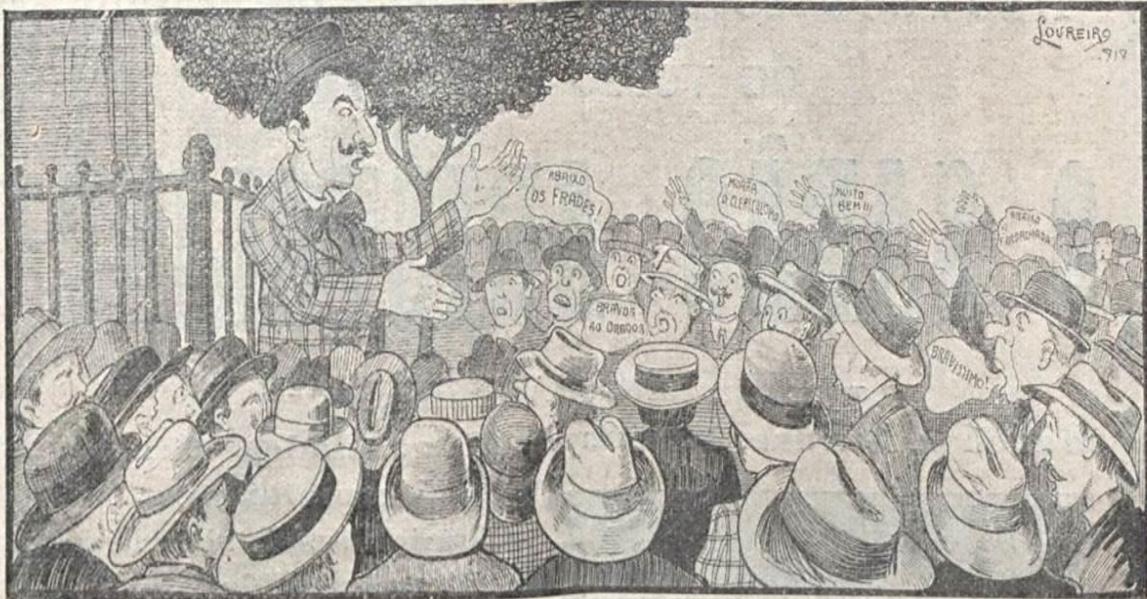
*Ella* : — Acho.

*Elle* : — Por que?

*Ella* : — Porque o santo cardeal patriarcha de Lisboa já adheriu... E quando as mitras adherem não vejo motivos para estas cerimoniaes das... carapuças vermelhas!...



O MALHO  
OS MEETINGS ANTI-FRADESCOS



*Orador*—Cidadãos ! Já que o nosso governo teima em não reconhecer a Republica Portuguesa, vamos todos pe  
Xe que tambem não reconheça a expulsão das congregações religiosas e, por consequencia, não accete os frades expulsos !

*Uma voz*—Muito bem ! Isto é que é logica !

*Orador*—E é mesmo ! Quem não reconhece a causa não deve reconhecer os effeitos !

*Outra voz*—Apoiado ! Não devemos permitir que os frades desembarquem !

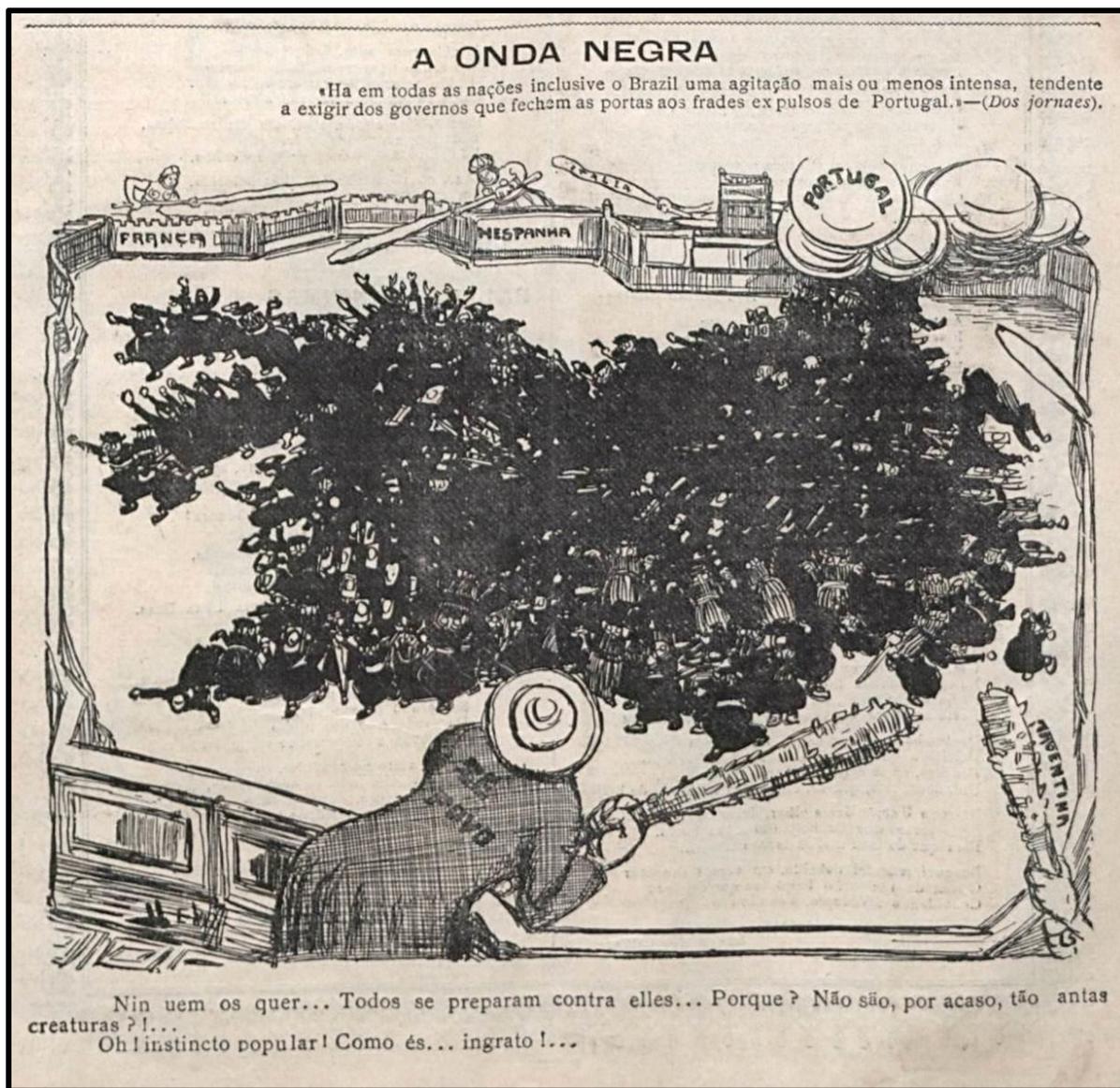
*Outra voz*—Emfim, as freiras... podem vir... mas os frades, nem pintados !...

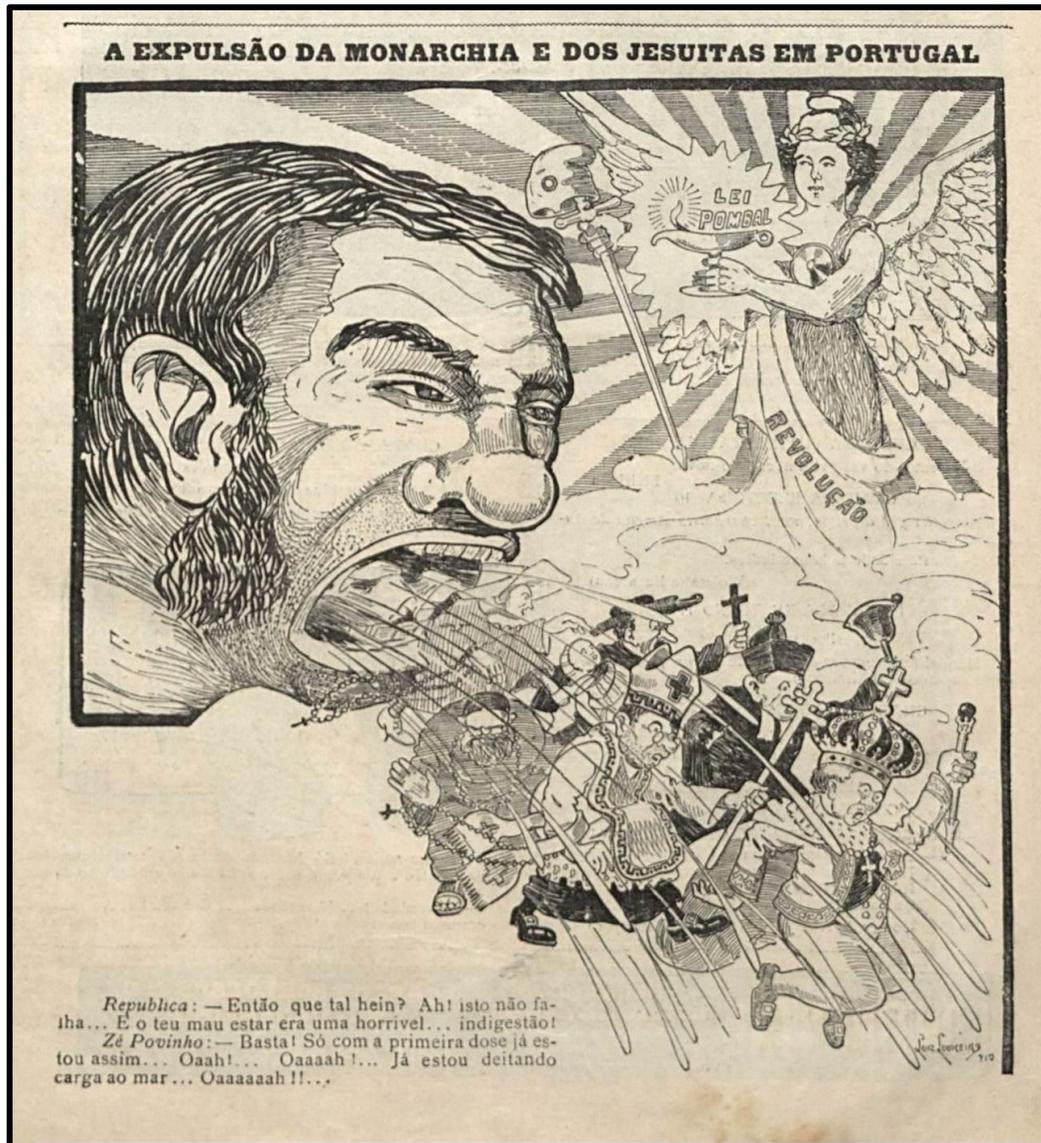


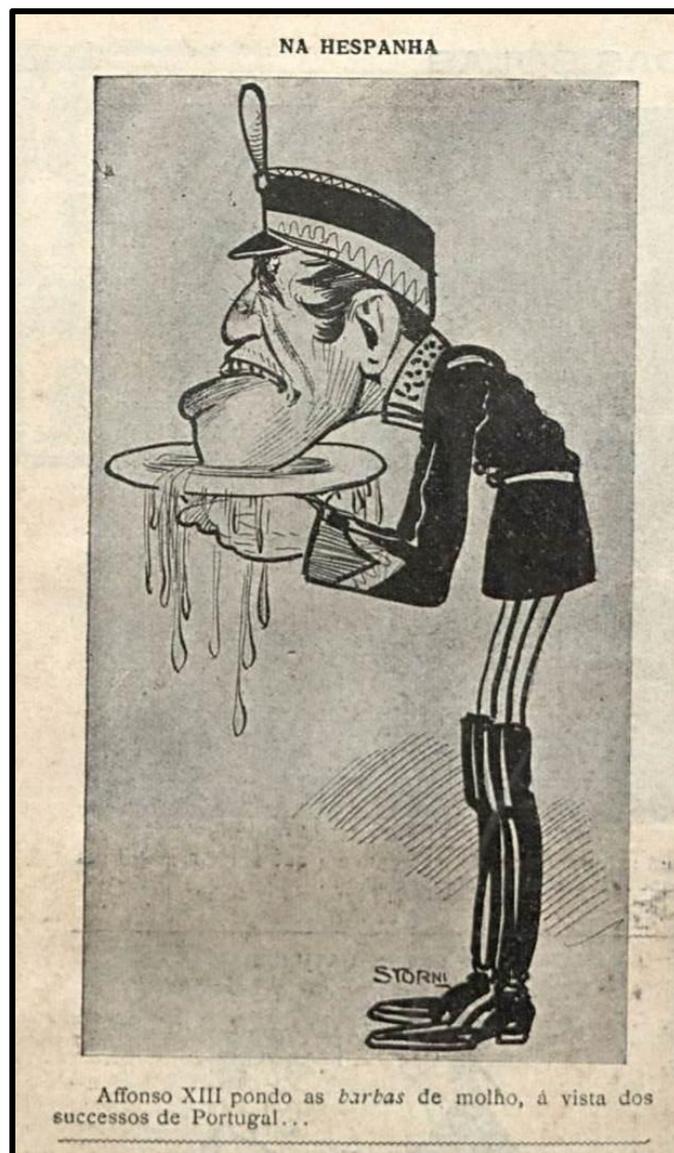
O MALHO  
A REPUBLICA LUSITANA  
JUSTA ANCIEDAD



*Pires Ferreira:—Que demora é esta, barão? Por que não reconhece a Republica Portugueza? Na minha opinião que, aliás, é a de todos os brasileiros, nós devemos ser os primeiros a abraçal-a... Vamos a isso t'arão ... ?*





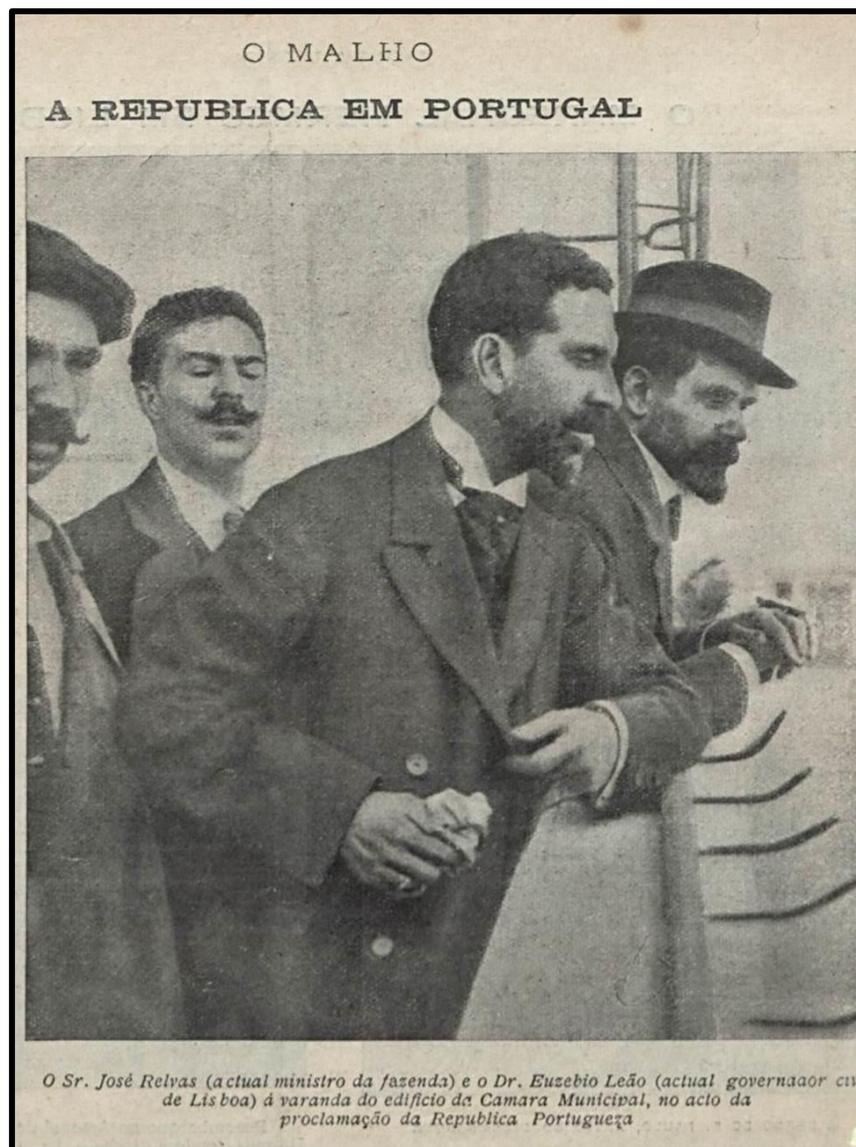


Ao final do mês de outubro, o periódico ilustrado e humorístico carioca permanecia repercutindo os episódios lusos, como no caso de registros fotográficos apresentando lideranças republicanas lusas e a ampla participação popular no desencadear da implantação republicana. A temática da “expulsão dos jesuítas” era mais uma vez tratada, com a dama republicana portuguesa expurgando os clérigos, ao passo que o papa indicava o Brasil como caminho para os mesmos, havendo a resistência para tanto por parte do Zé Povo brasileiro. O reconhecimento da nova república europeia foi saudado pela publicação por meio de alegoria, na qual, a um canto, aparecia um monarquista choroso, enquanto a mulher-república, diante dos despojos do regime decaído, se congratulava com homens públicos e jornalistas do Brasil. Com uma tirada bem humorada, em outra caricatura, dois homens conversavam sobre o ato do reconhecimento, trazendo uma proposital confusão com os nomes das ruas<sup>30</sup>. Já na virada para o mês seguinte, foi publicada fotografia trazendo o registro dos festejos populares no Rio de Janeiro, decorrentes do reconhecimento de Portugal Republicano e, a respeito do mesmo assunto, uma caricatura trazia a representação do povo brasileiro a comunicar-se com os demais países, simbolizados por um homem com cabeça em formato de globo terrestre, incitando-os a também reconhecer a novel república europeia<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 29 out. 1910.

<sup>31</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 5 nov. 1910.







*Revolucionarios e membros do Directorio Republicano no edificio da Camara Municipal de Lisboa, no acto da proclamação da Republica. O que está de collete branco é o Sr. José Barbosa que aqui fez parte muito tempo da redacção d'«O Paiz».*

## A EXPULSÃO DOS JESUITAS .

(SYNTHESE DE UM MOMENTO HISTORICO)

Tendo Portugal expulsado os jesuitas e o Vaticano declarado não os poder receber e aconselhado que procurassem o Brasil, parece entretanto que esse conselho não poderá ter completo exito...—(Voz Publica).



*Republica Portuguesa* : — Ponham-se já no olho da rua, seus patifes!

*Papa* : — Dio santo! Qui, non vi voglio! Andate al Brazile!...

*Brazil* : — Uê!... Então Vossa Santidade pensa que isto aqui é aquillo da Mãe Joanna?!...

A FORMA DE GOVERNO REPUBLICANA EM QUESTÃO: ESTUDOS COM BASE NO PERIODISMO

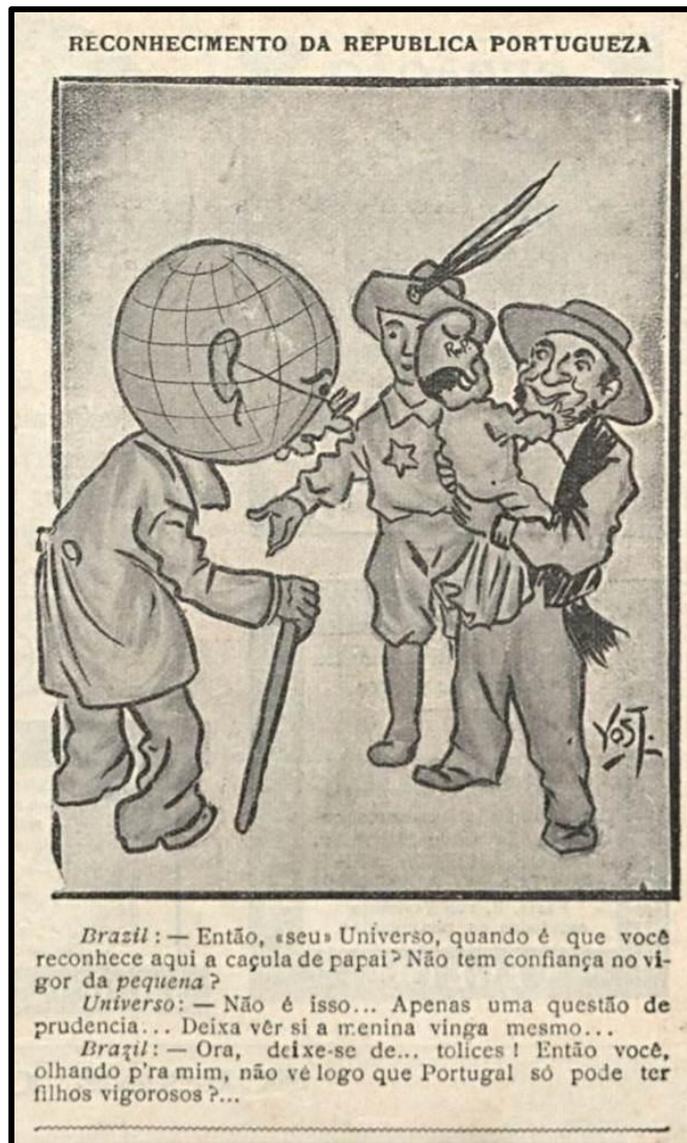




A REPUBLICA PORTUGUEZA



Povo em frente ao palacio do Cattete, na noite em que os nossos academicos e os republicanos portuguezes foram agradecer ao Dr. Nilo Peçanha o reconhecimento da Republica Luzitana pelo Brazil



A *Revista da Semana*, editada no Rio de Janeiro desde o início dos Novecentos até o final da década de 1950, iniciou a circular como um suplemento ilustrado do *Jornal do Brasil*, visando a apresentar uma revisão semanal em relação à abordagem diária do periódico que lhe deu origem. Permaneceu nessa condição por sete anos, período depois do qual se tornou uma publicação independente. Teve um norte editorial bastante diversificado, trazendo abordagens sociais, políticas e culturais, com ampla predileção pela inserção de material iconográfico, com destaque para as fotorreportagens. A mudança na forma de governo na conjuntura lusa foi demonstrada em gravura na qual um indivíduo apresentava a dama republicana lusitana, desenho acompanhado pela afirmação o “desfecho” dos “sucessos de Lisboa”, ou seja, “uma república a mais”. De acordo com as preferências da magazine, houve a predileção pelo fotojornalismo, com registros do regime decaído e do em ascensão. Nessa linha, apareceram fotografias do soberano apeado do poder e de sua progenitora, a rainha, assim como de republicanos e de membros do governo formado para administrar o novel regime e paisagens urbanas portuguesas e ainda ações comemorativas no Brasil alusivas à modificação institucional em Portugal. O texto referente à República Portuguesa caracterizou-se por buscar ser mais informativo, sem maior tomada de posição ou entusiasmo para com o acontecimento em pauta, chegando a considerá-lo como uma “surpresa”<sup>32</sup>:

Ainda não desapareceu de todo a surpresa que as notícias últimas causaram no ânimo brasileiro, por tantos motivos ligado irmãmente ao espírito da velha metrópole.

---

<sup>32</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 16 out. 1910.

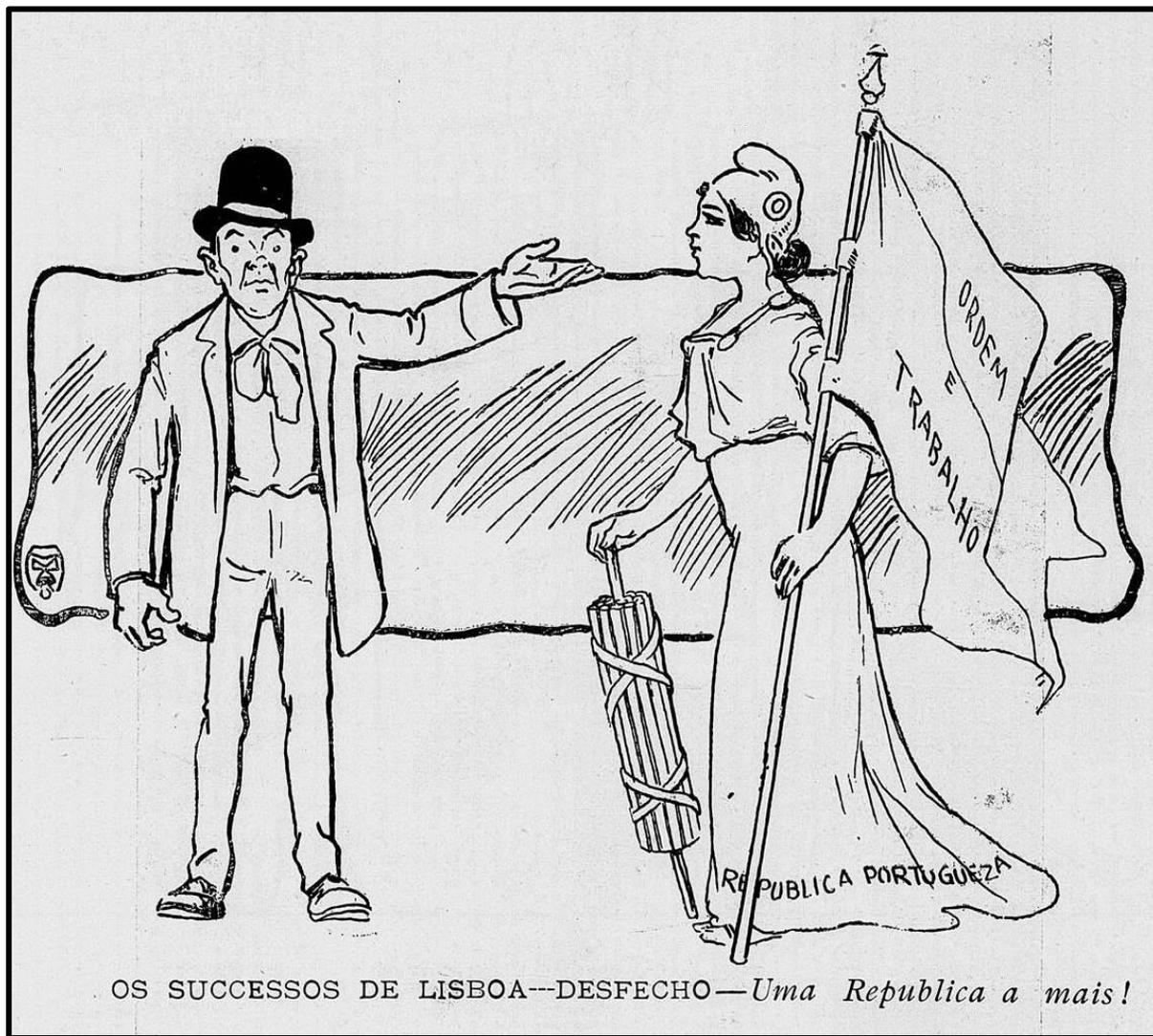
É cedo ainda para se emitir um juízo pleno e seguro a respeito dos sucessos que ali se desenrolam em situação anormal. País legendário, com um longo e tradicional acervo de heróis e de lendas, sentiu abalados os fundos alicerces de sua organização política enraizada pela história que registrou em suas páginas a heroicidade inigualável que deu novos mundos ao mundo.

Espírito ilustrado, apreciando a atualidade dos acontecimentos, teve forçosamente de comparar as atitudes idênticas de Portugal e do Brasil, e da observação justa e criteriosa tirou uma comparação eloquente, que não nos furtamos a registrar:

– No Brasil, o regime anterior era por assim dizer um regime novo, fácil de desprender-se do solo como uma planta terra, de pouca resistência. Em Portugal, o regime que o movimento atual tenta banir afigura-se um colossal cedro centenário, preso ao solo por imensas raízes que se ramificam e se estendem empolgadamente, fortificadas por séculos e séculos.

Daí a surpresa causada pelo movimento que parece vencedor. Depois da refrega em que se patenteou a bravura historicamente consagrada desse povo de heróis, depois da luta em que brilharam de parte a parte os dotes de galhardia e coragem, parece que a velha metrópole, sentindo o sangue de irmãos a correr em todas as veias uniu em pacífico amplexo todos os que, momentos antes, lutavam encarniçadamente pela conquista ou pela defesa de seu ideal e de suas convicções.

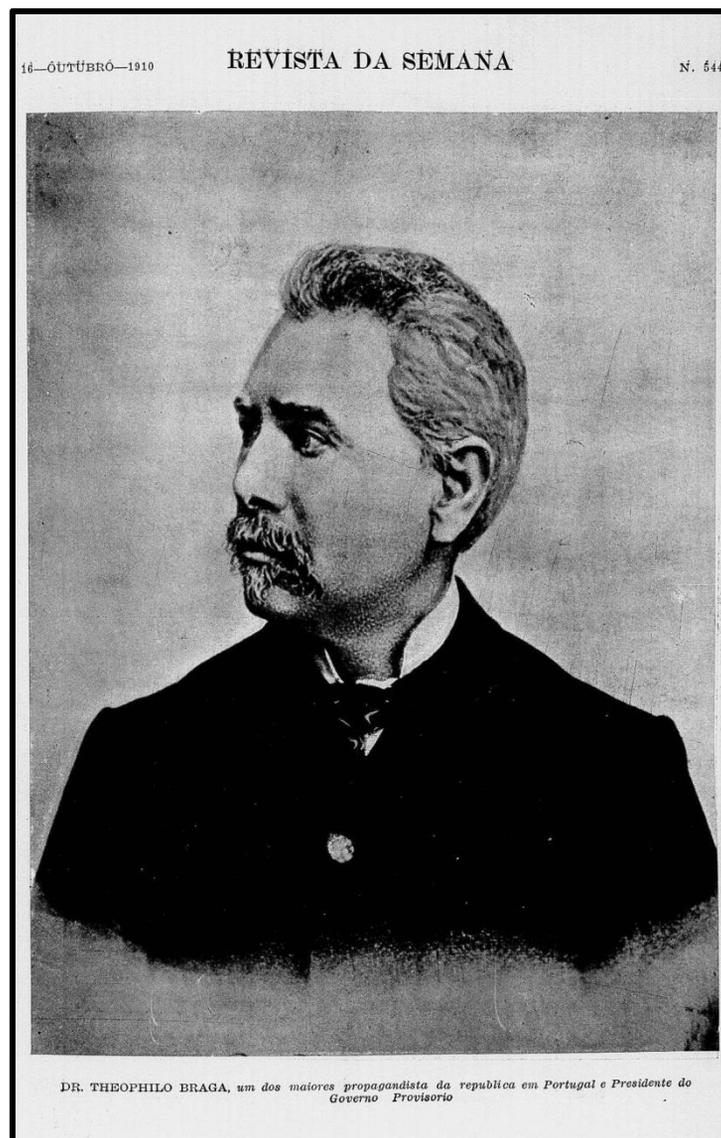
Os primeiros informes, contraditórios, desconexos, faziam crer que uma formidável hecatombe vitimava o coração da velha cidade de Ulisses, a população inteira ansiava por notícias seguras, ligada como se acha por tantos laços morais ao berço originário de sua formação e de sua cultura. Sabidas de fonte direta as notícias primeiras, asseverada a informação de tranquilidade relativa, os ânimos sossegaram, esquecendo vencedores e vencidos, e aspirando unicamente a volta do povo irmão à vida habitual de labor e de ordem, contribuindo para o progresso e para a civilização com o mesmo contingente de vida intensa que é um dos mais eloquentes predicados dos valorosos lusitanos.





S. M. EL-REI D. MANUEL II. Nasceu a 15 de Novembro de 1889, subiu ao throno a 1.º de Fevereiro de 1908 e contra o seu reinado explodiu a revolução de 4 de Outubro de 1910

o progresso e para a civili- gente de vida intensa que predicados dos valorosos lu-  
sacção com o mesmo contin- é um dos mais eloquentes zitanos,



N. 544

REVISTA DA SEMANA

16—OUTUBRO—1910

## CAIXA POSTAL

*Sr. Cruz Saldanha* — Recebemos. A falta de espaço impede de publicar o seu elogio á cidade de Campos.

*General Francisco Glicério* — Não, senhor, o seu collega politico tem o *cavagnac* mais comprido.

*Dr. Murtinho Sobrinho* — O melhor é voltar a Matto-Grosso para apanhar a outra legislatura.

*Dr. Figueiredo Lima* — Faz muito bem, Copacabana é o melhor campo tonico e reconstituinte.

*Sr. João Cabral* — Recebemos, gostamos e agradecemos. Mande mais.

*Dr. Samuel Prado* — O carango voltou ao rapaz, mas tão pequeno que se pôde denominar carangóia.

*Dr. Pedro Moacyr* — Com dous h nunca vimos; esta letra nunca se duplicou em graphia.

*Dr. Reis Carvalho* — Para que quer boilir em casa de marimbondos. Bem sabe que esta é a terra dos bachareis.

*Dr. Collatino Barroso* — Lá estaremos sem falta hoje ás 4 horas, na conferencia sobre *Edades mortas*.



S. M. RAINHA D. AMELIA



S. M. RAINHA D. MARIA PIA

*Sr. João Phóca* — Onde se meteu? Por onde pára?

*Dr. Raphael Pinheiro* — Pareco que já é tempo. Falta apenas uma cadeira e com um empurrão vae a caixa ao porão.

*Dr. Oliveira Castro* — E' justo, deve ter saudades do tempo em que era campeão do remo.

*Coronel Marçal* — A differença é que as feras estão na jaula e nós é que mordemos.

*Sr. Manuel Abad* — Que quer? O Isasi é teimoso e não quer aprender o portuguez.

*Dr. Mario Ramos* — Estimaremos que o chamusco polvoroso não o tenha attingido.

*Dr. Alvaro Teffé* — Naturalmente. Quando tomar conta do lugar, se esquecer da gente, será ingratição.

*Sr. Jorge de Freitas* — Será publicada oportunamente a sua ode ao café. Bellas-artes.

*Sr. Heitor Santos Lima* — Quem pôde informar sobre o numero de syllabas é o João Vieira.

*Dr. Servulo Lima* — Não sabemos. Consulte o Hemeterio.

*Dr. Nazareth Meneses* — O certo é que ha saudades dos versos de Nestor Mendes. Porque não continda?

*Sr. Peres Junior* — As comparações do Telles de Meirelles já fo-

16—OUTUBRO—1910

REVISTA DA SEMANA

N. 544

ram descobertas. Não se esqueça do Rocha Dentada.

*Dr. Campos Salles* — Não publicamos a sua poesia porque foi condemnada pelo Dr. Rodrigues Alves.

*Sr. Herédia de Sá* — Paz muito bem. Deve tecer as malhas desde já para a proxima legislatura.

*Dr. Thomaz Delphino* — Parabéns pelo achego. Que fim levou o triangulo?

*Dr. Augusto de Vasconcellos* — E' sim, *sinhó*.

*Dr. Ataliba Reis* — E então? Não envia mais uma das boas humoradas do alter-ego?

*Dr. Gregorio Seabra Junior* — O amigo quando começa a fallar de cousas forenses não acaba mais. Já é paixão!

*Dr. Moreira Guimarães* — De accordo. Desde que o amigo queira, poderemos organizar um duo de flauta garganteada.

*Dr. Theodoro Magalhães* — Infelizmente não podemos publicar o hymno da republica, por causa da letra.

*Dr. Isaías Guedes de Mello* — Está muito bom o seu soneto humoristico sobre os *Provarás*. Publicaremos.

*Sr. Francisco Manna* — E então? arranjou os documentos extinguidos?

*Dr. Carlos Sallaberoy* — Pôde enviar. Se forem bons, publicaremos.

*Dr. Sabino Barroso* — Fica do lado de cá de quem sóbe á direita. Uma legoa de beigo.

*Sr. Horacio de Lamare* — Tem a certeza de não se achar na occa-



S. A. R. PRINCIPE D. AFFONSO HENRIQUES



são com o chapéo na cabeça, o sobretudo vestido e o guarda-chuva aberto?

Por prudencia, quando mais não seja, leve sempre um lenço.

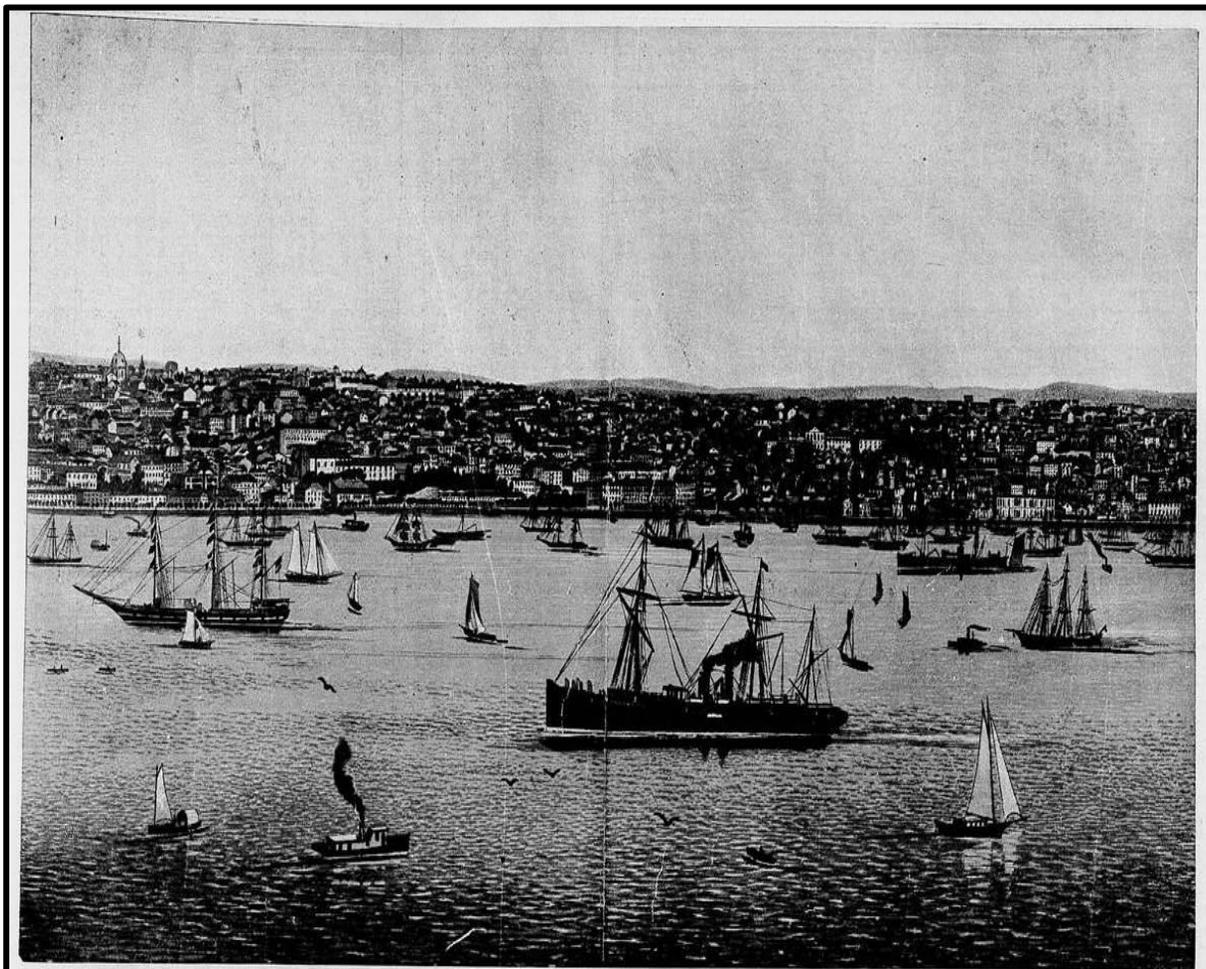
As botinas sujaram, sabe?

*Sr. Nico Bitencourt* — Eternamente á fazer pilulas na barbinia vae á *merveille* enganando o seu

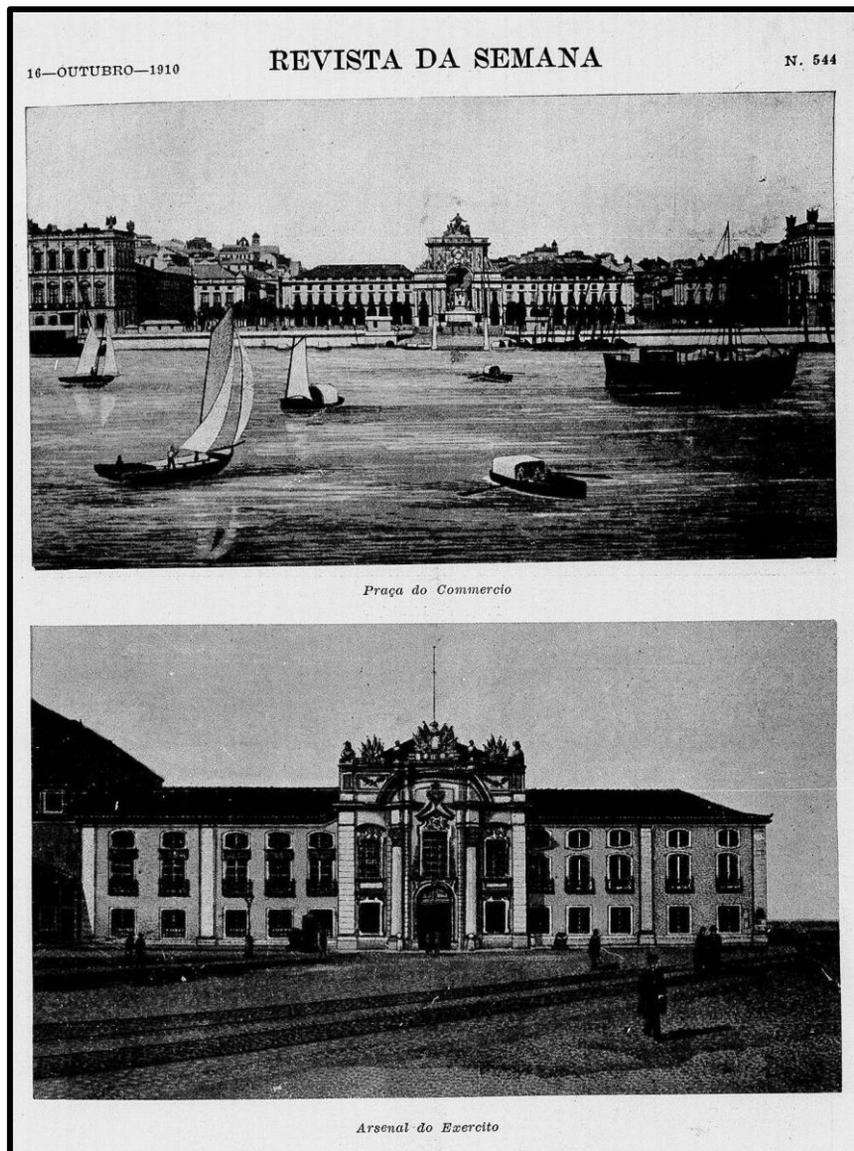
inseparavel, não é? Quando lhe diz que precisa retirar-se cedo, não irá antes ás sopas do Prato Fino? Negue!

*Sr. Manuel Lima* — Evite as travessias que o cançam *pra burro*. Já funciona regularmente a rede telefonica para a vizinha cidade, não sabia?

Palacio Real das Necessidades



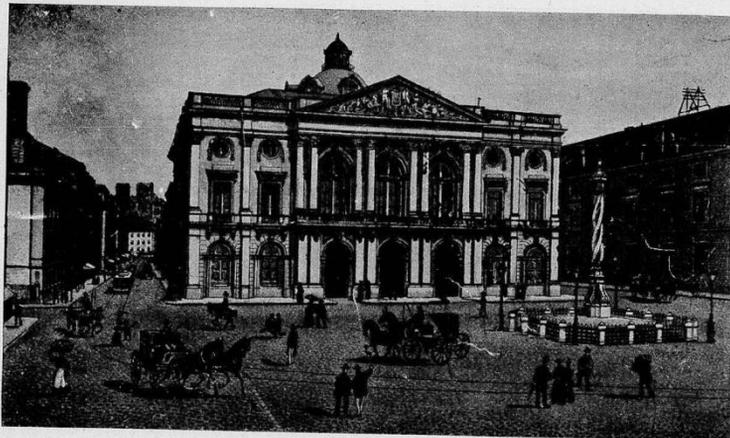
*Panorama de Lisboa*



N. 544

REVISTA DA SEMANA

16—OUTUBRO—1910



*Praça do Município*

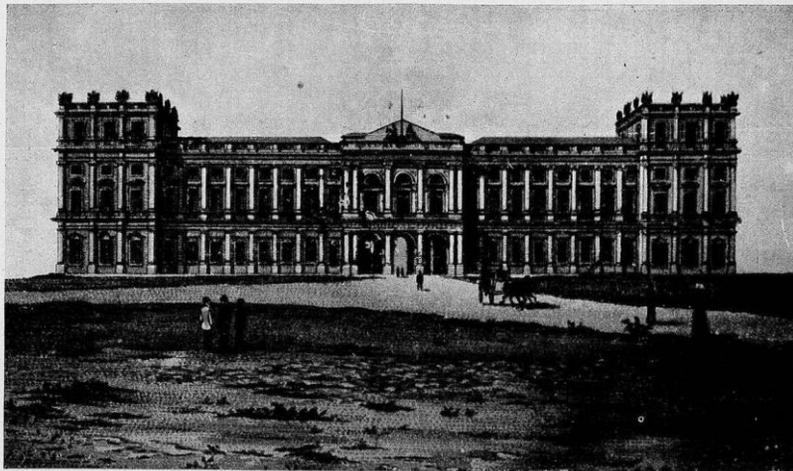


*Avenida da Liberdade*

16—OUTUBRO—1910

REVISTA DA SEMANA

N. 544



*Palacio Real d'Ajuda*



*Um aspecto de Cintra em que se vê o Castello de Cintra*

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

N. 544                      **REVISTA DA SEMANA**                      16—OUTUBRO—1910



DR. ANTONIO LUIZ GOMES, *Ministro das Obras Publicas*



DR. ANTONIO JOSE DE ALMEIDA, *Ministro do Interior*



DR. AFFONSO AUGUSTO DA COSTA, *Ministro da Justica. Foi o principal chefe do movimento revolucionario.*



DR. BERNARDINO LUIZ MACHADO GUIMARAES, *Ministro das Relações Exteriores*



N. 544

REVISTA DA SEMANA

16—OUTUBRO—1910



DR. CUNHA E COSTA, nosso antigo companheiro e um dos maiores propagandistas da Republica em Portugal e que redigiu a acta da Proclamação da Republica.



CELESTINO DE ALMEIDA, um dos mais valentes republicanos portugueses

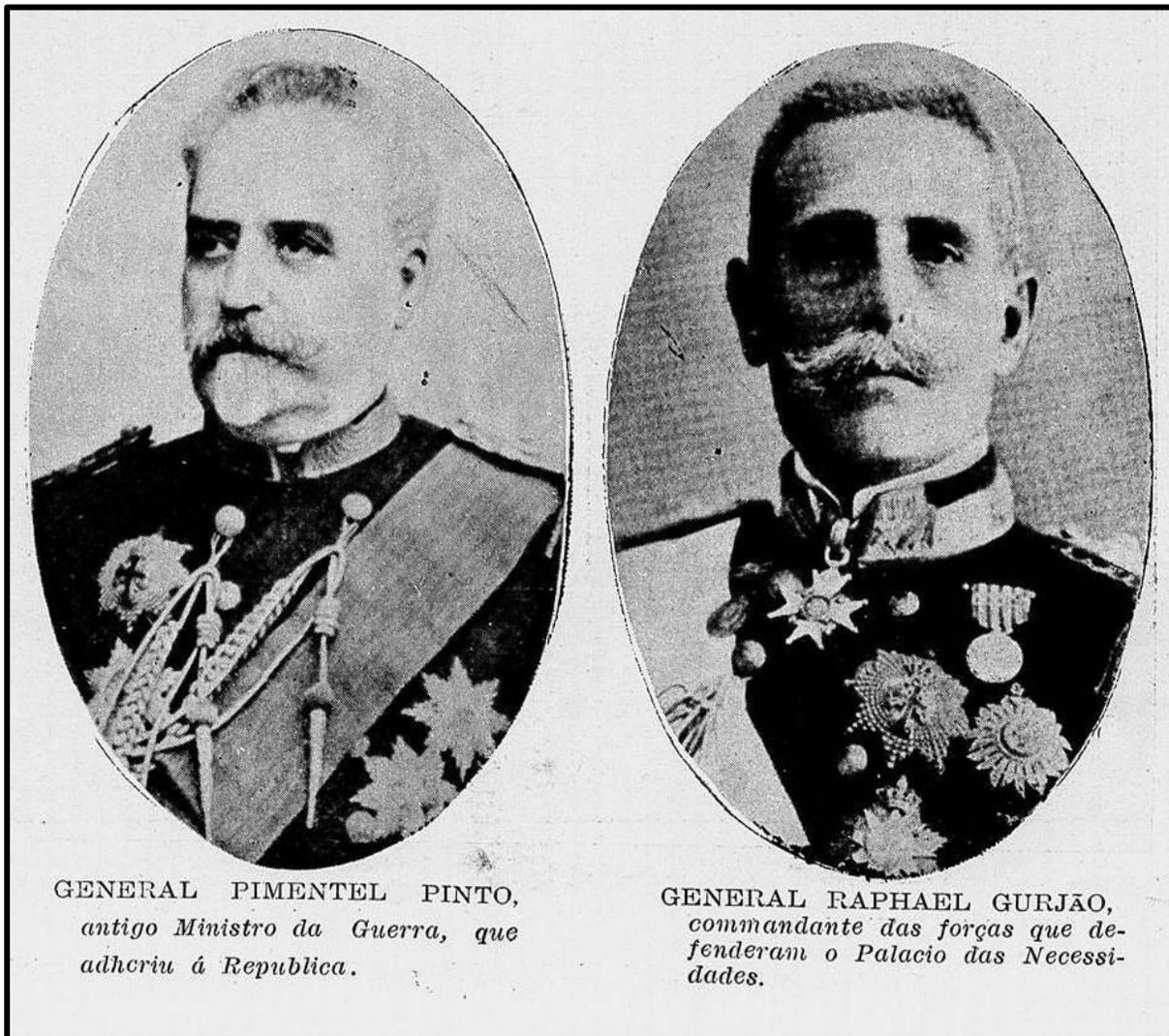


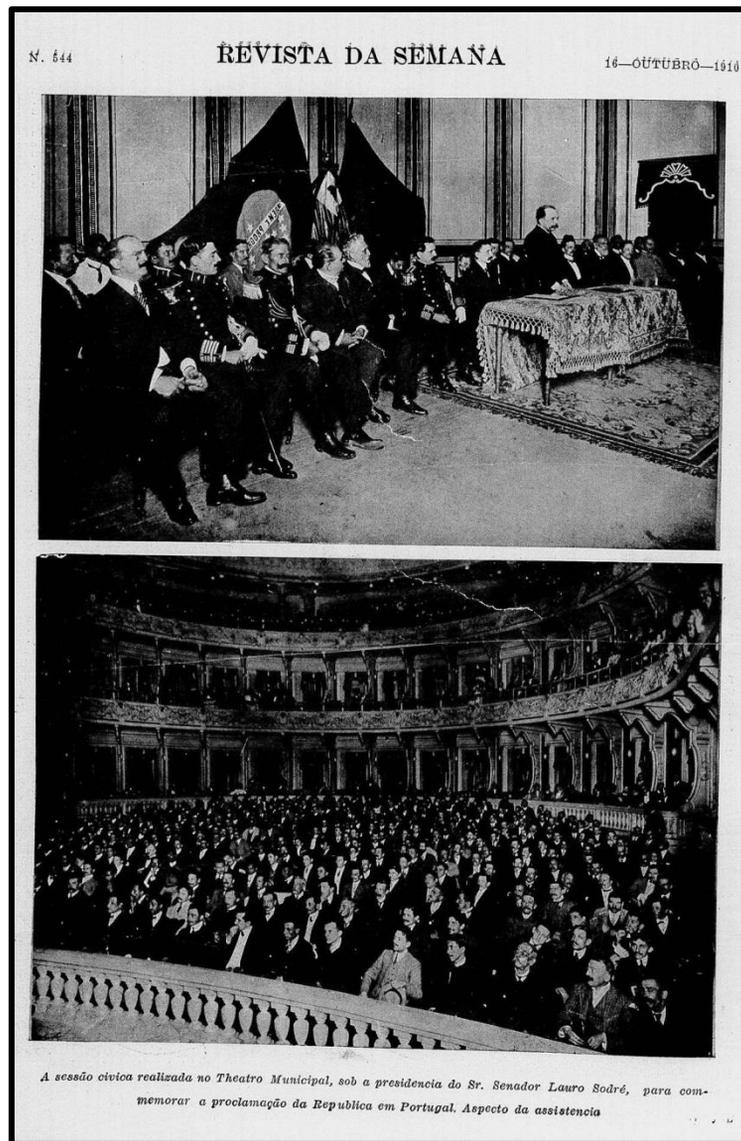
MANUEL D'ARNAGA, notavel jornalista e um dos mais antigos republicanos

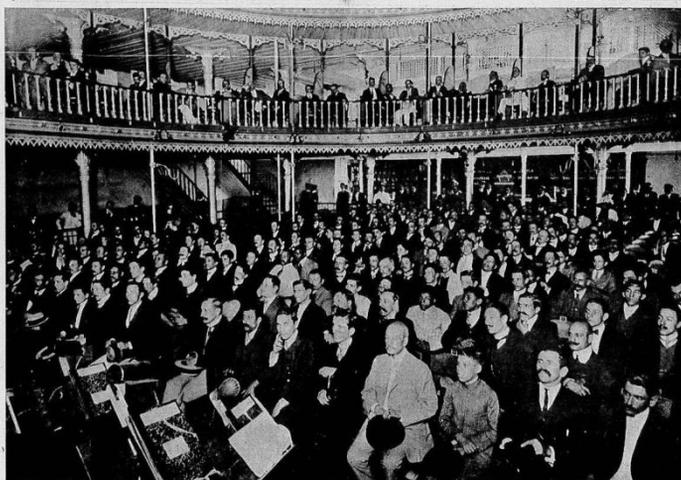
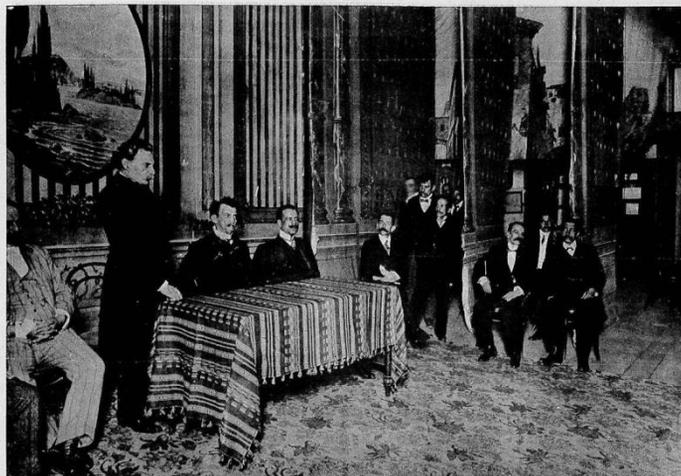


GUERRA JUNQUEIRO, conhecido poeta e membro do Partido Republicano









*A mesa da sessão cívica, realizada no dia 8 do corrente, no Theatro Carlos Gomes, presidida pelo Sr. Dr. Lopes Troadó, tendo á sua direita o Sr. Coelho Lisboa, um dos oradores. — Platéa do Theatro Carlos Gomes, no dia da sessão cívica pela proclamação da Republica em Portugal.*

N.º 544

REVISTA DA SEMANA

16—OUTUBRO—1910



*Uma reunião do Gremio Republicano Portuguez, sob a presidencia do Sr. Leite da Costa, para tratar dos festejos commemorativos da Republica em Portugal*

Nesse quadro, a instauração da república fez Portugal saltar de um relativo anonimato para as primeiras páginas da imprensa de todo o mundo, de maneira que o país perdeu por momentos o seu estatuto periférico para ser analisado à lupa em cada uma das ações de que era protagonista. De acordo com tal perspectiva, os destinos da nação ibérica passaram a interessar à opinião internacional, como palco do primeiro teste efetuado no século XX a uma nova república em pleno continente europeu, havendo significativa quantidade de manchetes, reconstituições gráficas, caricaturas e registros fotográficos, produzidos a propósito da situação portuguesa, vindo a atestar a projeção dada ao acontecimento<sup>33</sup>. As revistas que compunham a imprensa ilustrada da cidade do Rio de Janeiro, a maior parte delas que obteve uma circulação nacional, seguiram tal linha, divulgando os episódios ocorridos no âmbito português em outubro de 1910 por meio de matérias textuais e registros iconográficos. Além da mudança na forma de governo, foi dado amplo destaque à expulsão de clérigos da novel república e a preocupação com o destino dos mesmos, mormente caso fosse o Brasil. Também a mobilização de forças para comemorar os acontecimentos em Portugal ou ainda para defender o reconhecimento da nova nação republicana. Variando o enfoque, do noticioso ao opinativo, do crítico ao informativo e do bem humorado ao sério, cada uma delas apresentando caricaturas, alegorias e fotografias dos atores sociais que atuaram no cenário luso daquela época, as magazines cariocas trouxeram ao público leitor brasileiro

---

<sup>33</sup> MONICO & VIEIRA, 2010. p. 257.

os fatores que cercaram o surgimento de mais um regime republicano no ainda predominante monárquico contexto europeu.



REVISTAS ILUSTRADAS BAIANAS E A  
DAMA REPUBLICANA: BREVE ESTUDO  
DE CASO

Os progressos técnicos nos serviços de produção gráfica trouxeram avanços significativos para a imprensa mormente no que tange à inclusão de material iconográfico. Nesse quadro esteve o progresso das revistas ilustradas, com seu estilo diferenciado mormente quanto à imagética, com a inclusão em suas páginas de gravuras e fotografias<sup>34</sup> e, em alguns casos, o uso da cor nos impressos. A difusão de tal gênero jornalístico deu-se por diversas partes do território brasileiro, notadamente nas principais cidades, como foi o caso da capital baiana. Algumas dessas publicações ganharam representatividade, chegando a receber premiações internacionais<sup>35</sup>. Já outras tiveram dificuldades para sobreviver<sup>36</sup>, notadamente pelas limitações de ordem técnica na impressão<sup>37</sup>. Tais revistas tinham uma significativa preocupação com a expressão de informações, com a profusão de títulos em todos os corpos e os competentes clichês, representativos da ocorrência ou do personagem<sup>38</sup>,

---

<sup>34</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 300.

<sup>35</sup> SOUZA, Antônio Loureiro de. Apontamentos para a história da imprensa na Bahia. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes. *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 84.

<sup>36</sup> CARVALHO, Aloysio de. A imprensa na Bahia em 100 anos. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes. *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 44.

<sup>37</sup> VIANA FILHO, Luiz. Alguns aspectos do jornalismo baiano. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes. *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 102.

<sup>38</sup> CARVALHO, Aloysio de, 2005. p. 46.

firmando-se uma certa soberania da notícia na abordagem dos temas<sup>39</sup>, sem que deixasse de ocorrer a presença da paixão dos embates políticos<sup>40</sup>. Assim como na maior parte das publicações ilustradas do país, também nas baianas houve a presença recorrente da imagem feminina que representava a forma de governo republicana.

Um dos representantes de tal gênero foi *A Revista*, um projeto editorial soteropolitano de curtíssima duração no ano de 1895. Era voltada à divulgação da arte caricatural, e se dizia “estranha à luta dos partidos que se chocam na arena política”, buscando ser “livre, isenta de qualquer preocupação de ordem secundária, tendo perante a consciência a imagem da pátria e particularmente querendo o engrandecimento desta terra” e “amando apaixonadamente a liberdade” e “querendo o bem do povo”. Assim, apresentava-se “na liça do glorioso jornalismo baiano, pedindo um modesto lugar à sombra dos grandes mestres”. Declarava também que, “inspirada ao calor do mais vigoroso sentimento de patriotismo”, tomaria “por divisa” a expressão “Deus, pátria e liberdade”, prometendo marchar “sem desfalecimento para o seu desiderato”<sup>41</sup>. Durante sua breve existência, *A Revista* chegou a realizar a inclusão da figura

---

<sup>39</sup> VIANNA, Antônio. A Notícia. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes. *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 138.

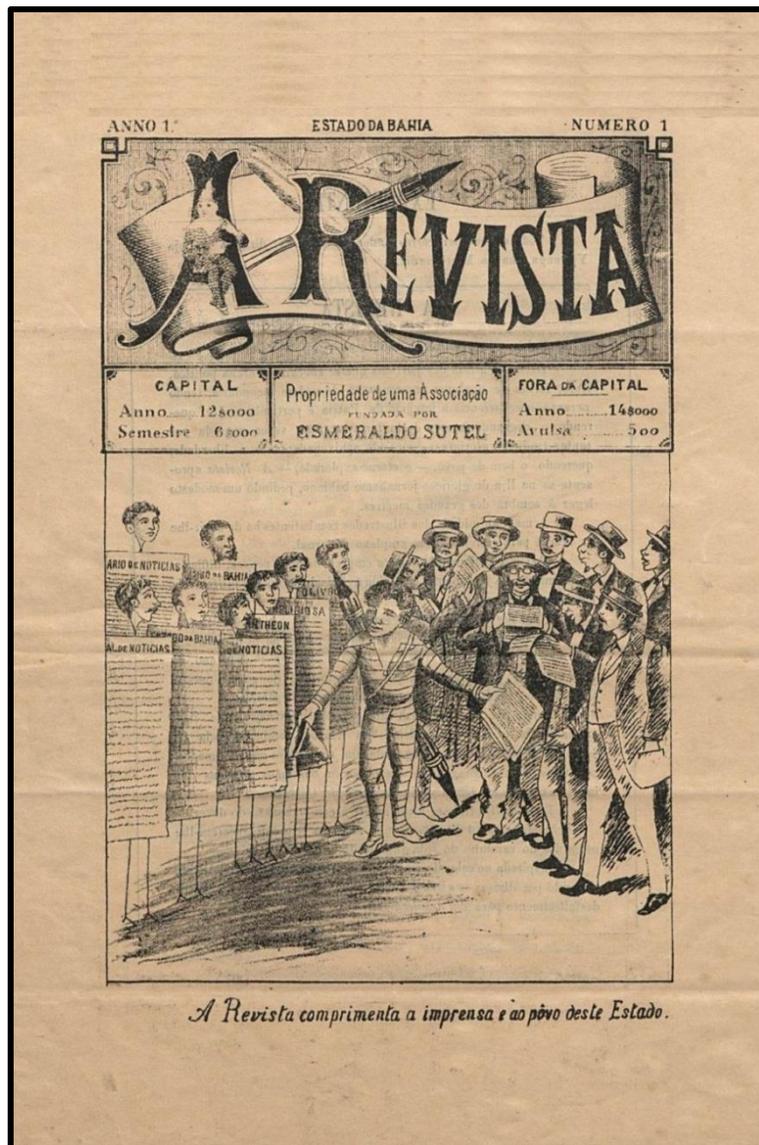
<sup>40</sup> CARVALHO FILHO, Aloysio de. Jornalismo na Bahia: 1875-1960. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes. *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. Salvador: Academia de Letras da Bahia; Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2005. p. 57.

<sup>41</sup> A REVISTA. Salvador, 22 jun. 1895.

feminina que representava a forma de governo republicana, por ocasião de uma homenagem póstuma ao segundo Presidente do Brasil, o marechal Floriano Peixoto, trazendo a efígie do político cercada por uma coroa de louros, além da própria alegoria republicana, em representação entristecida, acrescida de outra imagem alegórica feminil, a da justiça<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> A REVISTA. Salvador, 31 jul. 1895.





Outra magazine editada em Salvador, entre 1906 e 1912 foi a *Revista do Brasil*. Anunciava seu aparecimento “duas vezes em cada mês” e garantia que seria “sempre independente e sem ligações partidárias, imparcial, científica, artística, comercial, literária, industrial, humorística e ilustrada com caricaturas e fotografias”. A publicação afirmava que todo aquele lhe acompanhava e que “conhece a Bahia está capacitado para julgar a luta” vivida pela redação, diante dos “esforços inauditos” empregados para a manutenção de sua circulação. Enfatizava ainda que “a Bahia inteira sabe das dificuldades com que lutam aqueles que se entregam a trabalhos como este”, mas, apesar de tais obstáculos, prometia estar “sempre firme ao lado deste povo generoso e nobre”, que lhe dispensava “as suas simpatias” e que constituía para si o seu “prêmio mais precioso”. Revelava que, “por circunstâncias supervenientes”, advindas da “deficiência do meio, houve faltas na distribuição desta revista”, as quais teriam sido compreendidas pela “generosidade deste povo”, o qual continuara a dispensar-lhe “os seus aplausos e as suas simpatias”. Pretendia adotar melhorias editoriais e gráficas, de modo a fazer “honra à nossa cultura e ao nosso conceito de povo civilizado”<sup>43</sup>. Ainda que se apresentasse como independente das lutas políticas, a *Revista do Brasil* demonstrou comportamentos de adesão e oposição de cunho político, tanto na esfera estadual, quanto na federal. Dentre suas preferências estiveram também os

---

<sup>43</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 1º jul. 1907.

registros voltados ao high-life, trazendo detalhes das vivências da elite baiana e brasileira.



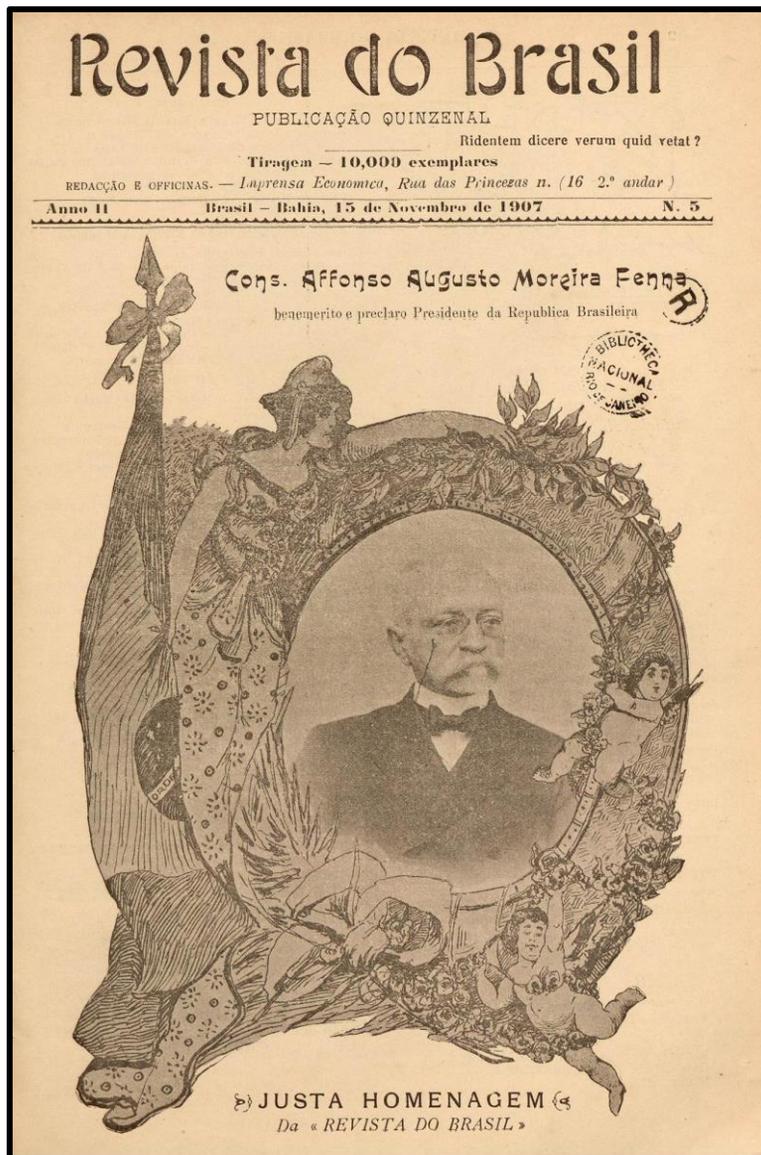
As inserções da dama republicana nas páginas da *Revista do Brasil* deram-se por meio de clichês, gravuras e caricaturas espalhadas ao longo de suas edições. Uma delas, por ocasião da passagem do 15 de Novembro, servia para homenagear o “benemérito e preclaro Presidente da República Brasileira”, com a alegoria feminina aparecendo com o pavilhão nacional em uma das mãos, enquanto o outro braço servia para abraçar o retrato do político em questão<sup>44</sup>. A dama do barrete frígio foi também empregada para entregar uma “homenagem ao mérito” do governante baiano, considerando-se a revista “alegre” por homenagear “o mérito do honrado e benemérito” homem público, desejando-lhe “festas radiantes de prazer”, tendo em vista a passagem de ano que então transcorria<sup>45</sup>. O mesmo clichê utilizado anteriormente, com destaque para a figura alegórica feminil, servia para mais uma homenagem ao “insigne mineiro e benemérito Presidente dos Estados Unidos do Brasil”. Uma saudação iconográfica àquele que, a partir da república, foi guindado ao denominado “panteão dos heróis nacionais”, em uma inserção imagética que viria a aparecer recorrentemente foi dedicada “à memória de Tiradentes, com “a homenagem da revista ao protomártir da república”, lançando mão para tanto da presença daquela representação alegórica feminina<sup>46</sup>.

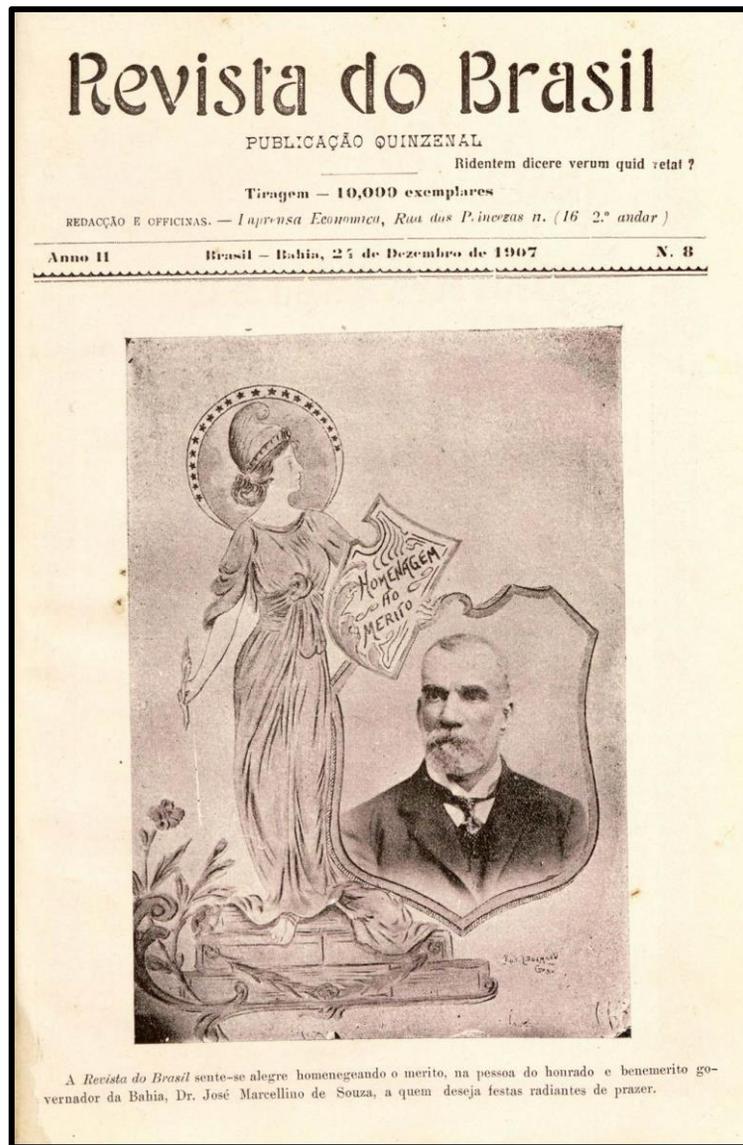
---

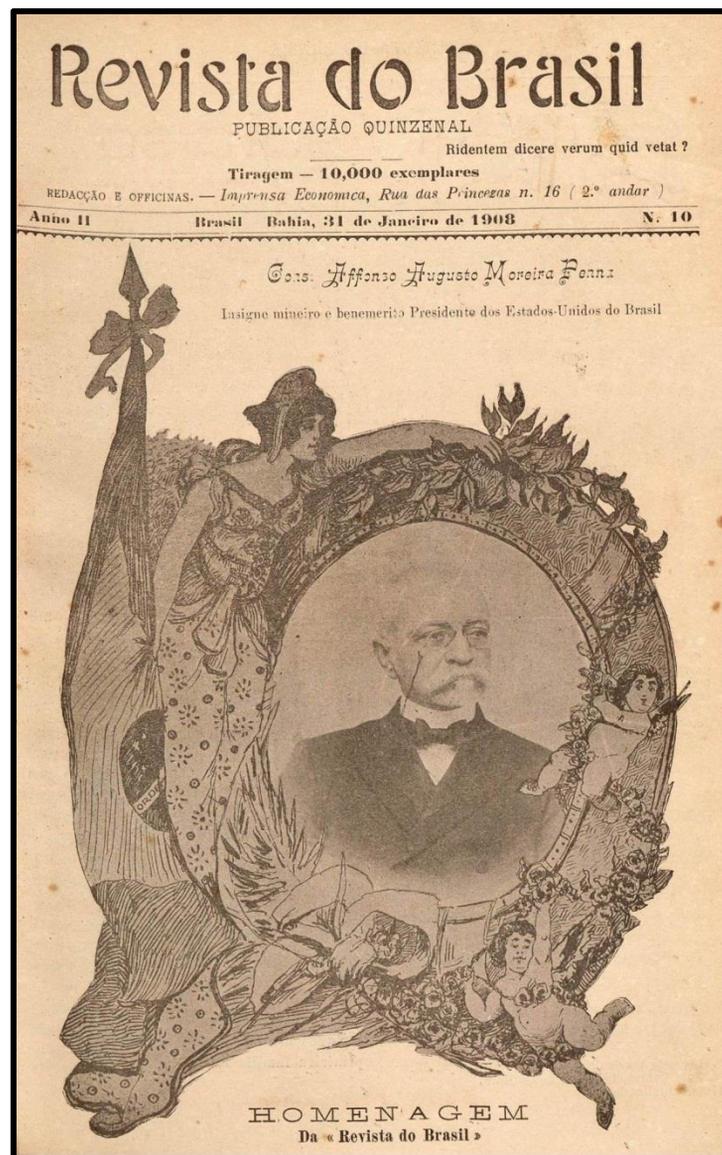
<sup>44</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 15 nov. 1907.

<sup>45</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 24 dez. 1907.

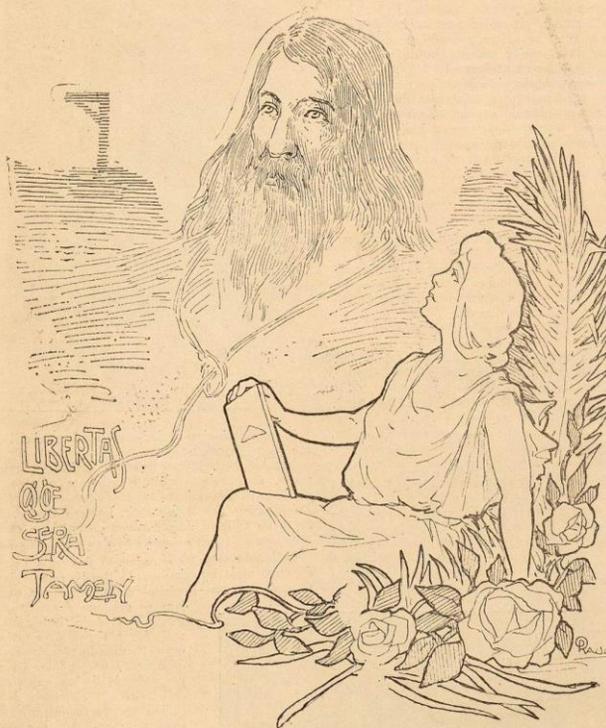
<sup>46</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 31 jan. 1908.







A' memoria de Tiradentes



HOMENAGEM

DA

Revista do Brasil ao proto-martyr da Republica

Um outro clichê se repetia para celebrar o mesmo personagem, dizendo a publicação que “mais uma vez homenageia ao patriótico governador do Estado” pela reforma promovida em prédio prisional baiano<sup>47</sup>. A representação iconográfica com a presença da alegoria feminina referente à forma republicana, que servia ao processo de veneração ao “herói” foi repetida, com “a homenagem ao maior dos inconfidentes, ao glorioso mineiro, ao alferes Joaquim da Silva Xavier, o inolvidável Tiradentes”<sup>48</sup>. O início de uma gestão era também saudado pela magazine, estampando os retratos dos políticos empossados, em ilustração adornada por uma coroa de louros, pelo escudo nacional e pela efígie da mulher-república<sup>49</sup>. A república em seus trajes habituais, junto do povo e de representantes da administração pública federal, celebrava a ação do responsável pela organização de uma exposição nacional<sup>50</sup>. As relações internacionais também serviram de cenário para a presença da dama republicana, dessa vez fazendo alusão à vizinha Argentina, que parecia entender-se bem com o chanceler brasileiro, ao passo que desautorizava o seu próprio diplomata<sup>51</sup>.

---

<sup>47</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 31 mar. 1908.

<sup>48</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 15 abr. 1908.

<sup>49</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 31 maio 1908.

<sup>50</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 15 ago. 1908.

<sup>51</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 15 nov. 1908.

68

# Revista do Brasil

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Ridentem dicere verum quid vetat?

Tiragem — 10,000 exemplares

REDACÇÃO E OFFICINAS. — *Imprensa Economica, Rua das Princesas n. 16 ( 2.º andar )*

---

Anno II      Brasil — Bahia, 31 de Março de 1908      N. 13

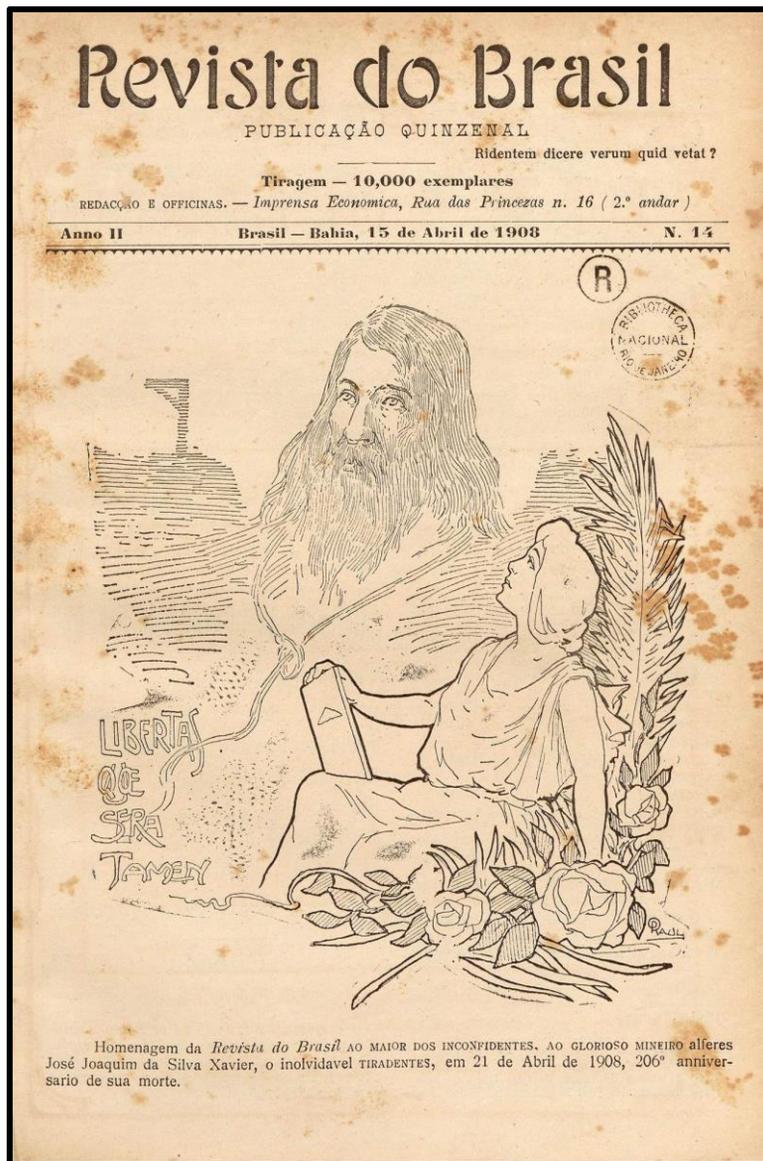
---



The illustration features a woman in a long, draped classical gown and a crown-like headpiece, standing on a decorative base. She holds a shield with the words 'HOMENAGEM AO MÉRITO' written on it. To her right is a framed portrait of a man with a mustache, identified as Dr. José Marcellino de Souza. The background is a simple, textured grey.

**Dr. José Marcellino de Souza**

A *Revista do Brasil*, mais uma vez, homenageia ao patriótico governador do Estado, a quem cabe a iniciação da reforma radical da Penitenciaria da Bahia, de que nos occupamos no presente numero.



**Revista do Brasil**

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Ridentem dicere verum quid vetat?

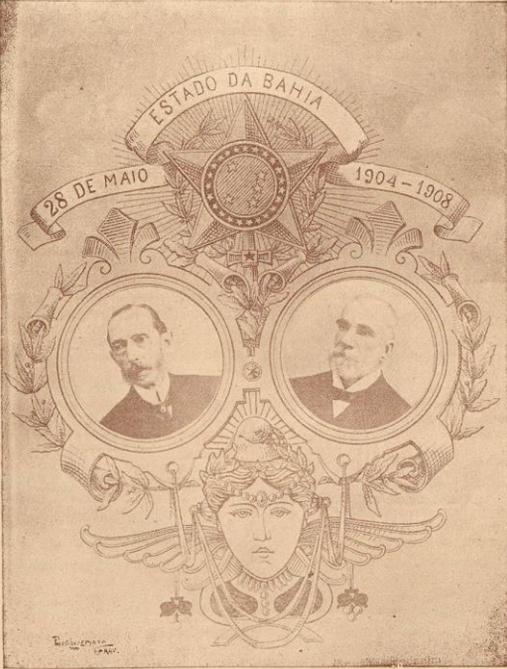
Tiragem — 10,000 exemplares      Numero avulso... 300 rs.

REDACÇÃO E OFFICINAS. — *Imprensa Economica, Rua das Princesas n. 16 (2.º andar)*

---

Anno III      Brasil — Bahia, 31 de Maio de 1908      N. 2

---



As duas datas, á direita, na fita que remata este *cliché* allegorico, assignalam o inicio das administrações dos Drs. José Marcellino de Souza e João Ferreira de Araújo Pinho, ligados pelo mesmo ideal politico: o engrandecimento economico e intellectual da Bahia.





Como o clichê original servira para saudar a figura presidencial em vida, também o fez por ocasião de sua morte, com a publicação dando “pêsames à família brasileira”, vindo a acompanhar “a alma nacional na grande mágoa que avassala o Brasil, ante a morte do seu primeiro magistrado”<sup>52</sup>. A dama republicana surgia também em sua indumentária tradicional na propaganda de um medicamento, que serviria “como preservativo nas constipações” e como “desinfetante bronco-pulmonar”, nos casos de “fraquezas físicas e pulmonares”, além disso, o produto era anunciado como “na República Brasileira, não tem competência”<sup>53</sup>. Por ocasião do mês de abril, dedicado no dia 21 para a figura de Tiradentes, com o retorno da ilustração utilizada anteriormente, voltada a saudar o “imortal precursor da ideia republicana no Brasil”<sup>54</sup>. A revista ilustrada colocou-se na oposição ao civilismo, chefiado pelo baiano Rui Barbosa, chegando a comparar tal movimento a uma serpente, com toda a carga simbólica negativa que envolve tal animal. Desse modo, a publicação soteropolitana deu amplo apoio à presidência de Hermes da Fonseca, como ao ser saudado pela própria dama republicana<sup>55</sup>. O governo do marechal Hermes foi homenageado também com a efígie alegórica da república sustentando em seu barrete e em seus cabelos os retratos dos integrantes da administração federal<sup>56</sup>.

---

<sup>52</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 26 jun. 1909.

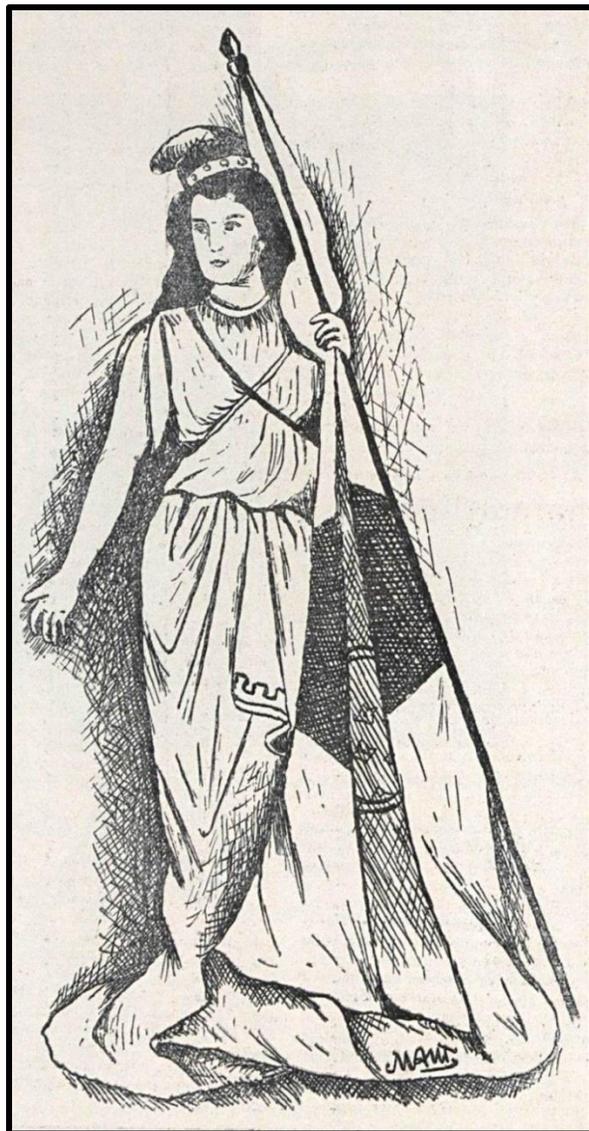
<sup>53</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 15 out. 1909.

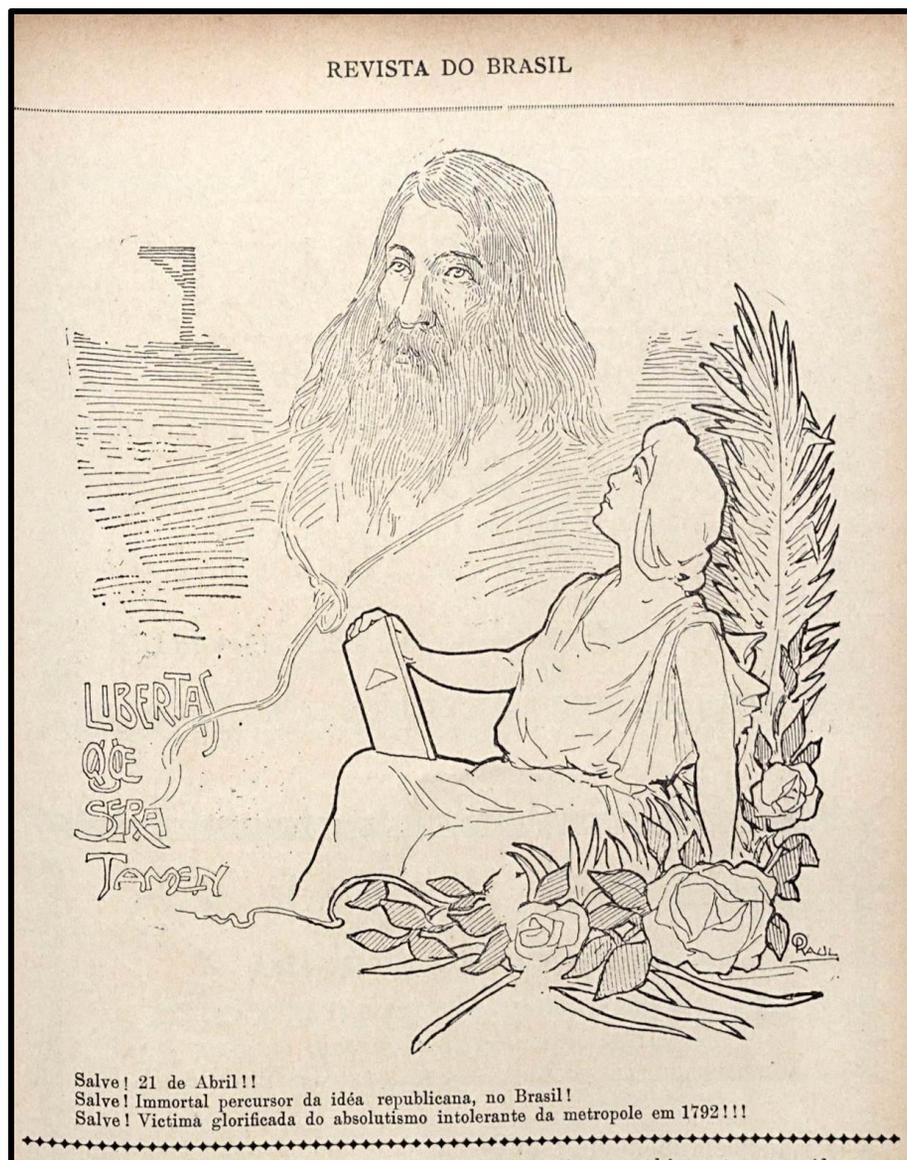
<sup>54</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 15 abr. 1910.

<sup>55</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 15 nov. 1910.

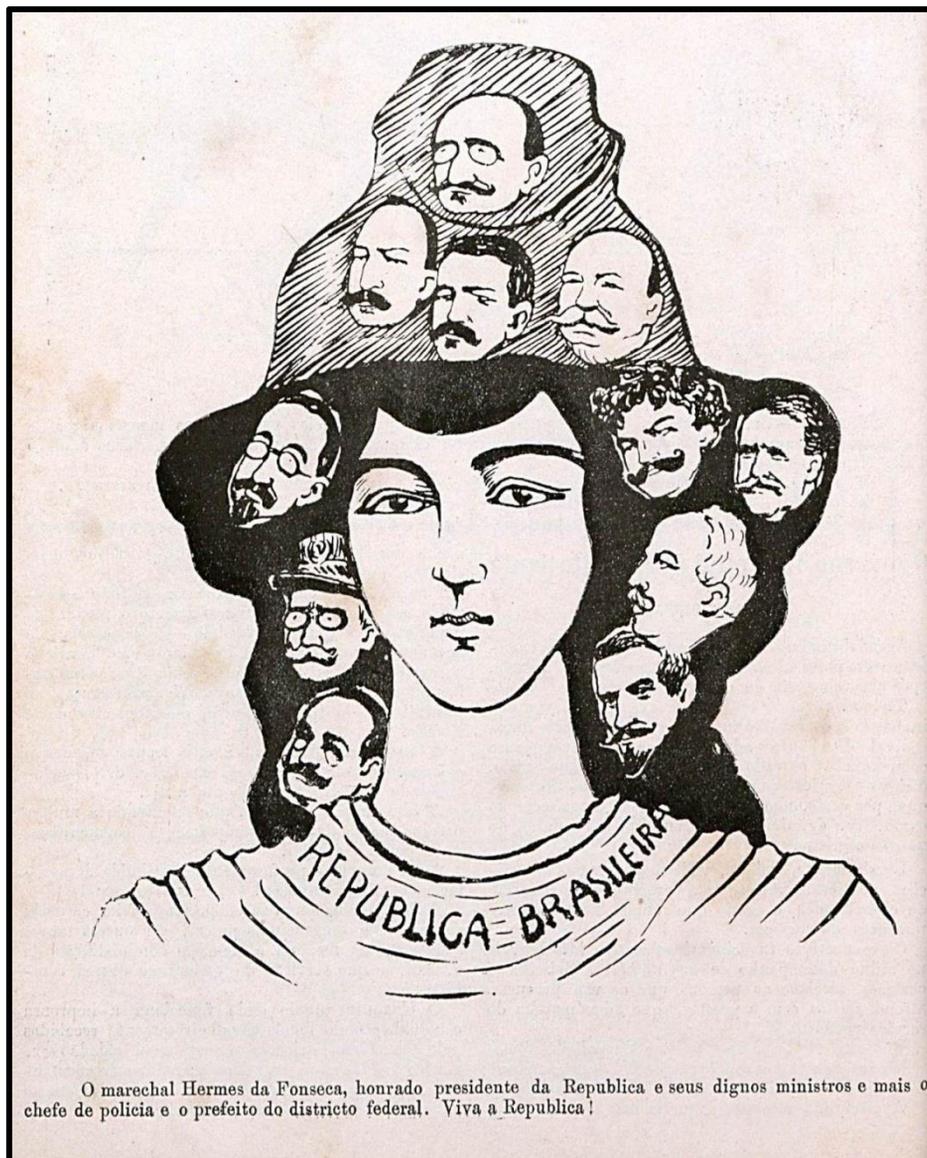
<sup>56</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 31 jan. 1911.











Em época das festividades carnavalescas o político baiano J. J. Seabra, que ocupava cadeira no ministério brasileiro, e o Presidente Hermes da Fonseca, fantasiados como a ocasião determinava, cantarolavam em torno da “menina-república”. Na mesma oportunidade, a mulher-república elogiava Seabra pela sua “maneira de administrar”<sup>57</sup>. O apoio ao ocupante do cargo presidencial permanecia incólume, com a “República Brasileira” dizendo-se “entusiasmada com a sua maneira patriótica de administrar, oferecendo-lhe um buquê de flores e uma “tesoura bem afiada para cortar as despesas supérfluas”, além disso havia também a presença do “Zé”, como representação do povo, que também se mostrava satisfeito com o governo em questão, imaginando que ele estaria “saindo melhor do que a encomenda”<sup>58</sup>. Um daqueles remédios que prometia curar todo e qualquer mal utilizou-se da imagem feminina republicana em sua propaganda, na qual garantia que trazia a cura para sífilis, feridas, moléstias da pele, escrófulas, dor nos ossos, boubas, reumatismo, úlceras, dartros, eczemas, fístulas e impureza do sangue, vindo a restituir “a saúde a milhares de doentes e realizado extraordinárias curas em diversas moléstias consideradas incuráveis”<sup>59</sup>. Empossado governador com o apoio presidencial, José Joaquim Seabra foi saudado com a presença de duas figuras femininas, uma representando a Bahia, enquanto a outra era a própria dama republicana<sup>60</sup>.

---

<sup>57</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 25 fev. 1911.

<sup>58</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 31 maio 1911.

<sup>59</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 15 nov. 1911.

<sup>60</sup> REVISTA DO BRASIL. Salvador, 31 mar. 1912.

REVISTA DO BRASIL



*Os mascaras...*

Menina minha minina  
Aqui vimos te adorar.  
Nesta festa de Deus Momo  
Vamos pular e dansar...

*A menina...*

Tenham cuidado commigo,  
Dansem bem devagarsinho...  
Sou formosa, sou bem rica  
Preciso de muito carinho.









Desse modo, as duas revistas ilustradas apresentadas na forma de estudo de caso quanto à utilização imagética da dama republicana representaram dois tipos distintos de tal gênero jornalístico no contexto baiano. *A Revista*, do final do século XIX, constituiu uma proposta editorial voltada essencialmente às caricaturas, seguindo o modelo predominante até então, mas acabou por ser um projeto brevíssimo no cronológico, com duração efêmera e estabelecendo um padrão gráfico mais simples, embasado na arte litográfica. Já a *Revista do Brasil* foi uma publicação mais perene, durante período maior do que um lustro, no alvorecer dos Novecentos, e promovendo um estilo gráfico melhor elaborado, com maior apuro visual, fruto de melhores condições tecnológicas e de técnicas de impressão mais precisas. Em comum, apesar da pequena amostragem no primeiro caso, ambas utilizaram-se da alegoria feminina da república em bem maior escala para o enaltecimento de homens públicos, de modo que prevaleceu o uso em torno das homenagens e saudações, sem maior espaço para a manifestação do espírito crítico, revelando a adesão das duas às forças governativas em cada um dos momentos nos quais circularam entre seu respectivo público leitor.



A *MANCHETE* E O CENTENÁRIO DA  
REPÚBLICA NO BRASIL

A revista *Manchete* foi editada no Rio de Janeiro desde 1952 até a primeira década dos anos 2000, seguindo o modelo das magazines francesas ilustradas em cores, o que veio a atrair o público leitor. A empresa editora da revista contratou agências estrangeiras que forneciam material fotográfico de qualidade e adquiriu maquinário especializado para aquele tipo de edição. Em diversas ocasiões teve a totalidade de seus números impressos esgotada, tendo em vista certas atrações que despertavam amplo interesse. Em 1957, visando a aperfeiçoar o produto final, adquiriu nova máquina impressora e, em 1968, seus escritórios foram transferidos para um prédio mais amplo, bem como adquiriu terrenos para a ampliação de seu parque gráfico, o qual ainda passou por maiores melhorias em 1979<sup>61</sup>. Ao ser criada, justificava seu título a partir do sentido adquirido na expressão das notícias e manifestava sua pretensão se der “uma revista de atualidades, correta e modernamente impressa”, garantindo a utilização das cores em suas páginas, as quais serviriam para pôr-se “sistematicamente a serviço da beleza do Brasil e das manifestações do seu progresso”. Prometia ainda constituir um “espelho escrupuloso” das “faces positivas” do país, bem como do “mundo trepidante” de então, uma vez que “os fatos nacionais e internacionais se sucedem com uma rapidez nunca antes registrada”<sup>62</sup>.

---

<sup>61</sup> SIQUEIRA, Carla & MURILO, Tatiana. *Manchete*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC.

<sup>62</sup> MANCHETE. Rio de Janeiro, 26 abr. 1952.

Nos anos 1980, *Manchete* encontrava-se como uma das revistas mais afirmadas no cenário brasileiro, comemorando aquilo que denominou como “30 anos de sucesso”<sup>63</sup>. Por ocasião do centenário da proclamação da república no Brasil, em 1989, a magazine lançou um “caderno especial” de vinte e quatro páginas, encartado em sua edição quotidiana<sup>64</sup>, mantendo inclusive a continuidade da paginação. Sob o título “100 anos de república”, o encarte foi ricamente ilustrado, recorrendo a redação do periódico aos arquivos históricos para a obtenção de tal material iconográfico. O editorial do número em pauta se referia ao fato de que “assim se passaram cem anos”, desde 15 de novembro de 1889, período que teria fechado “um ciclo movimentado de sua História”, ou seja, “o primeiro século, entre ditaduras e a democracia, em busca da maturidade que permita ao país preencher sua vocação de grande potência”. Considerava que constituía “uma coincidência oportuna” a daquela edição especial, a qual estaria a oferecer “rica matéria de reflexão a todos aqueles que se preparam – depois de longo jejum – para escolher pelo voto o próximo Presidente do Brasil”.

O caderno especial em que *Manchete* definia como uma seção denominada “Documento” era ilustrado com a estampa de um detalhe da pintura idealizada por Henrique Bernardelli acerca do 15 de Novembro, contando com o protagonismo de Deodoro da Fonseca. A revista demarcava que, nesta data, “o Brasil se despediu da monarquia e se tornou república”, de modo

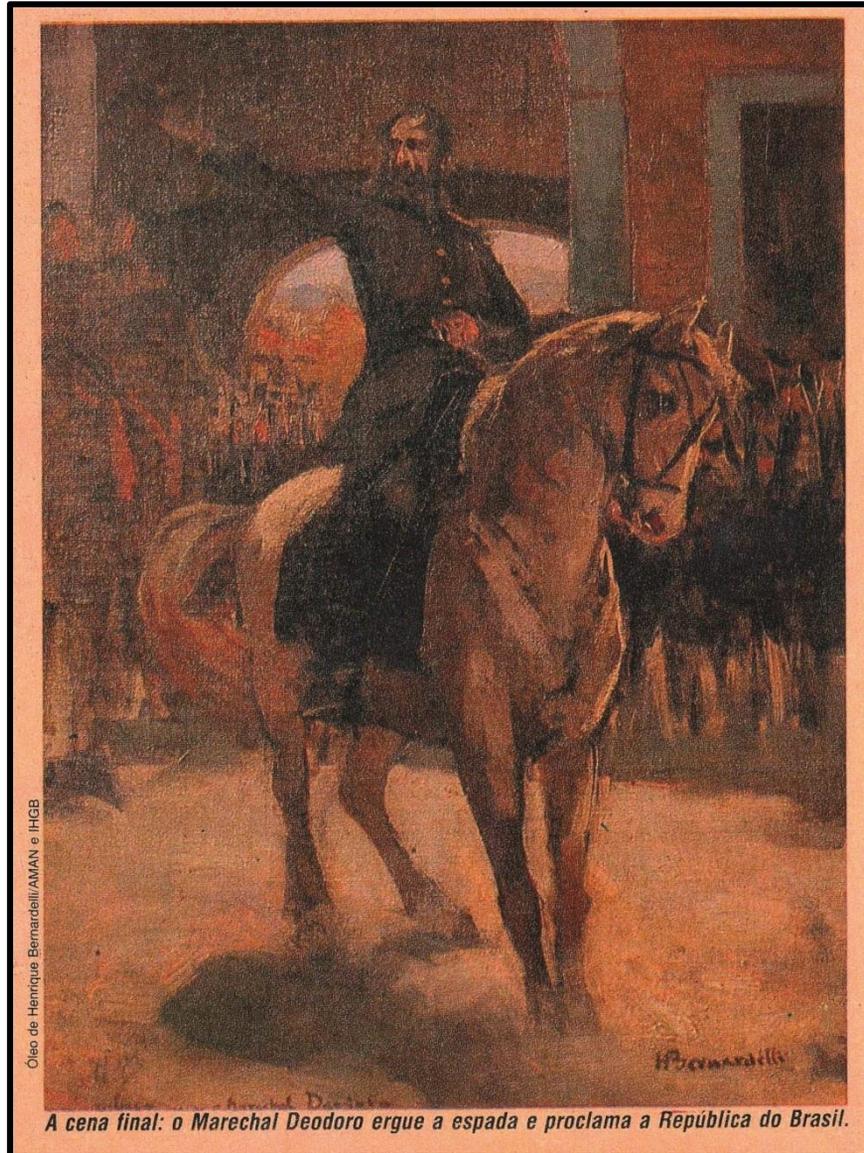
---

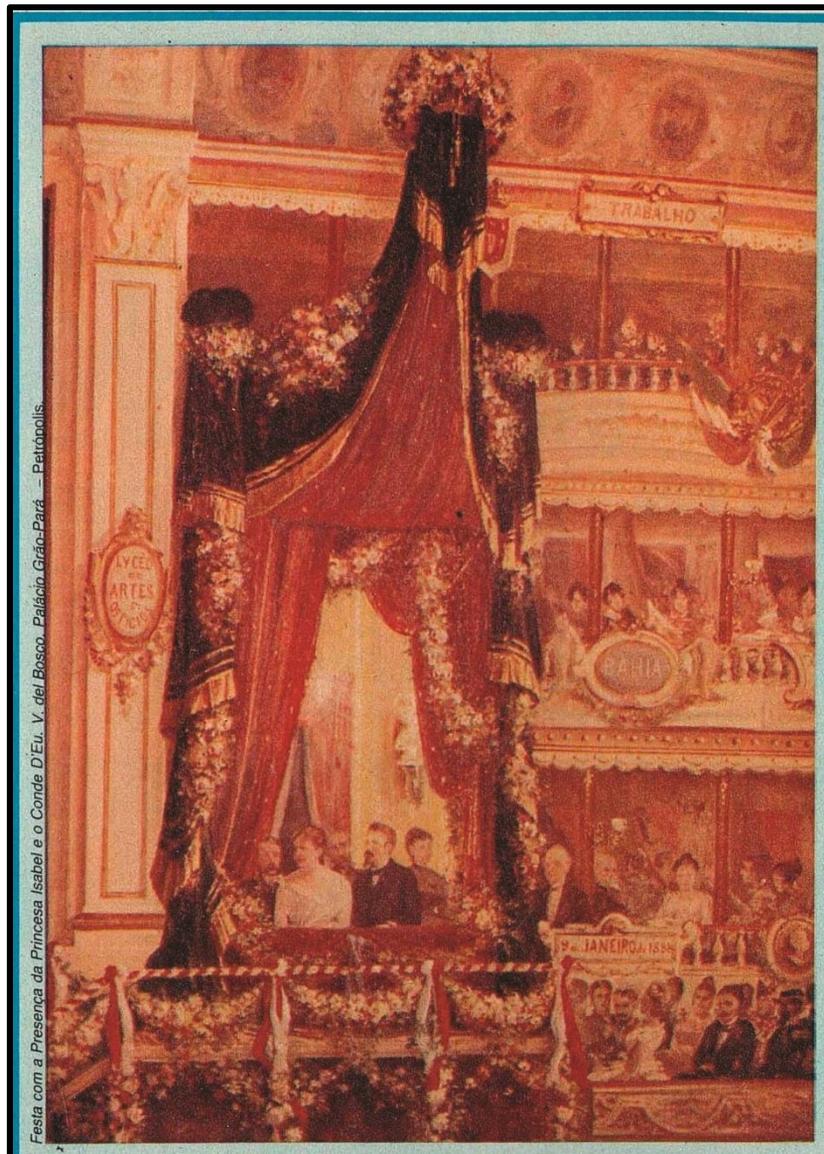
<sup>63</sup> MANCHETE. Rio de Janeiro, 30 jan. 1982.

<sup>64</sup> MANCHETE. Rio de Janeiro, 18 nov. 1989.

que aquela “reportagem-documento” iria mergulhar “em nossa História e reconstituir num mosaico vibrante os componentes desta saga centenária”. Nesse sentido, destacava que abordaria “os hábitos políticos, culturais, econômicos e consumistas do final do século XIX; as raízes e motivações do movimento republicano; a conspiração e seus líderes; o crepúsculo da monarquia”, assim como “o enterro festivo no Baile da Ilha Fiscal; e o nascimento da bandeira brasileira”. Enfim, a magazine garantia que estava a oferecer, “de 1889 a 1989, um retrato de corpo inteiro de nossa república”. O primeiro texto “Um boato, no dia 14, antecipou a deflagração do movimento” foi uma colaboração de Herculano Gomes Mathias, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que escreveu livros sobre relatos de viajantes estrangeiros no Brasil, personagens da história nacional, a Inconfidência Mineira, a formação histórica do Rio de Janeiro, a Revolução Francesa e um histórico do comércio brasileiro. O escrito tratava do devir histórico transcorrido entre a formação do último ministério imperial e a proclamação da república e era ilustrado com gravuras trazendo a imagens da família imperial e do Baile da Ilha Fiscal, último evento da época monárquica.







Festa com a Presença da Princesa Isabel e o Conde D'Eu. V. del Bosco. Palácio Grão-Pará — Petrópolis.







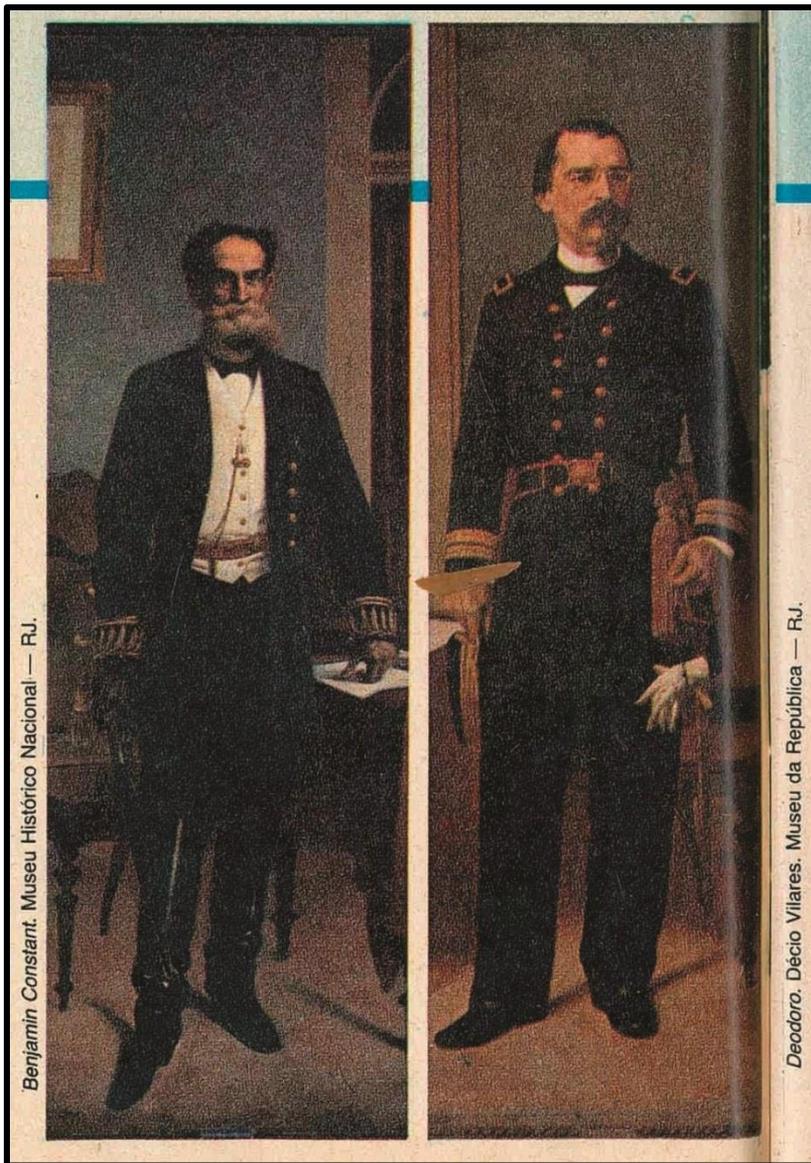
O Último Baile da Monarquia, Aurélio Figueiredo. Museu Histórico Nacional — RJ.

**A assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel, que determinava a libertação de todos os escravos do país, ocasionou a queda na produção agrícola e a recessão na economia. Mesmo a popularidade da princesa (nas ilustrações, ao alto, com o Conde D'Eu e acima, com a família imperial), não impediu a propagação dos ideais republicanos. Em cima, o Baile da Ilha Fiscal.**

O outro artigo, intitulado “O único incidente foi o ferimento, à bala, do Ministro da Marinha”, fazendo referência ao Barão de Ladário, personagem atingido por um tiro no dia da proclamação da república e que versou sobre os acontecimentos imediatos ao 15 de novembro de 1889, com a formação do Governo Provisório, apresentando retratos acerca de personalidades que atuaram em tal cenário e pintura de autoria de Benedito Calixto, retratando o ato da mudança na forma de governo. A recepção do monarca à notícia da transição institucional foi abordada em “O dia em que D. Pedro soube que o império terminara”, trazendo as ilustrações que apresentavam a entrega do documento do exílio para o Imperador, bem como a partida da embarcação que levava a família imperial para o exílio e ainda o retrato caricatural de D. Pedro II, publicado no *Álbum das glórias*, elaborado pelo artista português Rafael Bordalo Pinheiro. O manifesto do proclamador da república e seu primeiro Presidente era transcrito em “No discurso, os ideais de liberdade e respeito ao povo”, com gravuras a respeito da ação da Assembleia Nacional Constituinte. Os pavilhões que representaram o Brasil, desde a época colonial até a instauração da república e a presença positivista na elaboração do símbolo republicano, notadamente de seu lema, eram destacados em “Bandeiras de todas as cores”.



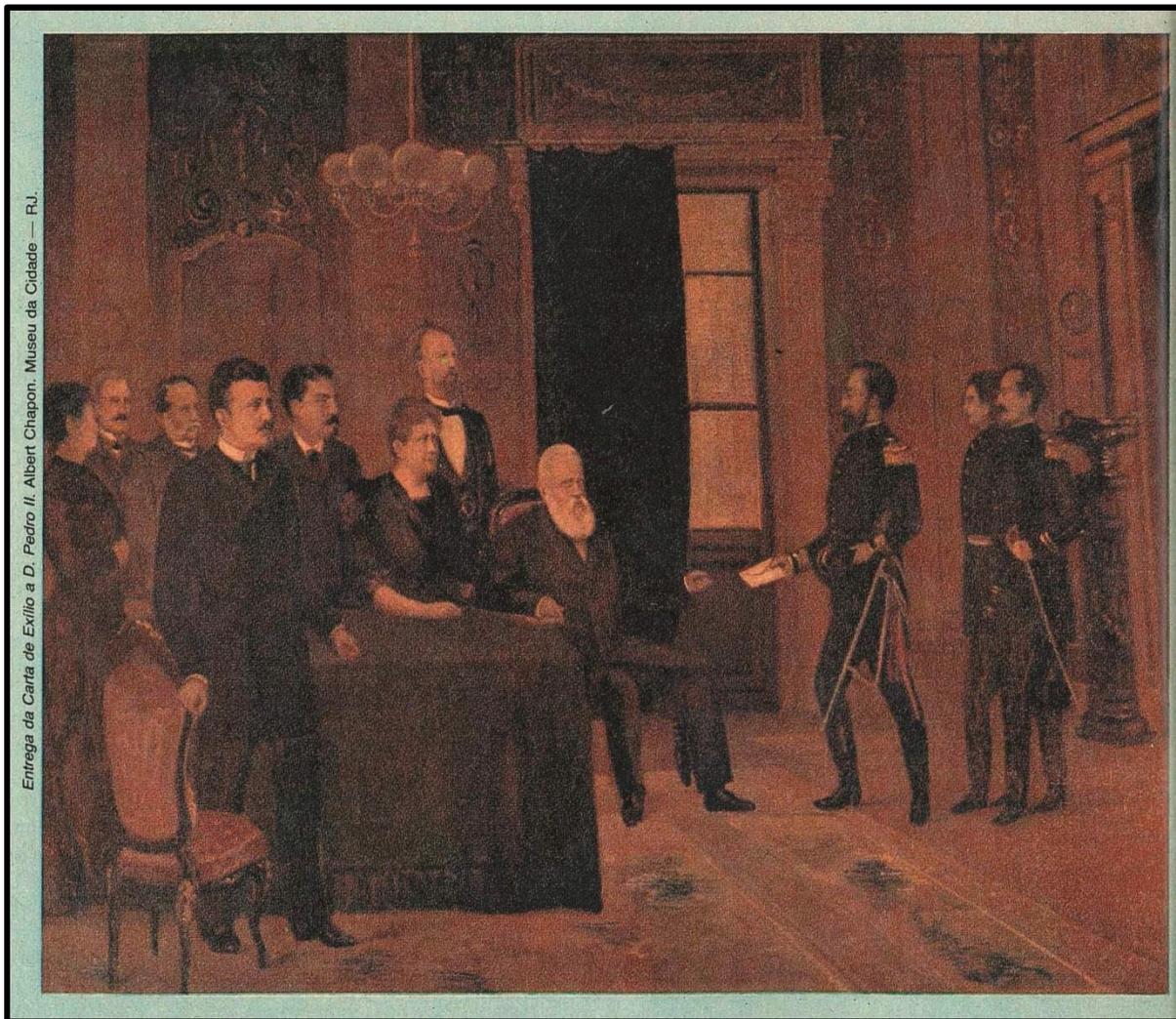
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

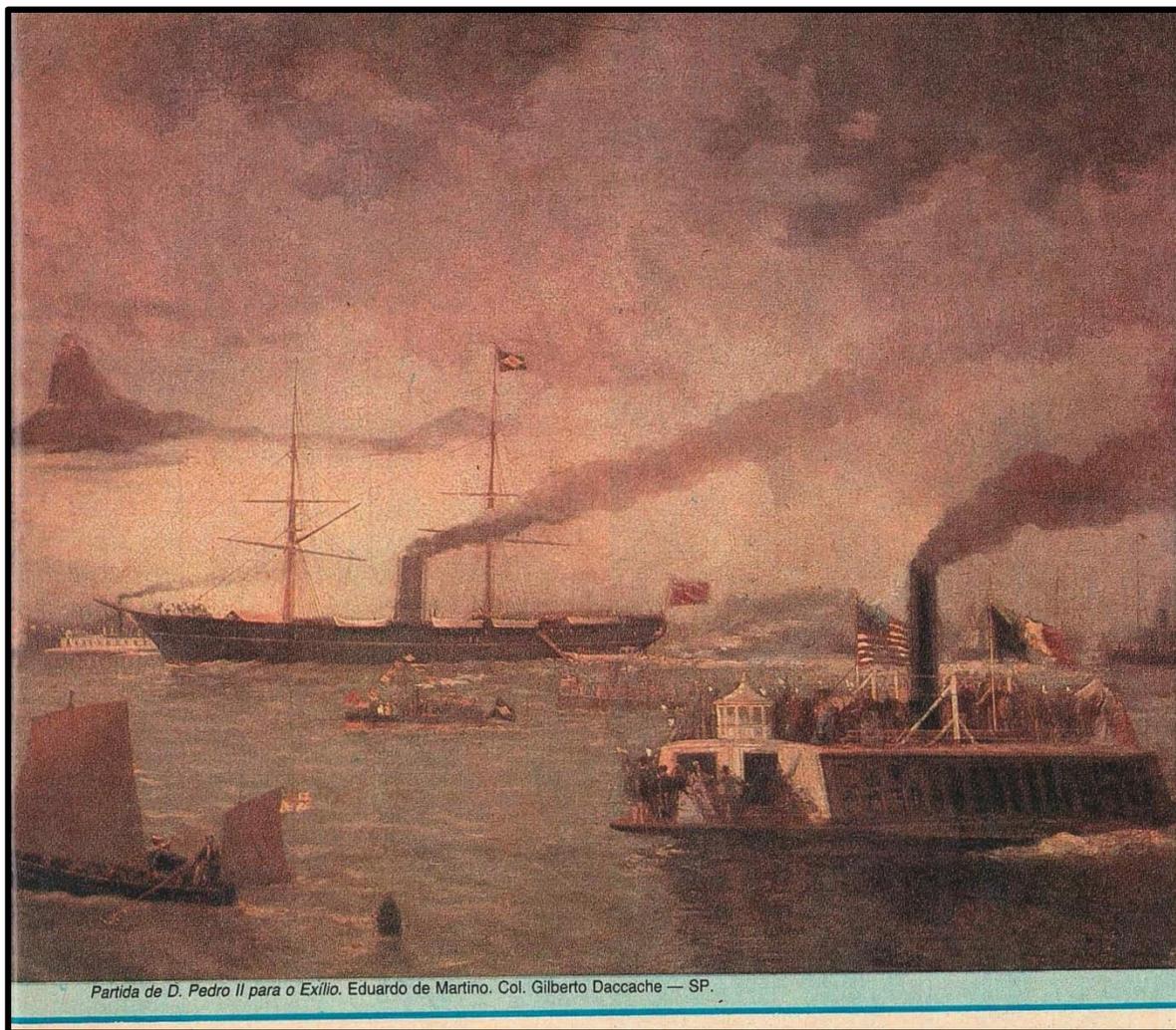


Benjamin Constant. Museu Histórico Nacional — RJ.

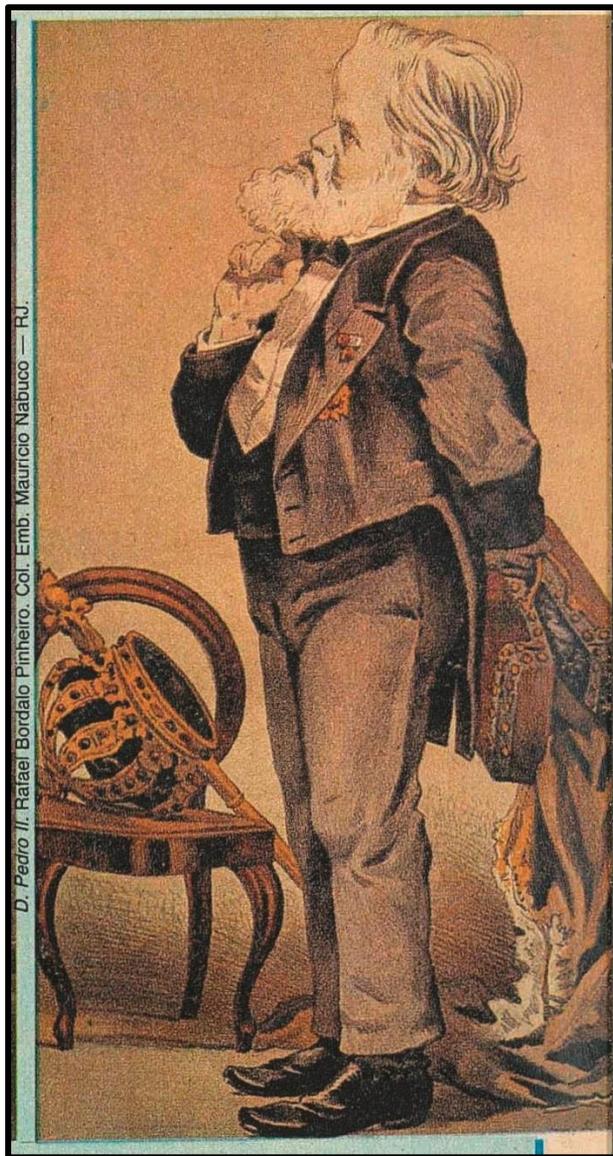
Decodoro. Décio Vilares. Museu da República — RJ.

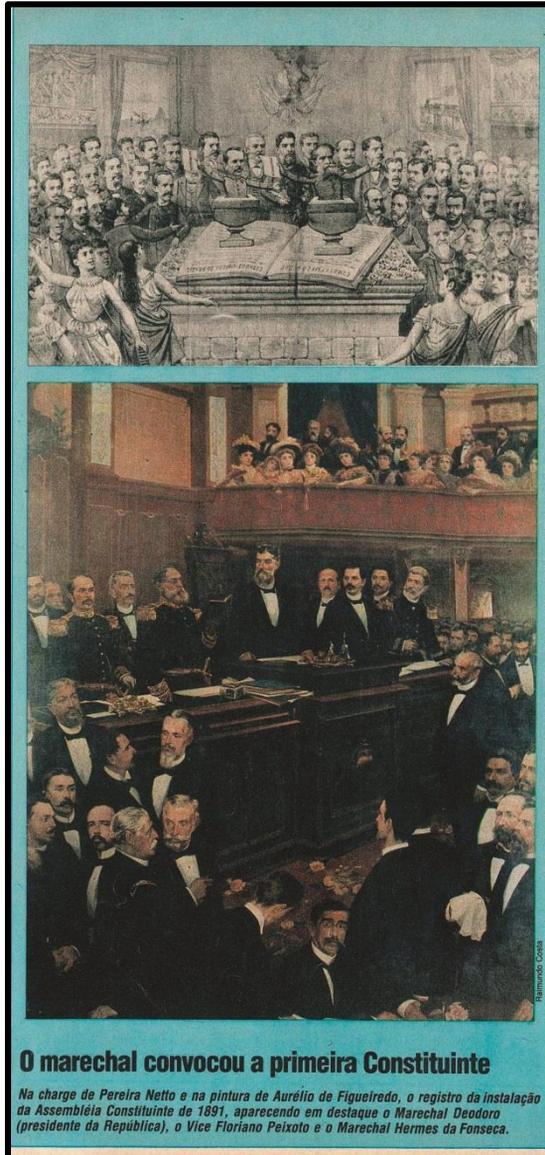






FRANCISCO DAS NEVES ALVES



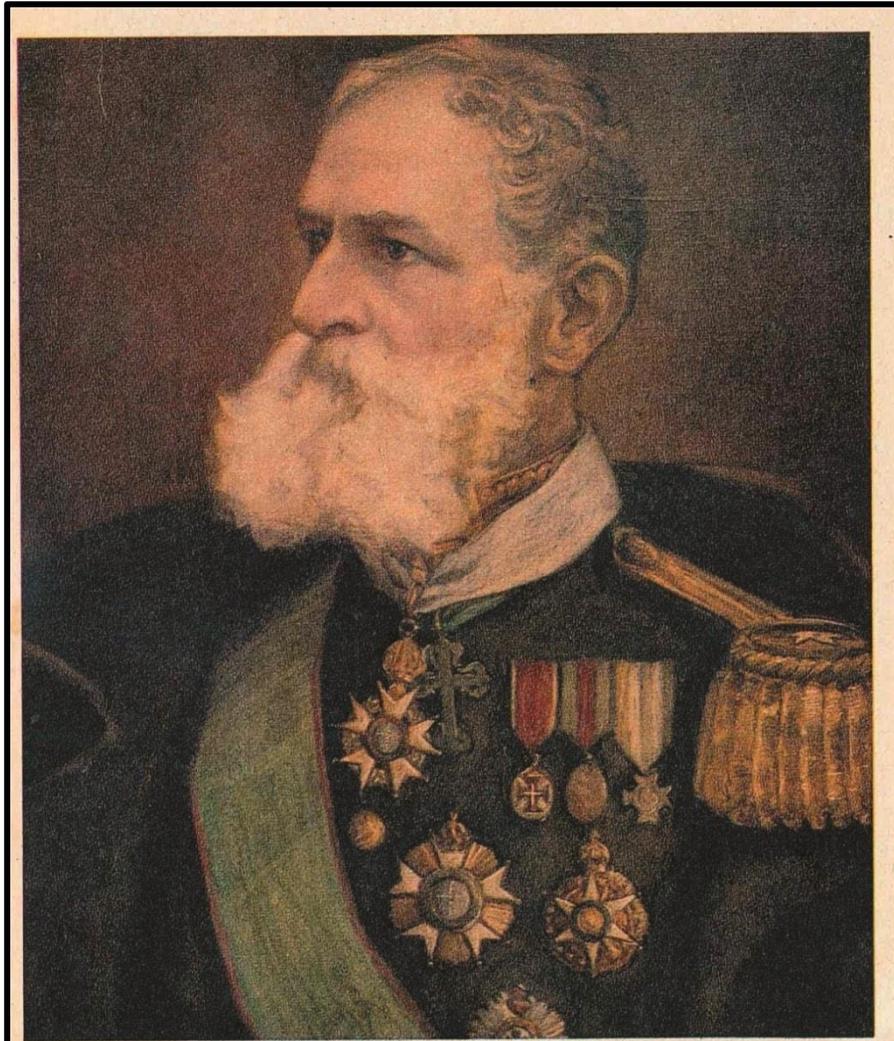


FRANCISCO DAS NEVES ALVES

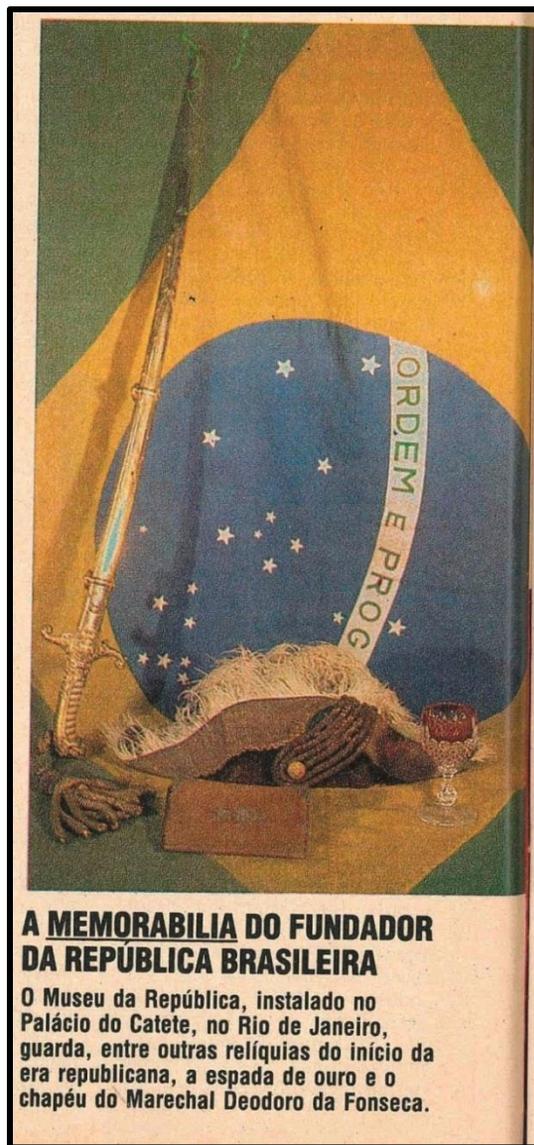




Os Presidentes da República foram um destaque do caderno especial, com ênfase para o primeiro deles, em matéria denominada “Deodoro o pai da república”, trazendo detalhes e registros imagéticos da ação política e da vida pessoal e familiar do personagem. Em seguida, três páginas eram ocupadas pelos retratos presidenciais, acompanhada de breve biografia de cada um dos governantes, com as efígies de Floriano Peixoto, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca, Venceslau Brás, Delfim Moreira, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luís, Getúlio Vargas, Eurico Gaspar Dutra, Café Filho, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, João Goulart, Castelo Branco, Costa e Silva, Emílio Médici, Ernesto Geisel, João Figueiredo, Tancredo Neves (o qual nem chegou a assumir a presidência) e José Sarney. Houve também uma seção dedicada à “Memória”, dando destaque para as “Relíquias da república”, com presença do Museu da República, instalado no Palácio do Catete, verdadeiro símbolo do poder presidencial desde a República Velha até a década de 1960, com ilustrações acerca do prédio e do acervo ali alocado.



**Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, artífice da proclamação da República e primeiro presidente do Brasil.**



**A MEMORABILIA DO FUNDADOR  
DA REPÚBLICA BRASILEIRA**

O Museu da República, instalado no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, guarda, entre outras relíquias do início da era republicana, a espada de ouro e o chapéu do Marechal Deodoro da Fonseca.

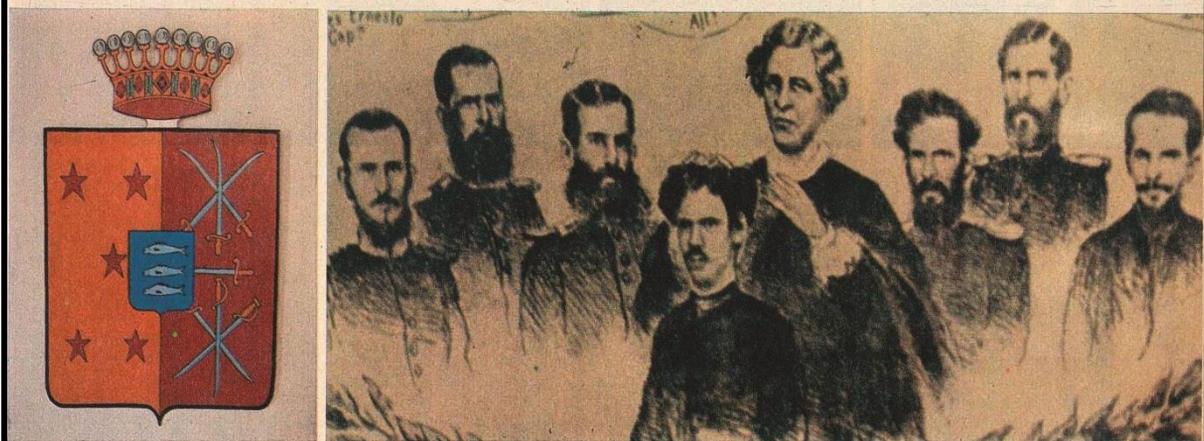




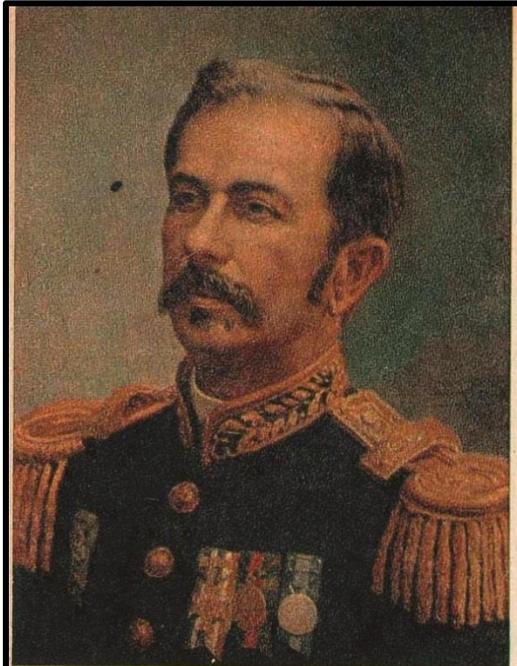
regime institucional ao Brasil. Na outra foto, a casa onde nasceu Deodoro, em Alagoas.



Na Casa de Deodoro, em Alagoas, pode-se admirar a simplicidade do quarto onde viveu Manuel Deodoro, e a roca de fiar da mãe, d. Roza Paulina.

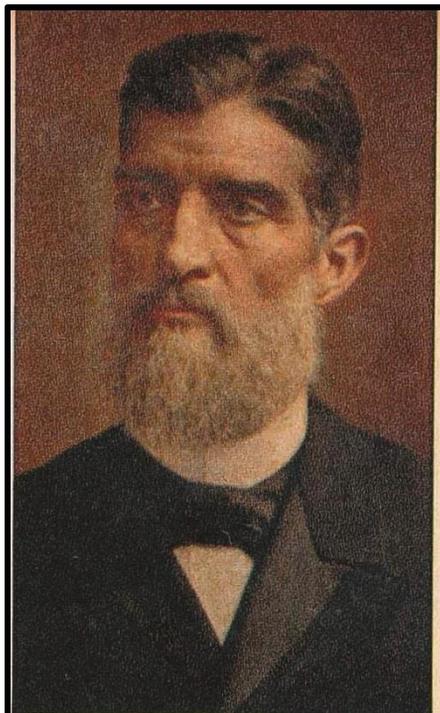


Embora republicanos, os Fonseca também tinham brasão. Na foto, Dona Paulina e os sete filhos que lutaram na Guerra do Paraguai.

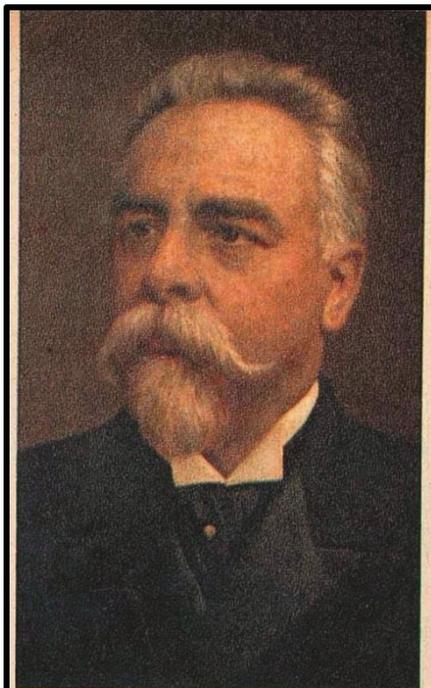


**OS PRESIDENTES**

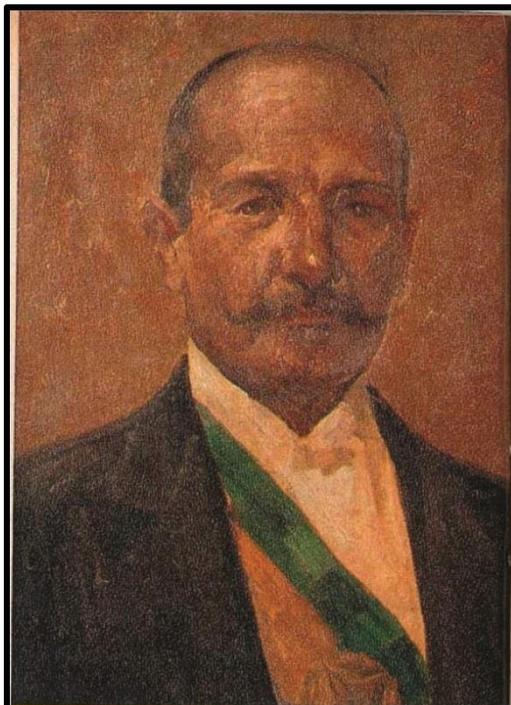
■ **Floriano Peixoto** (23/11/1891 — 15/11/1894) — Nasceu em 30 de abril, na Vila de Ipioca, em Alagoas. Militar de carreira, no momento da proclamação da República, Floriano ocupava o posto de ajudante-geral do Exército no gabinete Ouro Preto, tendo se negado a dispersar as tropas que vinham depor a monarquia. Fez parte do Governo Provisório na pasta da Guerra em 1890, em substituição a Benjamin Constant. Com a renúncia de Deodoro, em 23 de novembro de 1891, Floriano passou a ser o presidente do Brasil. Morreu em 29 de junho de 1895.



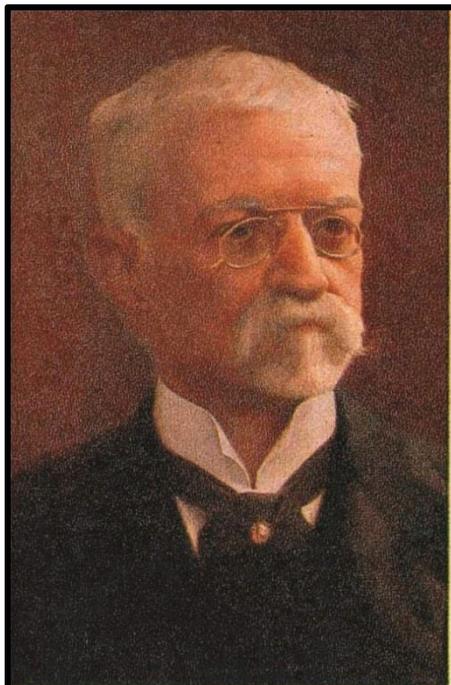
■ Prudente de Moraes (15/11/1894 — 15/11/1898) — Nasceu em Itu, São Paulo, em 4 de outubro de 1841. Como advogado, iniciou sua carreira em 1865. Membro do Partido Republicano desde 1876, depois da proclamação da República exerceu o governo de São Paulo. Eleito constituinte em 1890, chegou à presidência do Senado, onde encabeçou a oposição a Deodoro. Em 1894, tornou-se o primeiro presidente brasileiro eleito pelo voto popular. Faleceu a 02/12/1902.



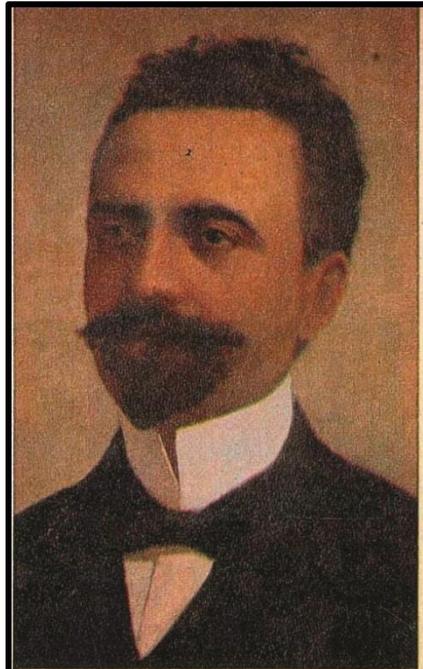
■ Campos Sales (15/11/1898 — 15/11/1902) — Nasceu em 13 de fevereiro de 1841, em Campinas, SP. Diplomado em Direito em 1863, elegeu-se deputado provincial em 1867, tendo representado o Partido Republicano na Câmara dos Deputados do Império, a partir de 1885. Após a proclamação da República, foi ministro da Justiça do Governo Provisório e, mais tarde, presidente de São Paulo. Promoveu o saneamento das finanças nacionais. Com o término de seu mandato, voltou à política em 1909, como senador por SP, morrendo a 28 de junho de 1913, em Santos.



■ Rodrigues Alves (15/11/1902— 15/11/1906) — Nasceu em Guaratinguetá, SP, em 7 de julho de 1848. Bacharel em Direito, iniciou sua vida política em 1872, como deputado provincial pelo Partido Conservador. Elegeu-se deputado constituinte em 1890, tendo sido ministro da Fazenda nos governos de Floriano Peixoto e Prudente de Moraes. Após deixar a presidência, voltou a ocupar o governo de São Paulo, e, em seguida, uma cadeira de senador. Faleceu em 16 de janeiro de 1919, no Rio de Janeiro, vítima da gripe espanhola.



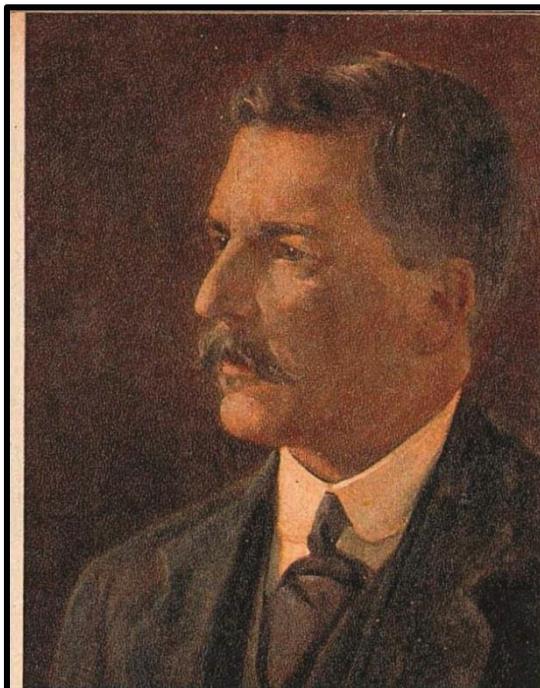
■ Afonso Pena (15/11/1906 — 14/06/1909) — Nasceu a 30/11/1847, em Santa Bárbara, MG. Advogado, iniciou sua carreira política em 1874 como deputado provincial, e durante o Império ocupou os ministérios da Guerra (1882), da Agricultura (1883) e da Justiça (1885). Elegeu-se deputado constituinte em 1890 e, posteriormente, presidente de MG. Com o fim do seu mandato, passou a ocupar a presidência do Banco do Brasil, até que em 1906 foi eleito presidente da República. Já idoso e doente, faleceu antes do término de seu mandato, a 14/06/1909, no Rio de Janeiro.



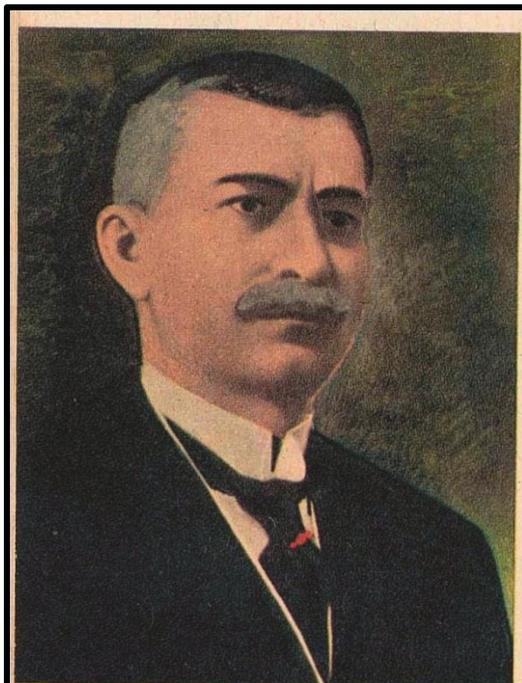
■ Nilo Peçanha (16/06/1909 — 15/11/1910) — Nasceu em Campos, RJ, a 2 de outubro de 1867. Advogado, participou das campanhas abolicionista e republicana, iniciando sua vida política em 1890 como deputado constituinte. Foi senador, presidente do Estado do Rio de Janeiro e vice-presidente da República. Com a morte de Afonso Pena, tornou-se, aos 41 anos, o mais jovem presidente brasileiro. Em 1922 foi derrotado como candidato à presidência da República pela chapa Reação Republicana, de oposição às oligarquias estaduais. Faleceu no Rio, em 31 de março de 1924.



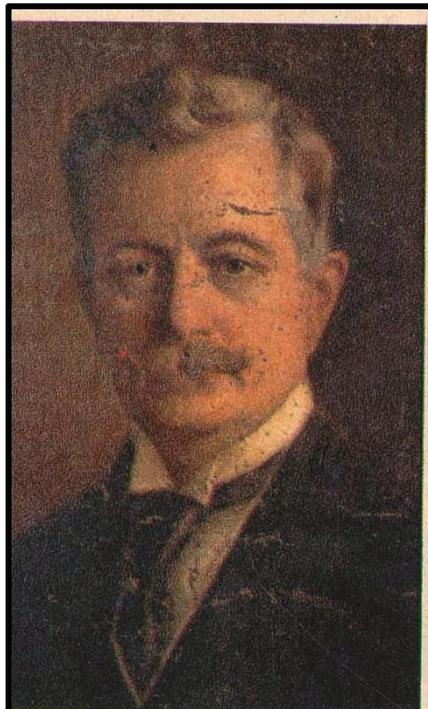
■ **Hermes da Fonseca** (15/11/1910 — 15/11/1914) — Nasceu em S. Gabriel, RS, em 12/05/1855 e era sobrinho do Marechal Deodoro da Fonseca. Dedicou-se à carreira militar, tendo sido um dos fundadores, em 1878, do Clube Republicano do Círculo Militar. Na crise sucessória desencadeada pela morte de Afonso Pena, com a não aceitação do candidato David Campista, seu nome foi lançado, com o apoio dos setores jacobinos e militares. Depois de deixar a presidência, se envolveu, em 1922, na Revolta do Forte de Copacabana, o que lhe valeu a prisão por determinação judicial.



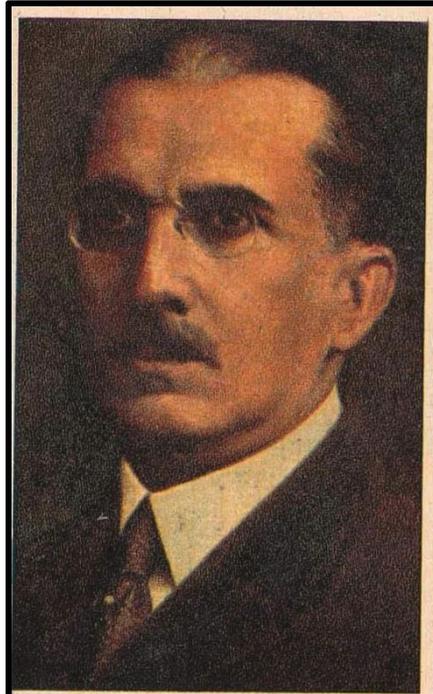
■ Venceslau Brás (15/11/1914 — 15/11/1918) — Nasceu em S. Caetano da Vargem Grande, MG, em 28 de fevereiro de 1868. Bacharel em Direito, iniciou-se na política em 1892 como deputado provincial. Foi secretário do Interior de MG, deputado federal de 1909 a 1910, e presidente do estado, completando o mandato de João Pinheiro, que falecera. Eleito vice-presidente da República, na chapa de Hermes da Fonseca, ao final do mandato seu nome foi lançado como solução conciliatória para as forças estaduais em disputa, concorrendo como candidato único.



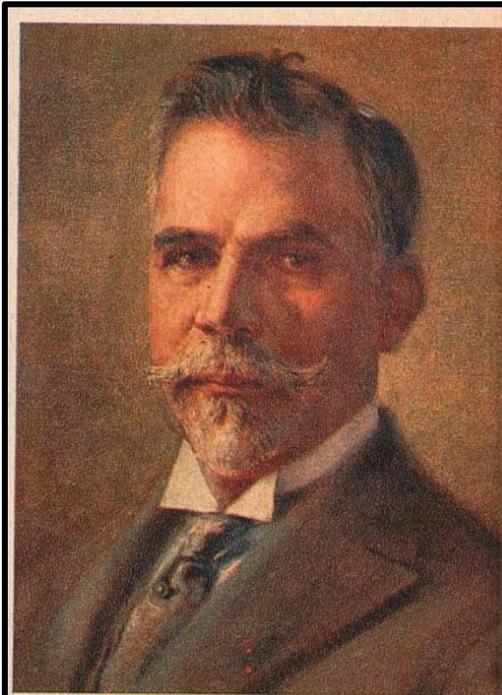
■ **Delfim Moreira** (15/11/1918 — 28/07/1919) — Nasceu em Cristina, MG, em 07/11/1868. Coursou Direito em SP, onde se diplomou em 1890. Deputado estadual, foi nomeado secretário do Interior de MG. Tendo sido deputado federal e senador, em 1918, foi eleito vice-presidente da República na chapa de Rodrigues Alves. Como o presidente eleito não pudesse assumir, foi empossado e manteve o ministério que Rodrigues Alves nomeara. Permaneceu na presidência até a eleição de Epitácio Pessoa, mas continuou na vice-presidência até sua morte em 1920.



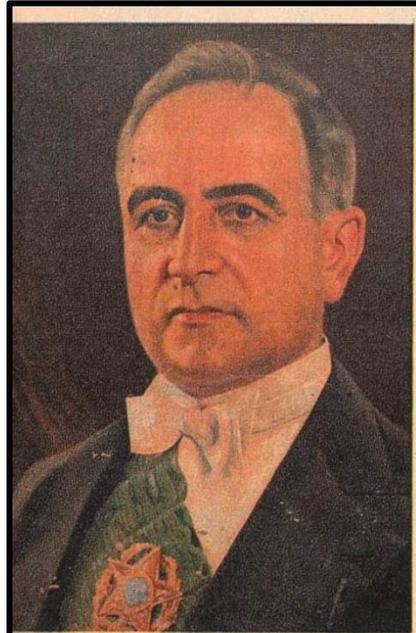
■ Epitácio Pessoa (28/07/1919 — 15/11/1922) — Nasceu em Umbuzeiro, na Paraíba, em 23 de maio de 1865, formando-se em Direito. Foi promotor público em PE, elegendendo-se deputado constituinte em 1890. Em 1898, assumiu a pasta da Justiça no governo Campos Sales, tendo sido nomeado ministro do Supremo Tribunal em 1901. Chefiou a delegação brasileira na Conferência de Paz de Versalhes em 1919, sendo eleito presidente da República quando ainda se encontrava no exterior.



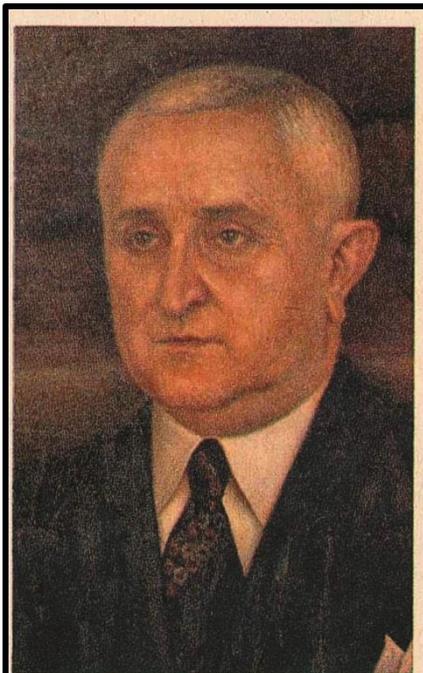
■ Artur Bernardes (15/11/1922 — 15/11/1926) — Nasceu em Viçosa, MG, em 8 de agosto de 1875. Advogado, iniciou sua carreira política como vereador em sua cidade, tendo sido deputado estadual e federal, secretário das Finanças e presidente do seu Estado. Eleito presidente da República, em uma agitada campanha política, governou praticamente todo seu mandato sob estado de sítio, forte censura à imprensa e intervenção na Bahia. Participou da campanha pela criação da Petrobrás em 1954, sendo eleito novamente deputado federal. Morreu no Rio, em 23/03/1955.



■ **Washington Luís** (15/11/1926 — 24/10/1930) — Nasceu em Macaé, Rio de Janeiro, em 26 de outubro de 1869. Bacharel em Direito. Foi prefeito e presidente de SP e senador antes de chegar à presidência da República. Ao fim do seu governo, com a indicação de Júlio Prestes como candidato à sua sucessão e sua eleição em 01/03/1930, a que se juntou grave crise econômica, levaria o regime a uma situação da qual não sobreviveria a I República (Revolução de 30). Washington Luís foi deposto e exilado. Morreu no Brasil em 04/08/1957.



■ **Getúlio Vargas** (03/11/1930 - 29/10/1945) — (31/01/1951 - 24/08/1954) — Nasceu em São Borja, RS, em 19 de abril de 1882. Abandonou a carreira militar em 1902, para estudar Direito. Foi deputado estadual e federal, ministro da Fazenda e em 1928 elegeu-se presidente do Rio Grande do Sul, dali saindo para assumir a chefia do Governo Provisório em 1930. Seus primeiros 15 anos de governo foram marcados pelo nacionalismo e implantação de reformas sociais no país e o autoritarismo. Foi deposto no dia 29 de outubro de 1945. Em 1950, foi eleito presidente da República, vindo a suicidar-se com um tiro no peito na manhã de 24/08/1954, no Palácio do Catete.



■ **Eurico Gaspar Dutra** (31/01/1946 - 31/01/1951) — Nasceu em Cuiabá, MT, a 18 de maio de 1889. Militar de carreira, em 1936 assumiu o ministério da Guerra, permanecendo no cargo até 1945, quando participou da deposição de Getúlio Vargas. Durante a primeira fase de seu mandato, foi instalada a Assembléia Nacional Constituinte, responsável pela elaboração da Constituição de 1946. Dutra também construiu as primeiras refinarias de petróleo brasileiras. Com o término do mandato, em 31/01/1951, abandonou a vida pública, falecendo no Rio de Janeiro, em 10/06/1974.



■ **João Café Filho** (24/08/1954 - 09/11/1955) — Nasceu em Natal, RN, em 3 de fevereiro de 1899. Advogado e jornalista, participou ativamente da Revolução de 30, tendo ocupado o cargo de chefe de polícia de Natal. Já rompido com o governo, foi eleito deputado federal em 1935, destacando-se na oposição, o que lhe valeria o exílio na Argentina após o golpe de 1937. De volta ao Brasil, foi deputado constituinte em 1946, sendo indicado e eleito para a vice-presidência em 1950. Com a morte de Vargas, assumiu a presidência. Morreu no Rio, em 20/02/1970.



■ Juscelino Kubitschek de Oliveira (31/01/1956 - 31/01/1961) — Nasceu em Diamantina, MG, a 12/09/1902. Foi deputado federal, prefeito de Belo Horizonte e governador de Minas. Elegeu-se presidente da República pela coligação PSD-PTB. Lançou o Plano de Metas, destinado a fazer o Brasil progredir 50 anos em 5. Construiu Brasília, inaugurando-a a 21 de abril de 1960. Após passar a faixa ao seu sucessor, elegeu-se senador por Goiás, mas foi cassado depois da revolução de 1964. Morreu em um desastre automobilístico na Rodovia Presidente Dutra, em 22/08/1976. Seus restos mortais estão no Memorial JK, em Brasília.



**OS PRESIDENTES**

■ **Jânio Quadros** (31/01/1917 — 25/08/1996) — Nasceu em Campo Grande, MS, em 25/01/1917. Advogado e professor, foi vereador em SP em 1947, deputado estadual em 1950, prefeito em 1953 e governador em 1954. Em 1960 chegou a presidente da República com 5.636.623 votos, renunciando ao cargo em 1961. Em 15/11/1985, elegeu-se prefeito de São Paulo pelo PTB.



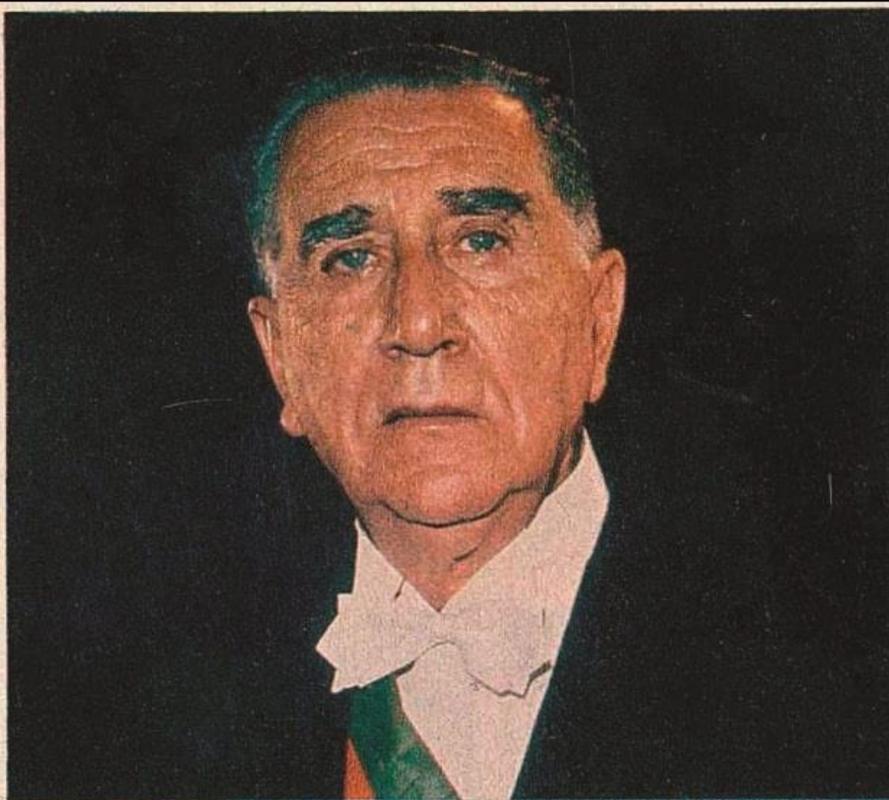
■ **João Goulart** (07/09/1918 — 01/04/1964) — Nasceu em São Borja, RS, a 01/03/1918. Advogado, deputado federal em 45, ministro do Trabalho em 53, vice-presidente da República em 1955 e 60. Após a renúncia de Jânio Quadros, assumiu a presidência em 07/09/1961, sob vigência da emenda constitucional que instituiu o Parlamentarismo. Foi deposto, por golpe militar, em 31/03/1964. Morreu a 06/12/1976, em Corrientes, Argentina, no exílio.



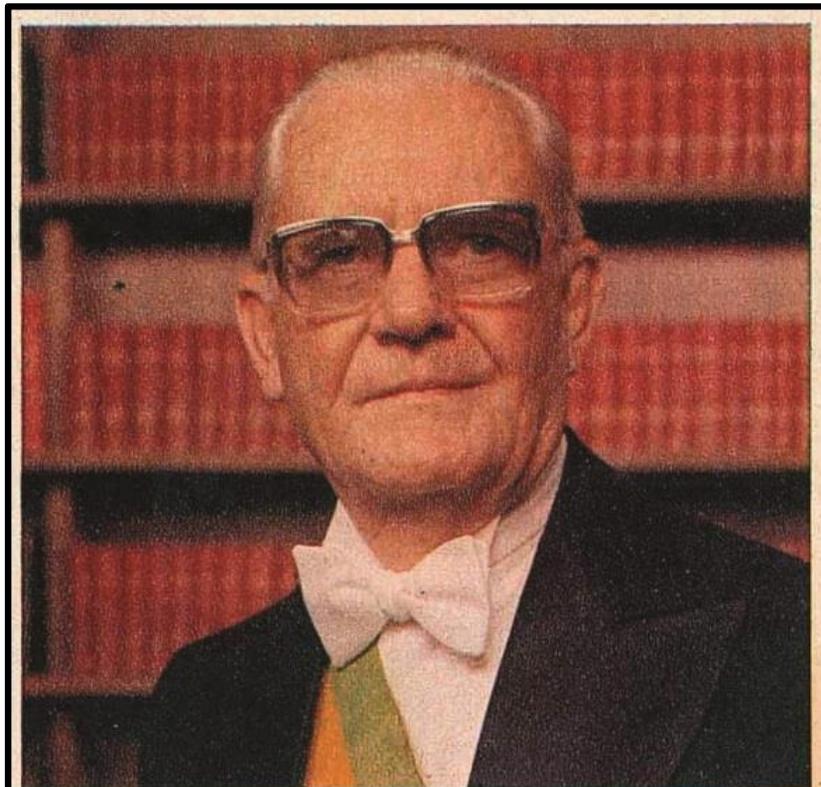
■ **Castello Branco** (15/04/1964 — 15/03/1967) — Nasceu em Mecejana, CE, a 20/09/1900. Chefe do Estado-Maior do Exército em 1964, atuou na deposição de Goulart. Reformado no posto de marechal, foi eleito presidente, pelo Congresso, em 11/04/1964. O último ato de seu governo foi a instituição da Lei de Segurança Nacional. Faleceu em 18/07/1967, em Fortaleza.



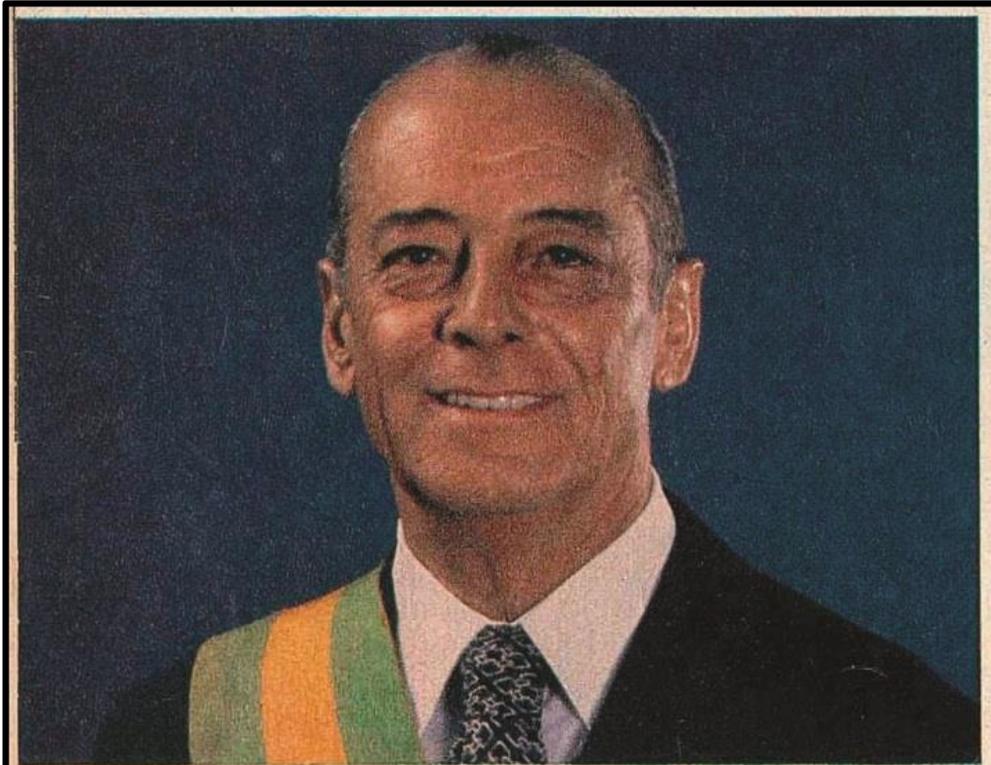
■ Arthur da Costa e Silva (15/03/1967 — 31/08/1969) — Nasceu em Taquari, RS, em 03/10/1902. Ministro da Guerra no governo Castelo Branco e eleito presidente da República pelo Congresso em 03/10/1966, tomou posse quando entrava em vigor a nova Constituição. Seu governo foi sacudido por grandes manifestações de protesto, em 1968, contidas pelo AI-5. Faleceu no Rio de Janeiro em 17/12/1969.



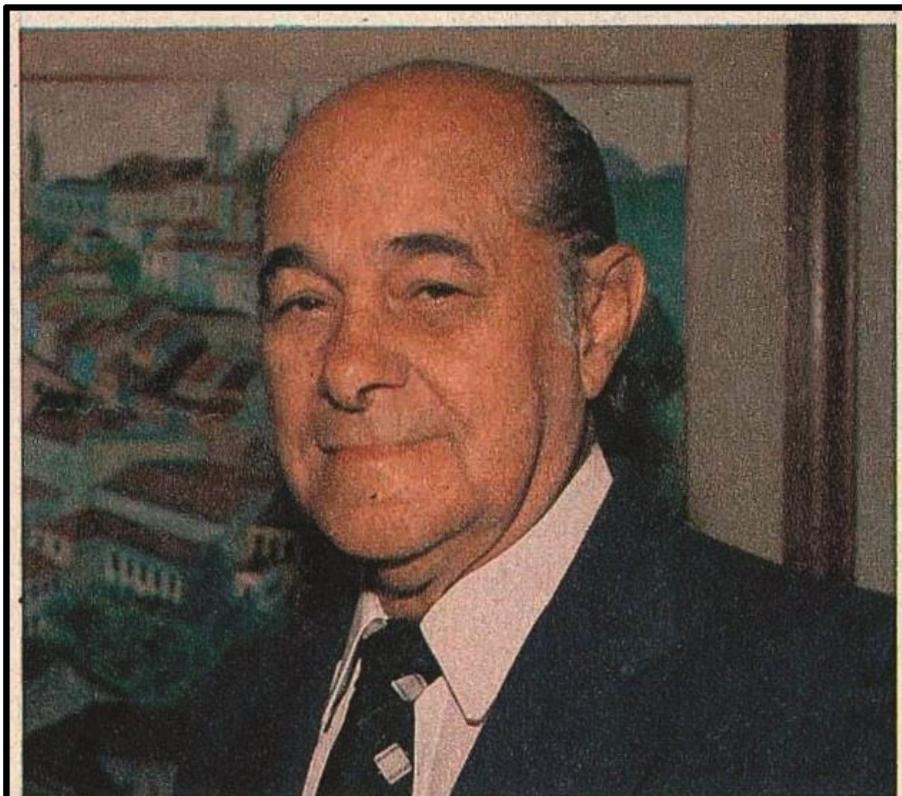
■ **Emílio Garrastazu Médici** (30/10/1969 — 15/03/1974) — Nasceu em Bagé, RS, a 04/12/1905. Militar de carreira, foi um dos primeiros a aderir ao golpe que depôs Goulart. Em 1967, foi nomeado chefe do SNI e, em 1969, designado comandante do III Exército. Sua administração se identifica com o “milagre econômico”. Morreu no Rio, em 09/10/1985.



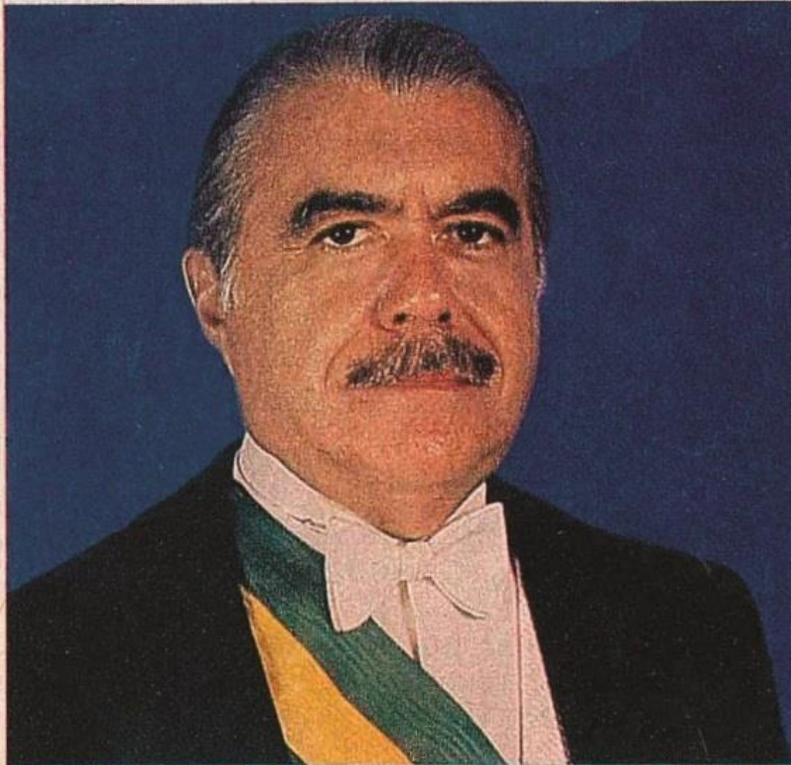
■ **Ernesto Geisel** (15/03/1974 — 15/03/1979) — Nasceu em Bento Gonçalves, RS, a 03/08/1908. Em 64, assumiu a chefia da Casa Militar, foi promovido a general-de-exército em 66, ministro do Supremo Tribunal Militar de 1967 a 69 e presidente da Petrobrás. Eleito presidente pelo Congresso em 15/01/1974, Geisel deu partida à abertura democrática.



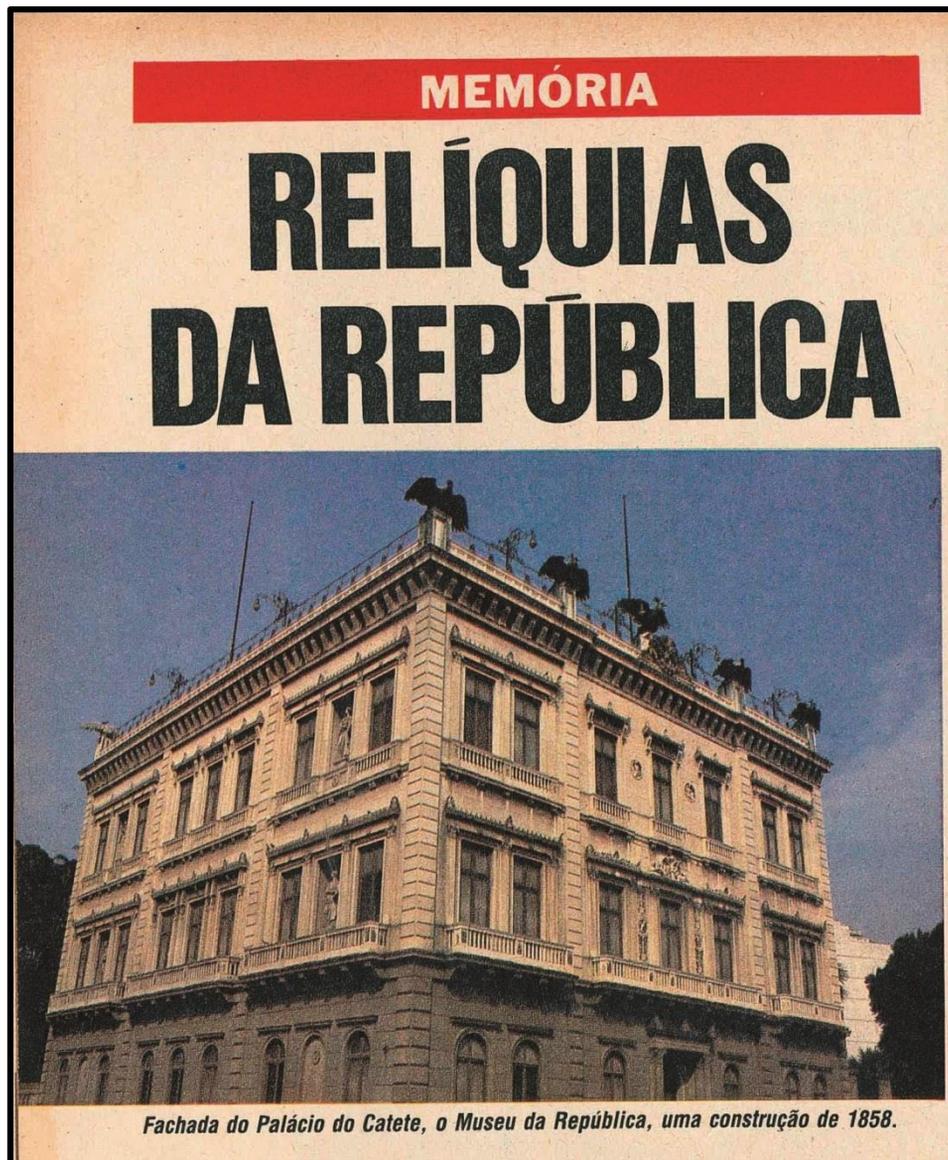
■ **João Figueiredo** (15/03/1979 — 15/03/1985) — Nasceu no Rio, a 15/01/1918. Em 1964 chefiou a agência do SNI no Rio. Em 78 recebeu a quarta estrela de general e foi eleito presidente. Deu continuidade à abertura democrática, que culminou na Lei de Anistia e na eleição de Tancredo Neves à presidência em 15/01/1985 pelo Colégio Eleitoral.



■ Tancredo Neves Nasceu em 04/03/1910, em São João del Rey, MG. Formado em ciências jurídicas e sociais, foi promotor público e, após notável militância política, foi eleito presidente. Não tomou posse. Gravemente enfermo, ele viria a falecer a 21/04/1985, no Hospital das Clínicas, em São Paulo.

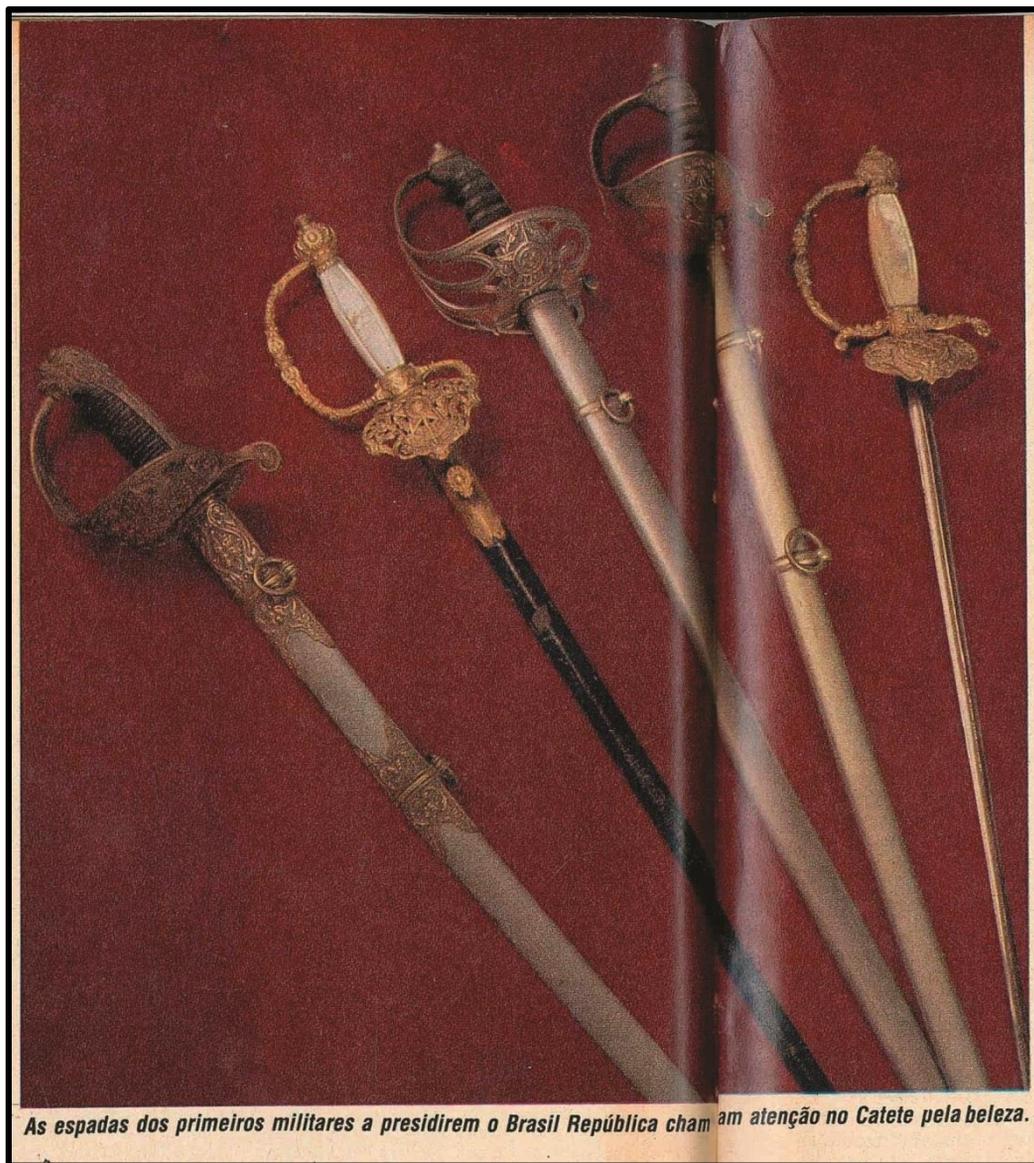


■ José Sarney (21/04/1985 — ) — Nasceu em Pinheiro, MA, a 24/04/1930. Formado em direito, deputado federal em 1956, 58 e 62, governador do Maranhão em 66 e senador em 70 e 78. Eleito vice-presidente na chapa Tancredo Neves, assumiu a presidência em 1985, para coroar a volta à democracia. Desde 80 é membro da Academia Brasileira de Letras.



*No teto do Museu, a influência do renascimento italiano. Numa das portas, aplicação de bronze.*





*As espadas dos primeiros militares a presidirem o Brasil República chamam atenção no Catete pela beleza.*



*Prudente de Moraes, que governou o país entre 1894 e 1898, tem louças, bengala e medalha no acervo do Museu da República.*



“Os militares e a proclamação” constituía “um resumo sobre a proclamação da república, com base no livro na época ainda no prelo *Rio... palco da História*, de Abraham Ramiro Bentes, militar e escritor paraense, sendo o texto acompanhado pela imagem trazendo a alegoria da entrega do pavilhão nacional por Deodoro da Fonseca à representação feminina da nação. Já a matéria “que país era aquele: os atos e os fatos da queda do império” abordava detalhes das vivências socioeconômicas, político-ideológicas e culturais do Brasil naquele final de século XIX, contendo fragmentos da revista caricata *Dom Quixote*, que acompanhou os primeiros tempos da implantação da república com um olhar crítico, assim como referências ao ato final monárquico, o Baile da Ilha Fiscal e um evento internacional, no caso as ações do assassino Jack, o Estripador, na Inglaterra.



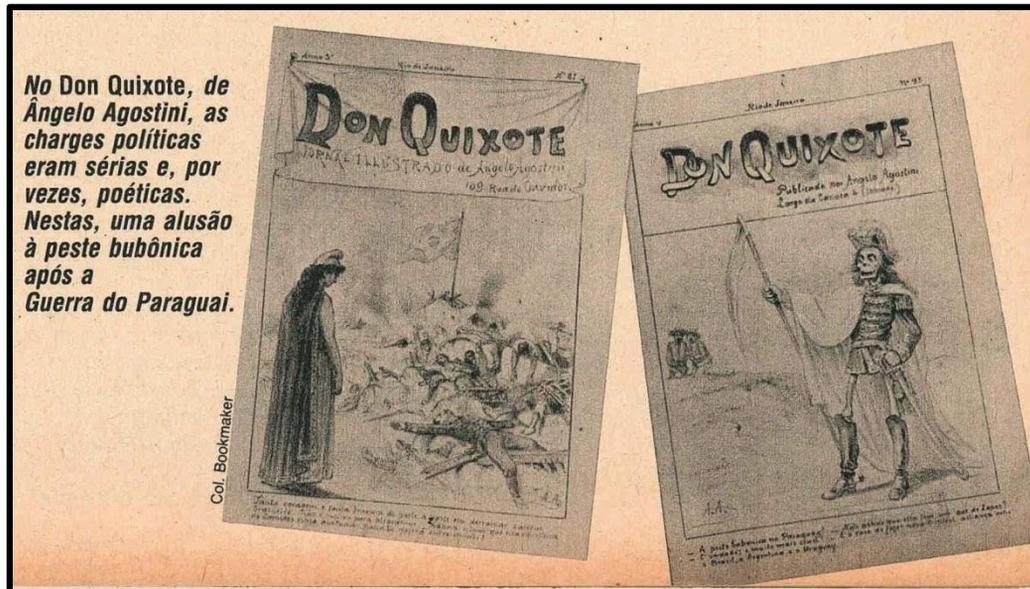


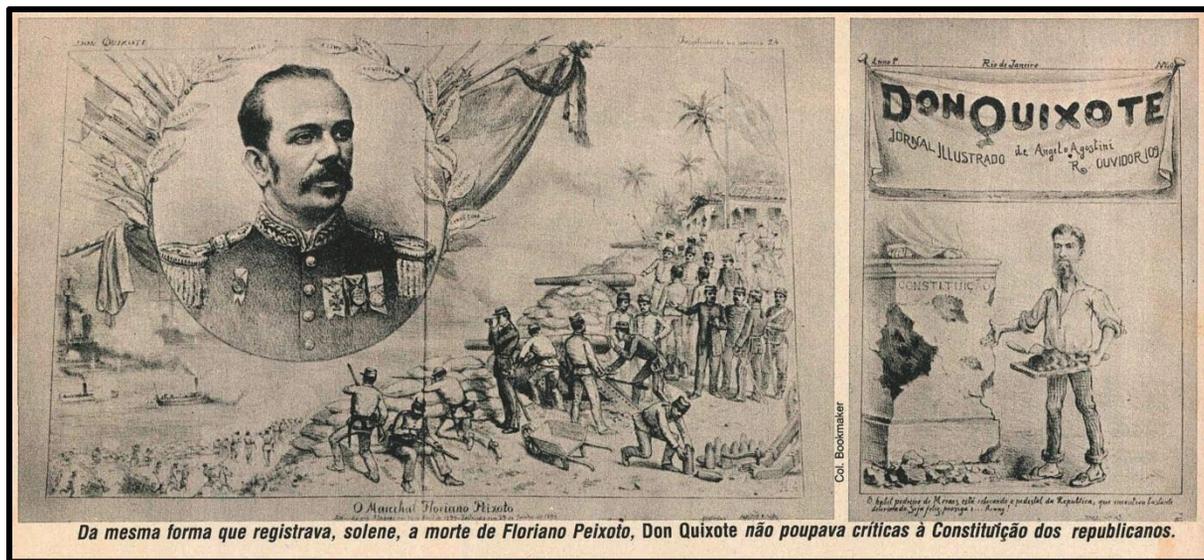


**Ainda Agostini: uma sátira sobre a República, que, segundo a sua ótica imperial, já nascia doente de um mal fatal.**



A FORMA DE GOVERNO REPUBLICANA EM QUESTÃO: ESTUDOS COM BASE NO PERIODISMO





Diante do contexto considerado como um dos pontos altos da redemocratização brasileira, com a eleição direta para Presidente, após quase quatro décadas em que a população ficou alheia ao processo de escolha dos detentores do Poder Executivo na esfera federal, a revista *Manchete* correlacionou o tempo pretérito com o presente, considerando que se tratava de uma significativa oportunidade, ou ainda “uma coincidência oportuna” para oferecer aos seus leitores uma “rica matéria de reflexão”, a qual poderia fornecer algum auxílio para o exercício do voto. O corpo redacional da revista definia o caderno especial publicado por ocasião da passagem dos cem anos da forma de governo republicana, como um “reportagem-documento”, cujo intento seria o de

promover um mergulho na História para “reconstituir num mosaico vibrante os componentes desta saga centenária”. Nesse sentido, o objetivo, como não poderia ser diferente não teria condições de constituir o de “fazer História”, do ponto de vista científico, uma vez que os autores das matérias eram jornalistas. Ainda que houvesse a colaboração de estudiosos apresentados como escritores acerca de temáticas históricas, diletatantes ou não, não foram historiadores os principais articuladores da criação textual. Mantendo a tradição da magazine de oferecer um produto gráfico diferenciado, o uso das ilustrações e das cores foi expressivo para o conjunto da edição especial. Refletindo algumas das tendências das práticas jornalísticas do final dos anos 1980 para tratar de temáticas envolvendo os tempos pretéritos, a “reportagem-documento” da *Manchete* não deixa de constituir uma fonte para o estudo deste período.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

